

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU

Garimpeiros, Agricultores
Assentados, Indígenas,
Pescadores e Moradores

12



boletim
informativo



CARTOGRAFIA DA
CARTOGRAFIA SOCIAL



CARTOGRAFIA DA CARTOGRAFIA SOCIAL: uma síntese das experiências

Coordenação Geral

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Cynthia de Carvalho Martins
Rosa Acevedo Marin

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

Realização

Cooperativa dos Garimpeiros da Ressaca e Ilha da Fazenda (COOMGRIF)
Movimento Xingu Vivo para Sempre

Apoio

Universidade Federal do Pará
Faculdade de Etnodiversidade – Campus de Altamira/ UFPA
Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Participantes

Oficina Cooperativa dos Garimpeiros da Vila da Ressaca

José Lopes, Josué Pereira de Sousa, Josias Pereira de Sousa, Divino Alberto Gomes, Francisco Candido dos Santos, Francisco Barbosa dos Santos, José Pereira Cunha, Francisco Pereira da Silva, Edmilson Lourenço da Silva, Antônio Lourenço da Silva, Francisco Lourenço da Silva, Idglan da Silva Cunha, Valdimiro Pereira Lima, Valdenice Nascimento da Silva, Felix da Silva, Domingos Serrão

Oficina na Ilha da Fazenda

Miguel Carneiro de Sousa, João Lisboa Sobrinho, Otávio Assunção Cardoso, Isa Assunção Cardoso, Sebastião Almeida, Antônio Paulo de Almeida, Dalva Gomes da Silva, Nina Alves, Sebastião Silva Arara, Ana Lúcia de Matos Cardoso, Mickaelly Alves dos Santos, Lucilene Santos Assunção, Rosilda Costa da Silva.

Oficina no Travessão do João Bispo

Diego Sousa Nascimento, Taiane Ribeiro da Silva, Antoniel Paulo da Silva Sousa, Adalton Andrade de Sousa, Madalena Maria da Silva, Francinaldo Paulo de

Sousa, Mayara Sousa Silva, Kamily Sousa dos Santos, Bruno Sousa dos Santos, Geane Kelly, Raimundo Paulo da Silva Sousa, Francinalva de Souza, Geovani Santos da Silva

Oficina Travessão do Itatá

Ivanete Ribeiro de Castro, Raimundo Moreira da Silva, Ivone Ferreira de Castro, João Xipaya Leite, Dion Leno dos Santos, Cleidivaldo Soares da Silva, Robson Ribeiro de Castro, Maria dos Santos Leite, Hilda Ribeiro de Castro, Raiane de Carvalho Silva Santos, Marconi dos Santos, Charles Rodrigues Barbosa, José Antônio Irmão dos Santos

Oficina Travessão do Miro

Laiane Ribeiro da Silva, Maria de Fátima da Silva Bezerra, Taiane Ribeiro da Silva, Diego Sousa Nascimento, Antônio Denilson Ribeiro da Silva, Nailson Ribeiro da Silva, Vanessa Almeida de Oliveira, Andressa Almeida de Oliveira, Eduviges Ribeiro de Sousa, Antônio Nilson da Silva, Antônio Alailson Ribeiro da Silva, Raiane Silva de Freitas, Dalva Moreira, José Moreira, Rosa Maris da Silva

Ficha catalográfica

B688

Boletim Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências / Povos tradicionais da Volta Grande do Xingu: Garimpeiros, Agricultores, Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores, – N. 12 (dez. 2017) / Coordenação da pesquisa: Rosa Elizabeth Acevedo Marin et al. – Manaus: UEA Edições, 2017.

Irregular.

Coordenação do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UFPA-NAEA/PNCSA)

ISSN: 2525-9598

1. Conflitos sociais. 2. Comunidades tradicionais. 3. Territorialidade I.
Título.

CDU: 528.9.912

Crianças

Maria de Fátima Mota de Freitas, Pedro Henrique Freitas, Isabelle Freitas, Sarah Raquel Freitas, Nailson Alves da Silva, Gustavo Alves da Silva, Naiara de Oliveira da Silva, Tainá Sabina Silva de Freitas, Ana Gabriele Silva, Wemilly Silva Nascimento, Kemilly Silva Nascimento, Gersivan Davi Silva Nascimento, Emerson da Silva Mota, Everton da Silva Mota, Ederson da Silva Mota, Larissa Vitoria de Oliveira da Silva

Equipe de Pesquisa

Ana Laíde Soares Barbosa
Dimitria Leão
Elielson Pereira da Silva
Jeremias Kayapó
José Alberto Braz de Lima
Maria do Socorro Conceição Cardoso
Luana Beatriz Peixoto
Rosa Elizabeth Acevedo Marin
Thiago Alan Guedes Sabino

Equipe de transcrição

Dimitria Leão
Luana Beatriz Peixoto
Dairilani Paixão

Fotografia

Luana Beatriz Peixoto
Rosa Elizabeth Acevedo Marin
Jeremias Kayapó

Projeto Gráfico

Philippe Teixeira

Garimpeiros na Volta Grande do Xingu: história e direitos



Sede da COOGROVIF – Cooperativa dos Garimpeiros do Galo, Ressaca, Ouro Verde, Itatá e Ilha da Fazenda. Autorizada pelo DNPM 71/2009, está localizada na rua da beira da Vila da Ressaca hoje está desativada

Em que situação vai ficar a Volta Grande do Xingu? Em que situação vai ficar o “colônio”, o plantador de cacau? o criador de galinha, de porco? Porque essa cava ela vai pros 200 metros de fundura e essa área da superfície, ela vai emendar em alguma plantação? Daqui a 10 ou 20 km? E depois disso ela vai ser remexida dali e jogada fora? E como vai ficar o lençol freático? Com tanta química? E quando a gente faz essas perguntas eles distorcem. Para quê? O pessoal aqui tá tudo teleguiado aqui dentro dessa Vila, gente que quer por que quer uma indenização merreca e ainda diz que nós não temos direito de cobrar todos os direitos nossos. Quer dizer, o povo está cego e a gente precisa mentalizar, mas é união isso, e alimentar que esse pessoal tem que ver essas coisas!

Valdimiro Pereira Lima



A sede da Cooperativa dos Garimpeiros funciona em prédio de alvenaria localizada na rua principal da Vila da Ressaca

Aí o que que ela vai fazer? Ela vai cercar tudinho, porque no Canadá eles têm avião, e não é só no Canadá não, aí pra fora eles têm helicóptero que carrega 70 toneladas – eles têm capacidade de pegar uma castanheira inteira e sair com ela por aí voando – têm conhecimento geológico. Acho que vocês já viram aí no mapa? Pega 200 metros de profundidade, ali está a “geleia”, os metais mais valiosos concentrados no subsolo e vai ficar bem rasiinha. Uma riqueza que eles compram o mundo inteiro, tem dinheiro para comprar o mundo inteiro, se eles pagassem um trilhão, eles não pagariam um por cento

só da riqueza que tem na Grota Seca, quanto mais no Ouro Verde, então, eu aviso meus companheiros: “Não, porque tá mentindo ... Não dá ouvido, não!”... Quer dar ouvido para um homem que chega lá de fora, todo engravatado? Então, esses mesmos vão sofrer as consequências... eu posso sofrer as consequências, mas neguinho aí depois vão chorar... depois que o leite tá derramado, nunca mais que a gente pode aproveitar.

E eu não quero empresa nenhuma aqui, eu quero empresa se fosse nossa, garimpeira, porque nós não vamos desagradar o meio ambiente, nós vamos construir e não destruir. Nós temos possibilidade de tirar esse ouro com um poço de 2x2, da profundidade que nós quisermos, sem perigo, agora essa empresa quando ela chegar, ela destrói todos esses rios, essas montanhas, todos esses rios, acaba tudo! Porque o previsto deles, que tem o marco, é 4km direto e 4 indireto, então são 8km de largura, e a extensão, pela média, é de 32 a 40km de extensão, então, o que vai fazer? Vai ficar um mar, futuramente, e essas pesquisas desse trabalho aí, não e por doze anos, isso é uma falsa conversa, que é projeto de 60 até 600 anos. Por que a maior riqueza que existe no planeta, tá acumulada aqui, na Volta Grande do Xingu.

José Pereira Cunha



De esquerda à direita encontram-se durante a apresentação os senhores Valdimiro Pereira Lima, José Pereira Cunha e Jeremias Kayapó. Na janela o senhor Francisco Pereira da Silva

A gente se preocupa, porque essa empresa não tem compromisso com nenhum morador, ela não tem, porque de cinco, seis anos pra cá é de prejuízo. E esse é o maior prejuízo do mundo para nós, não só pela Belo Sun, mas pela Hidroelétrica Belo Monte. Porque, se é uma comunidade, um setor, que nunca foi beneficiado pela Norte Energia, tiraram a água, que era nossa, tiraram tudo que nós tinha. Hoje pescador vive aí morrendo de fome, porque não tem como sobreviver, e o que vem para nós? Nada. A Norte Energia até hoje não se disponibilizou de nada pro pessoal da Volta Grande do Xingu, bem entendido da Ressaca, que é uma comunidade ribeirinha que nunca foi beneficiada. Sempre digo isso em reunião pro pessoal da Norte Energia, que não beneficiaram a população da Ressaca. E a mineradora tem seis anos que se estabilizou na área e nunca fez um benefício para ninguém, e já teve gente aqui que ela indenizou com uma passagem daqui para levar para fora, eu tô mentindo ou estou falando a verdade? *(Dirige-se diretamente para as pessoas sentadas no salão da cooperativa)* Já teve gente aqui que ela botou num caminhão e despejou lá fora, como se fosse a indenização que ela deu. Teve pai de família que levou o filho daqui para morrer assassinado na rua, por motivo de drogas, de roubo, de tudo; jovem que já foi embora daqui e na rua já se acabou porque caiu no mundo droga, do roubo, de tudo, então isso é a boa vida que deram?! Pra população da Volta Grande do Xingu? Não foi! E não tem! Eu acho que o pessoal, a justiça que chegou, são cegos e me permita dizer, porque não tem uma outra palavra para dizer. Será que alguém não viu? O que aconteceu lá em Mariana, em Minas Gerais? O que a Samarco fez com o Rio Doce? Acabou de uma ponta, da nascente até o final. Até hoje o que os mineiros receberam em troca do prejuízo que tiveram? Quando morreu 20 e tantas pessoas lá, pelo fato daquela barragem de rejeito ter desabado? Acabou com a população, matou os seres humanos, e o que foi que a justiça fez em prol do pessoal que morreu lá? Até hoje não receberam nem “muito obrigado” do pessoal e a preocupação nossa, por que não somos diferentes ninguém, é que aconteça o mesmo com a gente,

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU: Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

então, a justiça tinha que abrir o olho para dar um basta nessa situação. Vem para acabar o Xingu, a vida de milhares de pessoas que sobrevivem do Xingu, e vai acabar a alegria de tantos pais de famílias, de tantas crianças que vivem sorrindo na beira do rio, de tanto adolescente que de manhã cedo vai na beira do rio e pega peixe para almoçar e jantar, e leva ele para um deserto para matar ele de fome.



No quadro de avisos da COOMGRIF estão afixadas as licenças recebidas do DNPM, incluindo a Outorga a Permissão de Lavra Garimpeira com vigência a partir dessa publicação:(513) 850.973/2007-COOP DOS GARIMPEIROS DA REGIAO DA RESSACA E ILHA DA FAZENDA - PLG N°71/2009 - Prazo 5 anos, licença que não foi renovada face aos interesses da Mineração Belo Sun

Cadê a justiça? Cadê as leis que existem nesse país? Que tem hora que dá vergonha de dizer que somos brasileiros... Porque tem lei, mas não tem execução, entendeu? Então, isso é uma vergonha para nós; viver num país tão rico e vivermos na pior miséria que existe no mundo. Nós vivemos no estado do Pará, onde se está construindo a terceira hidroelétrica maior do mundo e nós pagamos uma taxa de energia mais cara do que todos os Estados brasileiros, então para nós é uma miséria! E a justiça, digo outra vez, não vê o sofrimento de ninguém, da humanidade pobre. Quando fizemos tantos esforços para botar o senhor Ministro lá no poder, para botar o presidente, para botar deputado, botar o vereador, o senhor Prefeito, para cuidar de uma nação, mas eles tão cuidando de um modo diferente, para acabar com a população, o que me permite falar essas coisas, a bondade que o poder público e a justiça brasileira faz pro pobre é isso, acabar com tudo!

Francisco Pereira da Silva.



Antônio Lourenço da Silva, Valdimiro Pereira Lima e Francisco Barbosa desenham as legendas para o mapa.

Um dia a Vara Agrária fazia uma visita na Grotta Seca, com o pessoal da Belo Sun, o diretor e eu acompanhávamos o juiz da Vara Agrária, não vou citar o nome, pois não adianta. Quando o diretor da Belo Sun, era um senhor Caldeira, falou assim: “Olha, isso aqui já era para ter parado, esse povo já era para ter ido embora daqui, porque não tem mais solução para eles”; dessa forma ele falou pro juiz. Eu estava bem encostadinho e falei: “Você está mentindo, não faz isso!”. É por isso que a empresa não obtém o que ela quer, porque ela não fala a verdade, só mente; mente pro governo, mente pra todo mundo e quer se dar bem e é mentira! E o juiz falou para mim: “Eu não vim aqui para ouvir insatisfação

sua, nem do fulano” e eu falei: “Doutor me permita falar a verdade, mas ele tá mentindo, por que semana passada teve uma reunião no COEMA lá em Belém, e ele falou para o pessoal da reunião, que 30% do povo daqui trabalhava na empresa e 70% tinha sido indenizado. É mentira! É mentira doutor! Porque se tivesse 30% trabalhando na empresa, de 800 pessoas que tem aqui dava 180 pessoas da Vila da Ressaca, não tem 10! Não tem 10! Por esse motivo que eu digo pro senhor que é mentira. E nunca indenizaram ninguém aqui, ele tá mentindo. Com um mês, um mês e pouco, ele perguntou para mim, o próprio juiz: “mas não foi o senhor que disse que o fulano lá tava mentindo?”. “Foi doutor, fui eu que falei. O senhor achou que era verdade?” Ele disse: “Não”. Pois é, mas ele mentiu, e eles mentem pro povo, para justiça, para se darem bem, para adquirir o que eles querem, eles são mentirosos. Digo aqui, digo no juiz, digo em qualquer lugar, porque é um direito meu defender o que é meu, e eu tenho fé em Deus, porque o nosso advogado, o advogado da Volta Grande do Xingu é Jesus, é Deus; alguém pode não dizer pra mim, amanhã ou depois mas vai dizer para outro: “Ei, valeu a pena o que aquele velho falava lá, porque era chato, nas reuniões, nas audiências, mas vale a pena o que ele falou”. Pode não dizer para mim, mas eu vou ficar satisfeito, vai dizer para outro, valeu a pena o que ele falou lá.

Francisco Pereira da Silva.



Francisco Pereira da Silva, s. Josué e Josias Pereira de Sousa, e Divino Alberto Gomes, garimpeiros na Vila da Ressaca.

Eu tenho dito, é o seguinte, nós sabemos que a empresa é uma empresa canadense, esse povo a vida inteira falou que nós aqui, da Volta Grande do Xingu, os garimpeiros, especificamente, trabalham na informalidade, por que trabalham na informalidade? Porque sonegamos imposto, porque nós não pagamos imposto sobre o ouro que nós vendemos, ou as mercadorias que saem daqui. Mas isso não é culpa nossa, é culpa do governo, dos administradores, que nunca colocou aqui dentro um posto da SEFAZ, nunca colou uma agência da Caixa Econômica Federal, para vender nosso ouro, e nós pagar e jogar o imposto em cima, e nós ir lá e pronto, para a gente não ser lesado aqui, por muita gente. Igual nós somos lesados, as vezes é obrigado a vender o ouro barato, porque é na linguagem deles, é o preço deles, são eles que fazem o preço e acabou. Então, por que não se coloca aqui uma agencia da Caixa Econômica Federal? E nós vamos pagar os impostos, vamos vender o ouro lá, vai ser pago os impostos, o cara vai tirar o cacau dele, vai levar para fora, ele vai pagar, vai emitir guia, vai pro posto da SEFAZ, vai tirar a nota dele, ele vai pagar o imposto no cacau dele, tira ali e vai embora com a nota dele carimbada, o município já recolheu o imposto dele. Não é isso que querem? Quando trabalham na informalidade?

Não paga imposto sobre tudo? Paga sobre tudo! Mas não tem como, você vai sair daqui para emitir uma nota, vai atravessar o município da Altamira, depois Vitória do Xingu para chegar lá em Senador José Porfírio, para poder tirar uma nota, porque aqui não tem um posto não tem nada, e nós estamos trabalhando na informalidade porque eles nos forçam a fazer isso. Quantos anos têm que esse pessoal aqui, que a gente luta para ter uma licença para trabalhar? Quantas vezes já se correu atrás? Para não trabalhar na informalidade, conseguimos? Não. Não conseguimos. Conseguimos ali que o DNPM deu, mas cancelaram e não nos deram outra, mas para Belo Sun tem. Para Belo Sun tem. Mas para nós que estamos lutando aqui para não trabalhar na informalidade, querendo pagar os impostos... Deixa nós

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

trabalhar! Porque nós vamos trabalhar e vamos pagar os impostos, o município vai ter os impostos dele do jeito que tem que ser, mas não, só serve pra eles se for uma firma, e a firma, sabendo nós, é uma firma canadense, e aqui nós temos índio, aqui por todo lado tem índio. O governo canadense simplesmente, não admite hoje que se instale nenhuma mineradora dentro do Canadá, que é o país que mais tem mineradoras fora do país deles, no mundo inteiro, o país que mais tem mineradora, 80% das mineradoras, igual em Goiás mesmo, Crixás, tem a Apoena, tem a Mineração Maracá, lá em Paracatu tem Kinross, que é outra. Tudo uns monstros e tudo canadense, agora pra cá tá querendo vir Belo Sun, canadense, pra eles é a maior facilidade, mas lá no país deles, o governo deles não aceita mais, lá eles não aceitam mais que se monte uma mineradora dentro do Canadá, por que? Oitenta por cento do pessoal indígena, e eles colocaram o pé na parede, não! Não mais. Porque vai acabar com o meio ambiente aqui, vai acabar com tudo e hoje eles preservam. Tem lá, aquele país, não sei se é a Noruega, qual que foi, que paga aqui no Brasil, pro Brasil proteger Amazônia, preservar a Amazônia, porque o deles já não tem mais, que eles deram conta de acabar, agora quer tomar de conta do nosso, mas de uma forma diferente, eles querem tomar, comprando, manda um dinheirinho pro governo, fala que é pra preservar a Amazônia, o que que nós temos a ver se eles acabaram com o negócio deles pra lá? Agora nós temos a ver aqui dentro e nós que temos que cuidar, só que nós não temos condições, porque não nos dão condições para trabalhar dessa forma.

Divino Alberto Gomes



Divino Alberto Gomes debate a suposta ilegalidade e sonegação de impostos nos garimpos da Volta Grande do Xingu.

Eu posso fazer uma avaliação? O garimpeiro tá desde 1942 aqui, foi quando foi descoberto isso aqui pelo garimpeiro, em 1942. Hoje você pode trazer o seu carro, pode trazer seu trator, e fazer uma estrada em qualquer lugar, a devastação do garimpeiro não dá 0,25 do que a empresa vai fazer aqui. Eu acho que a cegueira do povo está muito grande em não saber disso, quer dizer, sabe! Os que tão lá trás os políticos, os governantes sabem disso, mas eles se negam e muitos falando que são ambientalistas. Ô gente, onde nós vamos parar? É duro!

Valdimiro Pereira Lima.

Até porque, como nós estávamos falando, na produção do ouro, nós vende o ouro em Altamira, é para empresa registrada, ela está comprando nosso ouro e já tá destacando imposto lá pra Receita Federal. Aí nós vamos compra o alimento em Altamira, estamos pagando, em imposto, vamos comprar as roupas, estamos pagando lá nas lojas, vamos comprar os medicamentos, estamos pagando imposto nas farmácias, nós vamos comprar as peças pros nossos motores, estamos deixando os impostos lá nas lojas de peças, então tudo o que nós fazemos, fica aqui dentro, circula dentro do nosso país, e as empresas, o que elas pegam vai pra onde? Ninguém sabe nem pra onde vai. Fica dizendo: “Ah vai dar emprego” quem tá vivendo atrás de emprego, nós tendo as nossas riquezas naturais? Quem tem que tirar elas somos nós! Nós é que temos que disfrutar delas, não é os estrangeiros, para dar dinheiro para político corrupto, que eles não tão nem se importando com nação, quer é que se dane, ele quer saber dos royalties deles, que eles falam: que a política vale tudo, só não vale é perder. Quer dizer, isso é uma palavra muito agressiva.

Então, o que acontece? Nós aqui não dependemos de governo pra termos cesta básica, ele faz aqui o básico deles, que nem a parte da educação, da saúde que vem quando eles bem querem; estrada para fazer foi a maior luta. Se hoje existe o INCRA ele não quer dar documento, por que hoje a Vale do Rio Doce tem 23 milhões de hectares dentro do Brasil, todo documentado, que corresponde 19,8% do nosso território nacional, quer dizer, a Cooperativa aqui, nós não podemos ter mil hectares para trabalhar que foi um lugar que nós exploramos. Aqui tem família, gerações e gerações geradas aqui de dentro, esse aqui (*aponta um garimpeiro que participa*) o Nuna, ele já tem bisneto, o pai dele morreu agora esses dias, o pai dele alcançou os tataraneto, fruto daqui, da região.

José Pereira Cunha

Então, aqui é lugar bom, nós vive de peixe, nós vive de caça, da floresta, nós vive de fruta, aqui, como eu tava falando, aqui tem uns jovens que a gente vê eles brincando por aí, esses meninos ganham dinheiro com o que? Eles vão aqui na floresta, eles tiram 4, 5 sacos de açaí, de manhã pra meio-dia eles faz 400, 500 reais, eles não vão precisar trabalhar pra ninguém, a tarde eles tão brincando, tomando banho no rio, que é hora que tá quente, vão para casa, come do jeito que quer, tem lá sua vida. Tem uns garotinhos ali que moram na beira do rio, mas de vez em quando eles tão lá pegando o peixinho deles, vão lá na geleira vende, 10 reais o quilo do peixe.

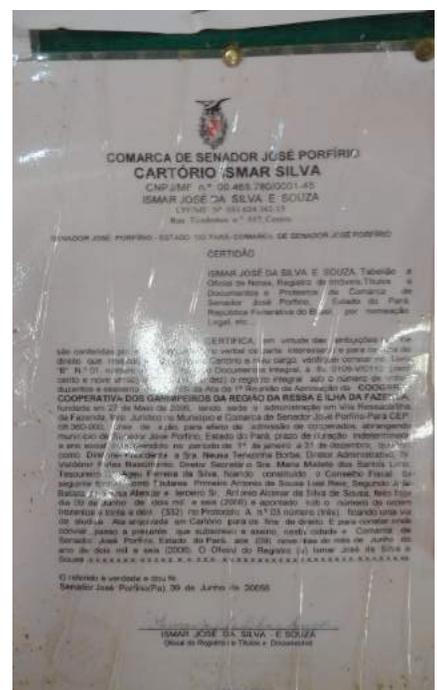
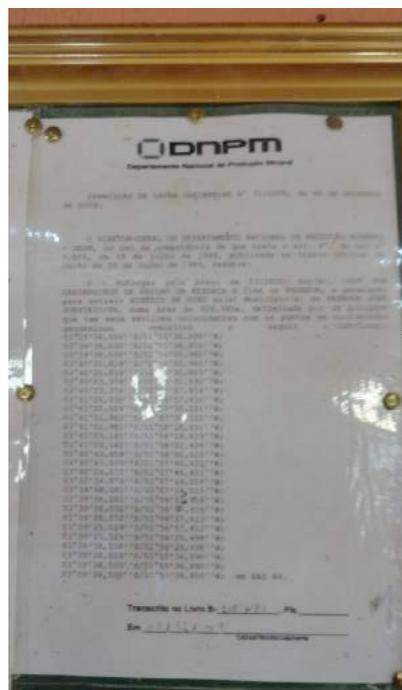
José Pereira Cunha

É, e isso tudo vai ser tirado, gente!

Valdimiro Pereira Lima

Então, aqui, é um lugar que eu, pelo menos, não permito sair daqui, e eu tô só com 25 anos aqui, gostei muito daqui. Nós acabamos com a malária, chegamos pra cá era 24 horas com malária, era! Eu cansei de ficar sozinho em casa, meus trabalhadores, minha família todinha, minha mulher com três filhos, todo mundo gritando: era Zé, era pai, ou então senhor Pirulito: “Me dá remédio, que se não vou morrer”; “Morre não rapaz, tem fé em Deus, viu?” E Deus sempre me segurou toda a vida, com saúde, para poder manter aqui, para fazer chá pra um, chá pra outro, um caribézinho, aquela coisa. Então nós vencemos a malária, vencemos a escuridão, que hoje nós temos energia 24hs com a maior dificuldade, a estrada, não tinha antigamente, pra você ir daqui a 2km, você não ia nem com uma bicicleta, hoje nós temos uma estrada aqui que dá diretamente em Altamira, quer dizer, enfrentamos todas essas dificuldades, para agora pegar de bandeja e entregar pros canadenses, porque eles é que são donos, donos de que?!

José Pereira Cunha



Documentos legais da COOGRIF: 1. Licença de Operação LO 4043. PGL Área de 927ha. Assinatura de Aníbal Pessoa Picanço. 2. DNPM Outorga pelo prazo de 5 anos. Área de 926,38ha. 03/12/2009. Extração de Minerais Metálicos - Ouro. 3. Registro no Cartório Ismar Silva, Município Senador Porfírio da Cooperativa dos Garimpeiros da Região da Ressaca e Ilha da Fazenda Livro B. N. 01 sob o N° 0109-v/0110. N. 265 de 27 de maio 2006.

|| E o DNPM ainda tem a coragem de chegar aqui dentro da Cooperativa e dizer, que se nós topar numa rocha, pode ser na flor de terra, nós não pode explorar ela porque é da empresa, que empresa?! É lei, é? Pois então, se for lei, vocês também têm que respeitar também o nosso direito, se empresa pode mexer, nós pode, agora se nós não pode, a empresa também não pode. E a tese que nós tem que se unir, os garimpeiros, vamos tentar fazer as nossas cartilhas, divulgar. Vamos se unir, que se depender de dinheiro para ajudar, um dá 100 reis, outros 200, outro 300, quem tiver mais dá até 1000 se for preciso, e vamos caçar os órgãos competentes, as instituições que ajude nós por essa parte, porque nós estamos “grego” de falta de conhecimento. Porque coragem nós temos e de brigar a qualquer momento, nós não temos medo de justiça, porque nós não somos ladrões, somos cidadãos trabalhadores, nós vivemos pagando impostos das maiores formas que são possíveis.

Hoje nosso Tesouro Nacional você vê que paralisou, o Brasil não pode fabricar mais moedas. Porque no tempo do garimpo era funcionando 24hs, a Caixa Econômica comprando ouro, o Tesouro Nacional estava crescendo, porque todo o nosso ouro ia pra lá, passava na Caixa Econômica e ia pra lá, o Tesouro. Hoje joga pra uma empresa, a empresa tá comprando e pagando imposto, eles não tão nem lá, se chegou dinheiro na conta do governo, eles não sabe pra onde aquela matéria prima vai, se é pra Inglaterra, pros Estados Unidos, pra onde quer que seja, quer é saber se tá caindo dinheiro, o Tesouro tá esquecido, porque um país rico que nem o nosso não pra tá numa calamidade dessas, que o país tem material pra fabricar moeda, tem riqueza suficiente, aí, o que acontece?

José Pereira Cunha

|| O Canadá tá crescendo, a Inglaterra tá crescendo, o Japão tá crescendo, tudo levando nossas riquezas naturais, e na hora da gente desfrutar, quem tá disfrutando é os estrangeiros, os imigrantes estão chegando no nosso país mandando, o qual, hoje aqui, o índio tá perdendo direito, o trabalhador tá perdendo direito, o garimpeiro. Foi feito um estatuto agora em 2008, que o garimpo foi fundado desde 1834, publicado, e eles vem violando toda vida, e não sei não porque, eles não querem que o garimpeiro seja divulgado, porque sabe que o garimpeiro tem conhecimento que ele anda muito, ele não se amarra, não é amarrado, o garimpeiro não é miserável, todo mundo estando em condição, ele não tem negócio de ver um chorando ali, “tá falta o que?” ele não empresta não, faz é dar! Porque aqui no passado, até 2013, para nós fazer uma coleta de 100, 200 gramas de ouro para qualquer cidadão que vinha da zona rural, ou mesmo que visse de fora pedir ajuda aqui, fazia 150, 200 gramas de ouro aqui, numa voltinha, daqui do Galo ao Itatá. Então, hoje pra fazer uma vaquinha para conseguir 200 reais está a maior dificuldade, porque as pessoas pra onde vai, não pode “baixar buraco”, não se denuncia para a Polícia Federal, proibições, quer dizer, nós fizemos uma denúncia dessa tal empresa, que aqui eu não vejo empresa, eu vejo é um destruidor, que isso aí eu falo é pra eles. Nós faz a denúncia pro Ministério Público Federal, Polícia Federal, em todos os órgãos competentes, mas quando chega a nossa lá, eu sou processado por que sou pescador, eu sou processado porque sou “colônia”, eu sou processado porque estou agredindo a empresa, quer dizer nós estamos sendo violados de uma forma, criminalizados, e a própria Belo Sun diz que foi o advogado deles que jogou um processo lá na Polícia Federal, que tá no documento que aqui só tem velho gagá, dependente químico, pedófilo e criminoso. Está lá no processo, e faz tempo que a gente fala pra justiça e eu quero encontrar uma ajuda para saber como poder reivindicar esses danos morais, para eles pagarem uma grande indenização; esse documento está no MPF, nós temos uma cópia deles, mas tá com o presidente, o Leonardo está com aquela cópia daquele processo.

José Pereira Cunha



Durante a oficina os garimpeiros expressam seus pontos de vista sobre política mineral do país e a “Denúncia Crime” apresentada pela *Mineração Belo Sun*, em 11.08.2014

|| Hoje em dia, todo mundo conhece seus direitos, conhece quem é e quem não é. Hoje, todo mundo conhece seus direitos, todo mundo é juiz, é promotor, é advogado, e está nos seus direitos. As vezes o cara vê um promotor, um juiz, um advogado, mas se vocês tiver no seu direito você é promotor, juiz, advogado, presidente, governo, só depende de estar no seu direito. Hoje no Brasil em toda região é assim, só que povo não compreende as coisas, mas é desse jeito, todo mundo estando no seu direito é promotor, juiz, advogado, é policial está nos seus direitos? Então, você é policial. Está nos seus

direitos? Está! Então você é juiz. Mas se tiver nos seus direitos (*Referindo-se ao Massacre de Pau d'Arco*) Porque a vila Pau d'Arco hoje acabou-se, lá na vila é uma vila de fazenda, e lá tem "colônio" e lá também é área de mineração, lá tudo é da Vale, mas quem matou o povo lá? Foi policial!

Edmilson Lourenço da Silva

|| Ser a garimpeira é muito bom, porque é muito bom você lutar por minérios principalmente pelo ouro. Apesar que aqui é um lugar que a gente sabe, que a firma já explorou, têm vários minérios. Realmente, no serviço nosso, meu mais do meu esposo, eu arranjei outro marido, inclusive, ele estava aqui hoje de manhã, chama-se Felix, um baixinho. Inclusive o nosso serviço já saiu três minérios, que é o ouro, que é o comércio daqui é o ouro; e teve um serviço que nós abrimos na Serrinha ali, nós cavamos um túnel com 90 metros de distância de chão adentro, lá nós saímos num friso que deu o cobre, mas nós deixamos porque aqui não tem comércio pra cobre aqui, então, não teve como nós tirar ele; então nós abrimos um outro serviço numa serra chamada, cada lugar aqui tem um apelido, Serra da Imbaúba, aí esses tuneis deu a forma da ametista, inclusive nós tiramos, que o povo fala, dente de "haul", parece uma coisa assim. E o barro, é um barro assim ele é roxo, tipo barro sevado, você pensa que tá pegando em um sebo, ele é engordurado, entendeu?!

Valdenice Nascimento da Silva



Valdenice Nascimento da Silva, nascida na Bahia, trabalha nos garimpos da Volta Grande do Xingu

|| Aí depois nós deixamos esse serviço, porque se nós chegássemos nesse, ninguém sabe que fundura ela está, se é preciso cavar uma caixa, uma caixa tipo um poço. A senhora sabe que é um poço d'água, que tem de cavar, assim, eu não sei mais nem a quantia de caixa que eu já cavei aqui dentro desse garimpo, a minha

caixa de maior fundura foi 30 m de fundura. E tanto que esse pessoal da televisão daqui eles entrevistaram muito a gente, eu e meu marido no nosso serviço. Quando eles chegavam nós estávamos lá no serviço, entendeu? Aí eles entrevistaram muito nós, as vezes eu estava aqui assim, no chão é desse jeito, se você tá 10 metros de profundidade do chão que nem nós estamos conversando aqui lá eu estou escutando do mesmo jeitinho que aqui ou até mais, entendeu? Então, as vezes eu estava lá na caixa cavando com 40 metros de distância, com 10m, 12m ou 15 metros de profundidade e com 40 metros de distância chão adentro. Aí eu escutava a fala, né? aí eu vinha pro rumo da prancheta, olhava pra cima, era eles conversando, aí eles diziam "ei senhora, a senhora tá aí?!", "tô", "mas a senhora tem coragem!", "pois é". E aí, eu cheguei aqui no garimpo em 1999, então vai fazer 18 anos, isso mesmo. Dia primeiro de janeiro, 18 anos, nesses meus 18 anos trabalhando no garimpo, garimpando eu só não sei fazer o ouro, esse que vem da terra, mas se for o caso de fazer o ouro falso, eu ainda faço!

Valdenice Nascimento da Silva

|| Alegria muito imensa é grande demais, quando você tá cavando, que tá indo cavando, que se encontrar um *friz*, que a gente chama de *friz*, aquela área de terra que tem o ouro, ela é conhecida da outra terra, é diferente. Quando você vai cavando, cavando, que chega naquela área que tem o ouro você já conhece, porque ela fica diferente. Quando é um *friz* que tem areia, aquela areia tá misturada com aquele barro, né? Uma areia branca. E quando ele é de pedra, tá a pedra no meio do barro, aí a gente tira, traz pra fora, pisa no pilãozinho que a gente faz, de ferro, leva na cuia e testa, aí vê o ouro. Nossa, quando a gente vê o ouro ali, acabou toda dificuldade pra nós. Porque tendo o ouro, tem a paz de Deus, a gente tem tudo, né? Porque tem o dinheiro, né? Então é isso, uma alegria muito imensa, graças a Deus. Só que agora tá por causa dessa firma ficou muito ruim, que antes até as crianças tinham dinheiro, até as crianças aqui tinham ouro, tudo era fácil. Os colonos, tudo que eles traziam pra vender, eles vendia, os pescadores, os peixes que eles pescavam eles vendiam, agora só na misericórdia de Deus, mesmo. Porque agora, com essa firma, não tem gente passando fome porque Deus é misericordioso, né? Se não estava passando fome, porque tudo ficou difícil. Eles proibiram, fechou o garimpo, além de fechar o

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

garimpo não oferece nada pra gente, parece que elas, as firmas tem até raiva de garimpeiro, então a situação que tá é essa.

Valdenice Nascimento da Silva



Instrumentos de trabalho do garimpeiro:
picareta, pá, alavanca, cuia, pilão grande,
bateia, pilão pequeno e facão



Garimpeiros realizam conserto de um motor

Eu acho que essa cartilha (*refere-se ao Boletim do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia*) poderia ser feita especificamente da Volta Grande, e todo o extrativismo que tem aqui, a pesca, com tudo, que tem aqui, dessa vez incluindo os ilustrativos dos garimpeiros, colocar a forma que garimpeiro trabalha, contar histórias de certos que tão aí há 40 anos, 50 anos que já estão aqui, a forma da qual trabalha e faria dessa forma, com o título “Volta Grande pede socorro”, colocar os ilustrativos, da pesca, dos moradores mais antigos, as tradições aqui da região, que aqui tem vida própria, gente! Aqui tem que colocar nesse ilustrativo, e mostrar, pro povo aí de fora, dos políticos, dos juristas, fazer chegar na mão deles, que aqui tem vida própria, aqui nós não dependemos, pergunta quantos aqui dentro recebe uma cesta básica? Quantos aqui dentro que corre pra prefeitura? Tem gente aqui que já passou da hora aposentar e não foi cuidar da sua aposentadoria, por quê? Porque, vive tão bem aqui, que as vezes não corre atrás de governo, porque sabe a burocracia que é, o problema que é. Aqui não vê correndo atrás de cesta básica. A gente vai aqui, poucos vão aqui nesse postinho pegar um remédio, porque tá aí, mas também não sai correndo, em porta de prefeitura, aqui ninguém vai pra porta de prefeitura pedir nada. Porque os garimpeiros, pescador, esse pessoal daqui tem vida própria, autonomia! E se tirar esse povo daqui vai correndo tudinho lá pra beira, esse povo vai todo mundo lá pra porta de prefeitura pedir. Tirando esse povo daqui, eles vão começar a mendigar em porta de prefeitura, de governo, porque vai fazer o que? Vai pra cidade; aqui ninguém tem estrutura, ninguém aqui convive com cidade, nós convive com esse mundo nosso aqui, aqui nós damos conta de sobreviver, entendeu? Eu sei o que é uma vida lá fora, sou acostumado com cidade grande, igual a vários aqui, todo mundo é acostumado com cidade, mas ninguém quer estar lá. Minha família toda é de Goiânia, tem uma vida boa em Goiânia, mas eu não quero pra mim aquela vida boa de lá, aquela correria, eu gosto é disso aqui, eu gosto, igual todo mundo, se está aqui é porque gosta. Agora os que se acham: “ah, porque nós tem que sair daqui...” vai embora gente! Ninguém tá segurando, se não estiver satisfeito na região, vai embora, ninguém tá segurando...

Divino Alberto Gomes

Aqui é um lugar tão gostoso... As crianças que moram em Altamira, chegam aqui pede pra gritar: “mãe, deixa eu gritar?” “Grita meu filho, pode gritar” eles se sentem à vontade. Eles chegam lá fora, sentem vontade gritar, de falar bem alto, e na cidade tem que falar baixinho: “vô, posso falar alto?” “Minha filha grita, vai, bate, faz zoada do jeito que quiser” então, até crianças quando chega aqui se sente à vontade, se sente... aqui é o paraíso. As pessoas que querem ir embora daqui: “ah, eu quero indenização...”. Rapaz, ninguém é obrigado a ficar, vá!... Eu pelo menos não me interessa sair daqui, ainda mais de uma forma que eles querem tomar da gente. E nós não vamos aceitar não.

José Pereira Cunha



Perfurações realizadas no garimpo da Ressaca por empresa contratada pela *Mineração Belo Sun*.

Se a gente tivesse caído na deles, hoje nós estava há muito tempo, cinco anos parado, com as mãos na cabeça, sem ter dinheiro pra comprar, nem pra vender e sem poder fazer nada. E eles estavam bem, porque lá onde nós estamos já tinha criado mato, lá ninguém entrava mais. Tentaram cercar o nosso poço de vez, e nós não aceitamos, e lá nós fomos perseguido demais, lá onde eu trabalho e ele. Então, eles falam... ninguém sabe o rumo dessa agrovila (*se referindo ao local em que serão realocadas as famílias da Ressaca no projeto de Belo Sun*), onde vai ser, nem que tempo vai ser. Calaram a boca do povo agora por último com um negócio de cadastro, inventaram um cadastro. O X nas paredes das casas, onde tem o X é deles.

Francisco Barbosa dos Santos



Na parede da casa do senhor José Pereira Cunha está pendurada sua cuia de garimpeiro.



Casa marcada com X indicando a desocupação e possível indenização do proprietário pela *Mineração Belo Sun*.

Aí o pessoal deu uma multidão que veio de longe, gente de dez anos atrás, que ninguém via mais. Veio pra esse negócio desse cadastro, contando que ia receber os monte de dinheiro na mesma hora, aí só pra calar a boca do povo, foram embora e deixaram desse jeito aí. Agora tão calado tramando outra coisa, que a trama deles é só mentira. Então, se nós tivesse engolido essa bucha, nós estava parado, tinha que ter ido embora, que ninguém vendia mais fiado, que aqui é lugar onde nós compra caro e vende barato. Nossa vida de trabalho aqui é essa. Eu já ganhei bem aqui dentro. De cinco a seis anos atrás, mas hoje não tá dando nem para cobrir despesa, por quê? Porque a Belo Sun fez isso com todo mundo. Tem um povo aí que acredita nela, que eu acho tem um bom “prometimento”, só se for eles, que sabe das melhorias que eles vão dar, agora nós não sabe de nada. O que nós temos mesmo, que nós conhece, das condicionantes que diz para ela cumprir, foi essa. Que aqui não tem garimpeiro, só tem velho gagá, pedófilo, dependente químico, cachaceiro... Agora, o que eu me encabulo é que todas as autoridades sabem de cor, todo as autoridades, polícia federal, ministério público, defensoria pública, direitos humanos, tudo sabe disso. E eu acho que é o seguinte, se nós tivesse falado isso pra Belo Sun, nós estaria preso, não estava não? Por que é uma empresa. Então, eles protegem a empresa, e nós estaria tudo preso, processado. Então, por quê, que aconteceu isso com nós? Eu tenho esse “magma”, eu não tiro nem tanto, porque a Belo Sun é capaz de tudo, menos do que é bom, mas eu tenho esse “magma” comigo, que sempre eu converso come eles: Cadê as autoridades?

Porque isso aí, como autoridades, eles tinham que ter feito um estudo que prova: “agora onde que vocês estão? Vamos caçar esse pedófilo *vêio* lá dentro”, esses dependentes químicos que não são garimpeiros, isso é um povo que tem que estar preso, não tem que tá no meio da sociedade, então, tem que ter tido a prova e ter vindo aqui conversar com a gente. Não! A Belo Sun falou? E é como menino que tá aprendendo a falar, todo menino que tá aprendendo a falar, tudo que diz é gracinha, né? Pois, a Belo Sun pode dizer tudo, tudo é gracinha da Belo Sun. Agora nós não, a polícia pode vir, a justiça pode ouvir o que a Belo Sun falou e fazer um papel e mandar pra nós, pra nós ir responder, porque foi a Belo Sun, ela é uma empresa do Canadá. Ela pode e o que me dói muito é porque as autoridades sabem, e eu ainda tenho vontade de pegar bem boladinha uma audiência pública com as maiores autoridades para falar isso na cara deles. Eu tenho vontade, de saber por quê, que eles sabem de cor? E por que também que eles ainda não tentaram verificar, quantos velhos pedófilos, alcoólatras, drogados? Que um pessoal desses não pode estar no meio da sociedade, pra eles pegarem a prova com a Belo Sun, para pegar esse povo e levar... Eu ainda vou cobrar isso deles, pode estar tudo junto, que se acontecer, eu vou cobrar: “é bom vocês pegar esse povo!” Agora, só que a Belo Sun vai ter que provar esse povo, quem é esse povo? Mostrar de um, porque se ela não provar, o que servir pra nós tem que ser pra eles. Não é deles, a justiça? Pois faça isso, isso daí nós vamos cobrar, isso aí está guardado. E do jeito que eu quero a Norte Energia, que tinha mentira todo tempo: “Hoje eu vim só pra duas palavras, não precisa dizer muito, você vão fazer isso e isso que é a alternativa que nós quer?” Não, pronto acabou. Não adianta ir lá mentir, mostrar doutor e seu fulano que pras nós não interessa, e nunca mais eu vou lá. E isso aí que é o problema que tem na minha cabeça.

Antônio Lourenço da Silva

A Volta Grande do Xingu e seus garimpos desenhados e descritos na oficina de mapeamento

Boa tarde, estamos aqui no trabalho e a gente quer mostrar toda essa dinâmica que está escrita aqui, essa forma aqui é o rio. Aqui tá o Xingu, as ilhas, é o que dá nossa vida aqui; a segunda vida nossa se chama de ouro, que é essa região aqui, que nós trabalhamos. Essa é vila onde nós moramos, toda coberta por ouro, então, aqui é um campo de esporte, pra gente poder brincar à tarde, descansar do trabalho daqui do garimpo. Esse garimpo aqui, ele dá assistência pra mais de 5 a 6 mil famílias que tem ao todo na Volta Grande: pescador, indígena, morador, comerciante, os pilotos de voadeira, barqueiro, os agricultores, vendedor ambulante, tudo vem pra cá e tudo depende da nossa matéria prima aqui, que é o ouro, do nosso viver. A opção mais linda, aproximadamente nós tem hoje, a média de 350 a 400

garimpeiros ativos, porque se for juntar tudo, dá mais que isso, então, é uma região muito rica, e nós não pretendemos sair daqui. Aqui é a via principal, que vai sair em Altamira, que dobra aqui e vai sair no Assurini, na Sol Nascente, essa outra aqui vai sair no Galo – a vila do Galo também que a resistência é o ouro; essa outra via que vem pra cá, vai sair no Anapú, na aldeia dos índios, aqui na beira do rio. Então, estamos aqui pedindo ajuda, toda à Universidade Federal, os movimentos sociais, Xingu Vivo e os demais que representam, que não vamos deixar as empresas que vem lá dos estrangeiros, tomar de conta do que é nosso. Essa matéria prima foi Deus que colocou aqui pra nós, não foi pra dar pros estrangeiros, não! Porque o que tem lá no estrangeiro, eles tiram o deles lá, agora as riquezas naturais que tem aqui é nossa e nós vamos brigar até a última hora, sem entregar, pra nenhum governo e nenhuma empresa, empresa se for nossa, do contrário, nós não vamos abrir mão do que é nosso.

Essa área aqui é a Vila da Ressaca; essa outra aqui é o garimpo da Serrinha, onde já foi tirado muitos quilos de ouro; aqui é o Canela, tirado muito ouro também; aqui Ouro Verde, bastante tonelada de ouro, o ex-dono, tirou pra mais de 3.000kg de ouro na década 80 e pouco a 90, o Galo, não se fala a quantidade, por que foi muitas toneladas de ouro que saiu; também aqui na Grota Seca, outra grande quantidade de tonelada de ouro.

Aqui é a Grota Seca onde eu trabalho, tem minha área de trabalho; aqui é o Galo, onde o Valdomiro trabalha com vários garimpeiros também; aqui é o Japão, tem garimpeiro trabalhando, tá ativo; aqui é a Vila onde nós moramos, aqui nós vem passar o cansaço, dormir e descansar. Nossa Vila, grande vila, que aqui tem mais de 300 famílias morando aqui; aqui é a Serrinha, tem garimpeiro trabalhando também, tem muito ouro.

Nós somos garimpeiros, extrativistas, nós somos agricultores, pescadores, somos uma tradição completa, porque nós planta, nós colhe, nós não destrói, nós faz é reflorestar. Hoje o garimpo que nós trabalha que está com uma média de 70 e poucos anos, que foi fundado 1942, publicado, mas ele começou a trabalhar desde 1935, mas é publicado 1942. Em 1976 chegou empresa pra cá e diz que ela cobriu o solo, mas como é que ela vai cobrir o que não é dela? Então, hoje nós estamos aqui nessa área, somos agricultores, somos garimpeiros, somos pescador, que nós tem o rio aqui, quando nós não tem carne, não quer comprar, as vezes tá sem dinheiro também, vai aqui no rio e pega quilos e quilos de peixe, coloca no seu conservador, tem carne pra comer dois três dias, se você não quer pescar, vai aqui no mato e pega um bichinho e vai comer também; compra carne de gado, tem bastante, o agricultor traz o gado, traz o porco traz a galinha, traz o inhame, a macaxeira, a batata, o feijão, e o demais que produzem traz pra gente comprar. É uma família que nós vive aqui unida, e pra melhor, e isso aqui é um extrativismo que é futuro, aqui nós cria nações e nações, gerações e gerações, nunca se acaba. Agora se uma empresa entrar aqui, ela destrói tudo, e nunca mais nós podemos andar aqui mais e nem tirar nossas riquezas naturais, que são nossas, principalmente a medicina, que nós temos muitas aqui. A parte medicinal, natural, porque como nós vive aqui dentro, nossa água é boa, porque nós temos nosso rio hoje está poluído, por causa de uma hidroelétrica, que foi implantada aqui, a 9km, e estamos com esse outro empreendimento aqui querendo tomar o restinho que nós ficamos, que sobrou pra nós, porque nossa água já tá compromissada, então nós temos que estar denunciando. Denuncia um, outro, mas não intimida a gente (*referindo-se a empresa*)... não faz com que tenha medo de estar trabalhando e vivendo no que é nosso, porque aqui é nosso...

No meu lote, o Acapu é medicinal, a castanha, andiroba, copaíba é medicinal... caninha do macaco que é medicinal pros rins, capecanga, unha-de-gato. Então, hoje é uma riqueza que nós temos aqui, uma saúde natural, que nós não temos medo de câncer, de lepra, as pessoas sadias, quanto tempo eu trabalho no garimpo, e não tem uma mancha no meu corpo, graças a deus, porque nós temos remédios naturais que conservam a vida da gente, quem vê essas crianças bem aqui, que andam de qualquer jeito, você não aqui um menino leproso, um menino que tem a pelezinha que parece que é um filho de um burguês, que come da forma que é certo e é sadio. Então, nós vive num lugar muito rico, muito bom, nós gosta daqui, e nós tem aqui um apoio grande dos movimentos, dos indígenas, e nós estamos junto com os índios e não vamos abrir, se eles abrir e deixa nós sozinho, nós vamos brigar até a última hora, mas também não podemos deixar o barco virar sozinho.

José Pereira Cunha



Casa do senhor Idglan Pereira da Cunha na Vila da Ressaca

|| Nosso amigo falou aqui da medicina, do que existe aqui no nossa floresta, das coisas nativas naturais, o que é de bom aí pra nós, que é eficaz pra medicina, e nós vamos falar também das coisas que é bom pro nosso consumo. Como nós temos o açaí, nós temos o cupuaçu, a bacaba, a castanha e sem falar, enfim, nessa floresta amazônica, conseguir o que tem aqui, a abundância de peixes, abundância de coisas naturais, que nos dá saúde, que nos dá vida. Enquanto o burguês lá fora fala que nós aqui vegetamos, eu já considero diferente: eu vivo! Eu vivo com as coisas naturais! E não tenho inveja de quem tá lá no seu carrão, no seu prédio, então isso tudo nós tem aqui com abundância, por quê? Aqui eu sou liberto, lá não, se eu fosse um burguês lá, eu tinha que sair do meu carro e entrar dentro do meu prédio e eu não podia ficar do lado de fora 5 minutos porque eu seria sujeito de ser assaltado. Aqui não, aqui é diferente, eu pego meu anzol, bota aí e saio, ao vivo; ninguém vai mexer comigo e, independente disso, nós temos comida saudável aqui, porque nós têm o peixe puro que nós tira da água, nós têm o açaí, que hoje é pra exportação, todo mundo quer, então nós temos uma riqueza aqui e por que nós vamos entregar pra alguém? Nós vamos entregar de graça pra alguém, alguém tá querendo nos tirar daqui, tá querendo nos passar a perna, tá querendo nos ludibriar?

Olha o meu lote, que está feito, está plantado tem 100m de frente; de fundo eu não posso lhe dizer com precisão; se eu fosse lhe dizer com precisão, eu queria 500, 600 metros de fundo, no caso. Então o que eu tenho pra dizer pra vocês, nós tem uma abundância natural de uma floresta, que nos proporciona tudo isso, todas essas frutas, castanha cacau, cupú, açaí, bacaba e até caça, isso nos dá segurança de vida e viver e não vegetar, como alguém fala. Alguém pode dizer, os miseráveis vegetam, mas chega aqui tem um povo saudável, um povo que brinca, sai e não depende que o governo esteja aqui com

a sua cesta miserável, que é o que a Belo Sun tentou. É nós estamos com esse povo aqui dentro também, não chega com decência, não chega, não pergunta, e tenta atrapalhar. Então pra vocês que tão levantando essa pesquisa, é preciso que vocês saibam, porque nós não vivemos sozinhos, nós temos essas pessoas, eles são uns incapacitados, de ver o lado bom e tão lutando aí, pra que retire o pessoal daqui, eles têm pessoas infiltradas aqui dentro pra fazer isso, pra fazer esse tipo de coisa. Mas nós estamos na luta e de maneira nenhuma eu vou abrir mão do meu direito, se alguém lá fora, conseguir, com uma empresa, conseguir trazer, uma pesquisa completa e que governo chegue aqui e diga: “Olha essa área nós precisa porque essa empresa vai se instalar aqui.” Mas precisa estar tudo no jeito, se não nós não saímos daqui.

Valdimiro Pereira Lima

|| Eu quero apresentar aqui o que o nosso amigo e companheiro de trabalho Pirulito e o Valdomiro, já falou, né? Sobre o nosso trabalho e sobre o que nós já fizemos aqui. Então, aqui nós não fizemos só trabalhar em procura do ouro, nós trabalhamos e também plantamos, porque antes nós ia pra rua e trazia o suco da rua pra tomar o suco no almoço. Eu, pelo menos, não trago mais, porque eu já tenho as minhas frutas que eu plantei. Então já tá produzindo, que nem o abacate, então eu posso fazer o suco, a vitamina, isso já tem produzindo; como a graviola, que posso fazer o suco, a vitamina, e serve também a folha que é medicina, inclusive meu marido esses dias foi ofendido de cobra, e, em primeiro lugar seja Deus, e em segundo, o sumo da folha graviola, que foi o que combateu o veneno da cobra, que foi mordido; tem o caju que agora mesmo a gente faz o suco da hora da janta, da merenda, a gente toma o suco do caju e assim por diante com todas frutas. No caso a gente fez lá uma chacarazinha, e essa chácara dá todo tipo de fruta; quase todo tipo, não vou dizer que tem todo tipo, porque tem muitas frutas no Brasil. Então não vou dizer que tem todas, mas lá dá; só não tem mais o pé de castanha, que ainda não plantou, mas tudo isso a gente tem plantado e dá quase tudo frutífero, só não a jaca, que não dá ainda, mas graças a Deus eu não estou mais trazendo o suco do supermercado pra tomar, e se tem um amigo que chega em casa, uma visita e eu posso passar de repente uma fruta no liquidificador e fazer um suco e a gente tomar, que é gostoso e é bom.



Chácara de Valdenice Nascimento da Silva e família / Valdenice Nascimento da Silva acrescenta informações sobre o croqui

Sim, agora, eu vou dizer, o meu serviço onde que fica. Fica na Serrinha, pro rumo da Serrinha, fica de vizinho da Serrinha, que é a serra da Imbaúba, é vizinha da Serrinha. Agora eu vou ver onde que ele está, bem aqui, né? Bem aqui, bem aqui está o meu serviço, meu e do meu esposo. Está aqui, graças a Deus, que ainda não produziu, mas eu creio em nome de Jesus que nós vamos produzir, se Deus quiser, e Deus quer, porque na bíblia fala, né? Que Deus ajuda nos, quem trabalha, então, nós estamos aqui trabalhando, e cremos que Deus, como já nos ajudou e vai nos ajudar. Assim eu prometo pra professora e às jovens que estão junto com ela, fazendo esse trabalho junto com nós, da próxima vez que vier, dá um alozinho pra gente, que eu fico preparada, esperando vocês, e quem sabe? Que quando chegar, não pode fazer alguma oferta de alguma pepitinha do ouro, pra vocês fazerem um cordão de lembrança, de presente. Que Deus abençoa.

Valdenice Nascimento da Silva

Meu nome é **Francisco Barbosa dos Santos**, conhecido como Caminhão, e eu já tenho 24 anos morando aqui e não pretendo sair daqui, aqui é um lugar muito bom, gosto daqui, também já tenho muitas fruteiras produzindo, tem abacate, abacaxi, caju, manga, e eu não pretendo sair daqui

dessa região. Meu lote fica aqui bem encostado no do Valdomiro, num trevinho que tem lá, meu lote é 30/40, 30 de frente e 40 de fundo, mais ou menos, meu local de trabalho é na Grota Seca. Só não minha casa e meu lote, que não colocaram X ainda e, é como a irmã falou e o Valdomiro, nós vamos lutar junto pra que nós consiga força, com MAB, com esses movimentos para nós não perder nosso local, onde nós mora, onde nós trabalha, tá sempre junto... e tudo que a gente puder pegar um ourinho assim a gente vai dar um jeito de arrumar ao menos um pouco, pra vocês fazer ao menos uma aliançazinha.

Francisco Barbosa

Meu nome é **Josué Pereira de Sousa**, conhecido como Irmão Paulista, outros me chamam só de Irmão, e resido hoje na Ressaca; já trabalhei no Galo, no Lameirão, na Grota Seca. Mas agora estou situado na Ouro Verde, que tá ficando aqui desse lado direito de quem sai do rio, entrando e ficando do lado direito dos garimpos que tão lá parado, que é do Fernandinho. Então, fica situado aqui pra dizer a verdade; esperança de sair daqui eu não tenho e nem vontade, porque o pior daqui nós já atravessamos, quando nós chegamos aqui que era só mata pura, não tinha socorro pra nós, não tinha muita condição, tá que nem hoje que a Belo Sun tirou nossa condição, mas naquela época, em 1983, só existia o movimento na Ilha da Fazenda, depois começou a vilazinha do Galo, começou aqui também a Ressaca, e hoje melhorou, que hoje já tem posto de saúde, hoje já tem estrada de carro, que hoje muitos vêm de carro, já tem energia. Estamos esperando, a Deus, que venha água, que é o que mais nós precisa. Então, eu acho o seguinte, que o que nós mais tem que fazer é procurar meio trabalhar, porque Belo Sun não quer nada, porque se ela quisesse ela já tinha procurado meios de conversar com outros, que pelo tempo que ela está aqui, que até hoje ela nunca procurou ninguém, então ela não quer nada, ela só quer mentir e caçar desavença com os que trabalham, e por isso nós se senta a falar. Eu por exemplo sou analfabeto, tinha vontade de estudar, parei, ainda me matriculei pra estudar, não estudei, falta da ler. Eu conheço o ABC, mas na hora de escrever uma letra, eu ficava pelejando aqui com mente pra vir como que eu ia escrever a letra, até ela chegar na minha mente. Eu digo: "assim não dá, tenho que parar", se não até isso eu tinha feito aqui, o pouco estudo que eu tenho é só pra viajar, comprar alguma coisa, mas graças a Deus, o mais necessário eu aprendi,

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

que é trabalhar, isso eu sei, pode ser de garimpo, pode ser de roça, pode ser de terçado. E pra dizer a verdade eu não tenho plano de sair daqui, ainda mais pra dar o que é da gente pros outros, que ela como ela vem de fora, o direito dela era comprar isso aqui e pagar, se ela não quer, nós vamos dar de graça? Não. Então eu vivo morando aqui na Ressaca; eu paro aqui na rua do Campo, que fica aqui, que a gente está situado aqui nesse cantinho aqui, que é o da Ressaca, mas se Deus, quiser, daqui um mês, um mês e pouco, já estou morando lá na “Usbe”(referindo-se a outro espaço próximo a Vila da Ressaca). Essa é a minha vontade, porque lá o espaço é grande, tanto pra trabalhar como a gente pode fazer plantio, pode fazer tudo que tem vontade. Então, essas são o que eu tenho a dizer e os amigos também que lutem por isso, porque é bom, e mesmo quando eu sair daqui, quando chegarem pode ir lá no meu barracinho tomar um café, quando quiserem me visitar lá, nosso garimpo que lá está sempre à disposição, de todos que chegarem aqui e quiserem ir lá tomar um cafezinho com a gente, a gente está por lá.

Josué Pereira de Sousa

Assentados no PA Ressaca¹

Travessão João Bispo

Os assentados no jogo de ofertas de indenização feito pela Mineração Belo Sun

Muita gente desgarrado que só tava pensando em dinheiro... e ela aqui nada (se referindo aos outros vizinhos de dona Madalena, que já foram indenizados pela Belo Sun), que era pra muito tempo já tá caçando uma casa boa, e morando já em outro canto, porque bem aqui foi indenizado (Vizinho indenizado é Albino). Porque não dá muito dá uns 500 metros dentro da mata ali.

Taiane Ribeiro da Silva



Entrada no Travessão João Bispo- Centro. No extremo oeste deste travessão encontra-se a aldeia São Francisco do povo Juruna. A distância em linha reta da Aldeia São Francisco até o Alojamento da Belo Sun totaliza 8,4 km. Já da Aldeia até a Vila da Ressaca totaliza 3,2 km

1. **PA Ressaca** está localizado no **Município**: Senador José Porfírio. Foi criado em 03/09/1999 e abrange uma **área**: 30.265,63 hectares com capacidade para 500 famílias. As famílias **efetivamente assentadas correspondem** a 478. O PA Ressaca foi obtido como terra pública arrecadada e matriculada em nome da União em 28/07/1982 (Gleba Ituna). O assentamento está registrado no CAR com área de 26.133,29 hectares, denotando-se uma discrepância com o tamanho do território constante na portaria de criação do PA. São 4.132,34 hectares a menos. Possui 29,0% de área consolidada por atividades produtivas, 70,4% de remanescente de vegetação nativa e 2,7% de área de preservação permanente. Um número considerável de assentados já realizou o registro no CAR, porém, existem dois imóveis rurais, um de 521,07 hectares e outro de 1.454,23 hectares, acima de 4 módulos fiscais (o módulo fiscal no município é de 70 hectares) que estão se sobrepondo às terras do assentamento. Há indícios de apossamento ilegal e grilagem. **Acesso a programas sociais**: em agosto de 2015, 238 famílias deste assentamento estavam inscritas no Cadastro Único dos Programas Sociais do Governo Federal – CADÚnico, 190 delas possuíam renda familiar *per capita* até R\$ 70,00 e 152 famílias recebiam o Bolsa Família. **Enquadramento na Lei nº 13.465/2017 (MP 759/2016)**: Em consonância com o disposto no art. 21 da Lei nº 13.465, de 11 de julho de 2017, o projeto de assentamento Ressaca deverá ser consolidado, titulado e emancipado nos próximos três anos (até 2020), o que poderá implicar na reconcentração de terras causada pelos mecanismos de apropriação inerentes ao mercado fundiário. Dados compilados pelo pesquisador Elielson Pereira da Silva.

Mas é isso que acontece na maioria desses grandes empreendimentos, e aqui que acontece com a indenização.

Diego Sousa Nascimento

Sou **Diego Sousa**, moro aqui há oito anos, tenho um lote aí no início do travessão. Tenho três filhos, moro com a senhorita Taiani, é isso. Estou plantando cacau, e tô querendo fazer um pasto. Tenho cinco anos (*plantando cacau*).

Estou aqui há 7 anos, só mexo com cacau mesmo. Vim do Paraná e nós viemos há quase 40 anos. Fui pra Transamazônica, nós viemos pra cá no tempo que o INCRA estava trazendo gente, sabe? Meu pai teve terra na Transamazônica, mas só tem 7 anos que eu vim pra cá. É assim eu ficava pra um lado, pra outro, nós fomos pro travessão da Senec, passamos uns 20 anos lá.

Madalena Maria da Silva

Eu sou a **Taiane**, moro aqui no travessão há oito anos, mas eu nasci e me criei nessa região, meu pai era garimpeiro, a gente morou uma época na Ressaca, depois fomos morar no lote do meu vô, então a gente passou um bom tempo no lote do meu vô, aí foi quando surgiu essas terras pra cá, lá pro lote do meu pai, no travessão do Miro, aí meu pai veio, tirou um pedaço de terra. O INCRA chegou muito tempo depois assentou todo mundo, então a gente, morou por lá até meus 13 anos, aí foi quando casei e vim morar com ele aqui nessa terra. Quanto eles vieram fazer uma carteirinha foi em 95, na época que eu nasci, eu sei disso porque minha mãe me conta, e tem comprovante como documento, né? Em 95 eles vieram assentar o pessoal, fazer carteirinha, pra começar a pagar o INCRA, assentar cada qual nos seus lotes, né?

Taiane Ribeiro da Silva

Porque quando ele foi querer criar aquela agrovila Saulo de Almeida, que todo mundo falava que era do avô dele, nome do avô dele, do Edinaldo, quem criou a associação, AGRIFAR. Aí, assim que saiu essa agrovila lá, aí entrou essa associação, que era pra comprar um jericó (*tipo de trator*), um caminhão. Meu nome é **Antoniél Paulo da Silva Souza**, nasci em Altamira, rapaz comecei a andar pra cá mesmo desde os 9 anos, nós mora tudo aqui mesmo, no lote da mãe aqui, isso são cinco famílias que moram no lote da dona Madalena.

Eu moro a três anos, só, nessa região aqui no travessão do Pirarara, o meu lote é no PA Ressaca, eu moro mesmo é na Agrovila Sol Nascente, mas eu tenho essa propriedade aqui há 3 anos, só que eu comprei pra cá, porque eu não sabia que ia ser indenizado não, mas hoje tão falando que vai, eu já estou é gostando da ideia, se sair. Na época eu comprei por cento e trinta mil, três anos atrás. Eu tenho só o documento de compra e venda, no INCRA não tá no meu nome. Eu tinha outra propriedade, a Norte Energia me tirou de lá, não tem? Até agora... a minha outra era no Palhal, no travessão do Palhal, é e agora eles não querem colocar essa terra no meu nome, sendo que eu não vendi terra pra Norte Energia, eles me desapropriaram, e eles tinham que colocar no meu nome por obrigação, mas não querem, e eu quero que eles façam isso, tô correndo atrás. Era só eu mesmo, minha esposa e meus três filhos, e um irmão meu, nós éramos 6 pessoas. No INCRA, lá que eu tô correndo atrás, porque eu não sei outro canto, não tem? Lá tinha muita família assentada lá, mas de 50 pessoas. Teve gente que eles tiraram, e eles compraram terra os proprietários lá, e botaram o nome dele, e eu não querem botar.

Adalton Andrade de Sousa

Porque daqui, uns quatro a cinco km pra frente já tem gente que recebeu dinheiro. Já foi indenizado. Lá em casa quando meu pai faleceu, fui morar na rua, nós passamos, dois, três anos em Altamira, morar na casa da minha mãe fui morar na casa da minha mãe que ela tinha lá no Baixão do Tufi. Passamos boa parte da vida lá, aí quando eu saí daqui fui morar lá, quando na rua todo mundo saiu, ficou três casas da rua 1 até a rua 4, três casas (*se referindo a desapropriação do bairro Baixão do Tufi pela Norte Energia*). E um dia nós estava lá dentro de casa, não tinha ninguém, ninguém, sabe o que é ninguém? assim, tinha a minha, tinha uma vizinha uma na esquina da rua 2, tinha uma na rua três, e tinha uma na ponte no final da rua 1, pois o cara foi lá e fez o arrastão nas quatro casas, com todo mundo dentro e ninguém viu. Ele entrou lá dentro de casa, me deu um prejuízo de quase 4 mil reais, em produtos da Avon, meu salário que eu tinha recebido, o rancho, levaram tudo. Aí, foram na casa da vizinha fizeram

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

a mesma coisa, foram nas quatro casas fizeram a mesma coisa.

Diego Sousa Nascimento



Diego Sousa Nascimento e Antoniel Paulo da Silva Souza quem informou como é feito o cadastro e “negociadas” as indenizações pela Mineração Belo Sun

Aqui, na situação que nós estamos não é bom, por causa da Belo Sun e da Norte Energia, nós estamos bem no meio delas, entre uma e outra, aí aqui nós não temos posição nem duma, nem da outra, aí começaram a indenizar, pularam, vão fazer agrovila sem tirar o pessoal tudo... E aqui nós estamos nessa uma, bem aqui onde vocês estão vendo já é divisa, já é Belo Sun, a mina, a primeira mina daqui lá dá 3km, do primeiro buraco que vão fazer, e até agora pra mim não resolveram nada. Vieram aqui, falaram elas por elas, foram embora e não resolveram nada, já fui atrás perguntar “porque estava faltando a SEMAS liberar a licença”, e essa SEMAS nunca liberou, liberou, teve uma licença liberada aí, faltaram a liberação indígena, que era pra vim, e aí amarrou. Aí tem eu aqui, tem meu vizinho aqui, tem esse rapaz também aí, nós estamos tudo na mesma, estamos tudo no mesmo barco, lá perto deles já foi indenizado também, já pularam ele, já indenizaram tudo na frente, aí. Eu conversei com um rapaz que faz a parte financeira - o Toninho -, ele me falou que eu perguntei “Toninho, a situação dessa indenização?”, “Não isso é outro projeto, é outro negócio”. Falei “Toninho, se vocês vão fazer a cobertura de uma área vocês tem que começar daqui e findar lá, não começar daqui, pular e findar lá, e nós aqui no meio, nós estamos parados aqui no meio, aí tá o problema, entendeu?”

Antoniél Paulo da Silva Sousa

Voltando ao projeto Belo Sun de novo aí, aqui o que tá acontecendo é o seguinte, no meu ponto de vista, não sei dos outros, no meu ponto de vista, eles tão cobrindo a área pela metade, cobrindo a área pela metade, que acontecerá no futuro? Hoje eles vão lá, se tem uma reunião aí fora, em Brasília,

que eu não sei onde eles estiverem mexendo isso aí, ter essa reunião, lá fora eles apresentam lá do alojamento até a pedra 1, onde eles fizeram a cobertura, que eles pularam por cima, “não até aqui está tudo legal” entendeu? Até onde vai ser a nova vila tá tudo, por que? Porque eles têm os pontos de lá e os pontos de lá, entendeu? Aqui eles passam como que já pagou tudo, aí no futuro o que vai acontecer? Eles se alojam ali, botam as minas aqui, e tão alojados lá no Itatá, aí instala as minas, o que não aguenta vai perdendo o que tem, ou saindo de graça, o que acontece é isso, entendeu? Aí o cara não vai ser ofendido aqui, com bomba estourando aí, a família morrendo aí na fumaça, aí tem que sair ou dar por nada, é isso que eu falei pro Toninho: “Que negócio é esse? Paga lá na frente e nós estamos ficando pra trás”. Ele disse: “Não, lá é outro negócio, lá é outra coisa”. “Está errado, Toninho, isso aqui era pra tu começar daqui e terminar lá, não é tá pulando lote!”, Depois que eles pular aqui eles fazem o que ele quiser, já pulou mesmo.

Antoniél Paulo da Silva Sousa

Eles até estão proibindo de plantar nós aqui.

Francinaldo Paulo de Sousa



Grupo assiste vídeo documentário sobre o desastre de Mariana.

Nessa roça que eu fiz, nós ia plantar cacau, eu tava com 7 mil mudas pra plantar, eu plantei 6.500 mudas, foi bem na hora que ele chegou, Toninho chegou, “Não. Vamos parar, vamos acertar”, e eu: “Toninho, e essa muda?”. “tá bacana, vamos parar, vamos acertar”, “beleza”. Passou o tempo, mais tempo. No ano passado, eu estava começando a ajeitar roça ele chegou de novo, “vamos acertar”, quando ele chegou, ele chegou com um valor, menos da metade, eu falei: “Toninho tá errado”. Voltou de novo, aí foi lá: “Daqui há quinze dias eu tô aqui”. Aí não voltou até hoje.

Antoniél Paulo da Silva Sousa

|| Chegou a falar, daqui a 15 dias a 1 mês, no máximo 3 meses, já tá com quase mais de um ano já.

Francinaldo Paulo de Sousa

|| Já tem ano? Não. Tem quantos anos? E assim vai enrolando, e cada vez vai complicando. Mas, eles não perdem nada não, porque eles têm dinheiro, nós não tem dinheiro pra gastar. se der qualquer B.O. aqui tem que ser o que eles querem. Cheguei a plantar 6.500 mudas. Foi o ano retrasado. Nós tinha na faixa de 14 mil pés de cacau, entre muda, pé novo e produtivo, eles chegaram pra mim com 8 mil pés. Eu falei “Toninho, 6.500 pés é novo, foi plantado agora, e o que tá produzindo foi pra onde”, “Não mais deu isso aqui”. Eu falei: “Deu não”. Aí eu falei “Toninho, num alqueire de terra pega quantos cacaus?”, “Cinco mil pés”. Aí eu falei: “Aqui tem um alqueire plantado, só dessa nova tem um alqueire, e o resto?”. Ele foi fez outra conta de 14 mil: “Não, vamos fazer outro levantamento”. Aí vieram, outro levantamento, vieram aqui, aí foi em cima, foi embaixo, quando chegou ali na outra roça nova, “Deu o que, Toninho?”: “Três mil pés”, “Tá errado, Toninho, cadê o resto, Toninho?”. Aí quando foi “Toninho, aqui na minha roça não morreu 500 pés, como é que tu vai botar que morreu três mil pés?. Aí eu falei: “Toninho, pra ficar bom, pra nós resolver logo isso, bora fechar em onze mil”. “Tá bom, onze mil”. “Vou mandar pagar os lotes, tá vindo”. Até hoje, chegou embargou de novo, acabou, e assim vai, vai deixando a desejar, entendeu? Tem aquela conversa, aquela palestra toda, daquele impacto ali, mas na hora, depois não resolve mais nada, só enrolando.

Antoniél Paulo da Silva Sousa

|| Faz seis anos que fizeram o primeiro cadastro aqui, seis anos!

Francinaldo Paulo de Sousa

|| Entendeu? E assim vai... aí só vejo dizendo que vai ficar não sei quantos homens, que comprou o alojamento da Norte Energia e assim vai, e realmente eles compraram mesmo, pra alojar o pessoal deles lá, isso já tá comprado faz tempo, aí dos canais (*provavelmente se referindo aos canais que estão sendo abertos pela Norte Energia para a captação de água de igarapés para alimentação do lago*), aí não sei como vai ficar esse negócio não. Esse cadastro foi feito o levantamento do que nós temos na terra, entendeu? Negócio de casa, de cacau, é banana, é laranja, é o que tem na terra, cada tracinho que tiver, é cajá, é castanha,

essas coisas, é o coco. Tem que perguntar se tem documento também, inclusive pro cara fazer eles pedem tudo isso, né, documento comprovar que a gente é mesmo o dono da terra.

Eu assisti uma reportagem, esses tempos, sobre Belo Sun, dessa área, fizeram aquela cobertura todinha, fizeram aquela área, fizeram a pesquisa daquele ouro todinho, aí no final o repórter falou: “E esse ouro todo tem um dono, Belo Sun”. Como é que esse ouro tem um dono se não acertou com os donos da terra, ainda? Como é que ele pode tirar um minério? Pra fazer o patrimônio deles, eles tem que primeiro limpar a área, pra depois instalar as minas? Não é implantar as minas com quem tá dentro não! Porque aqui tem menino que nasceu aqui, se criou aqui, tem velho que nasceu aqui dentro, e tá sobrevivendo daqui, entendeu? Eu acho que pra eles fazerem implantação de uma mina, pra eles fazerem essa implantação, primeiro tem que limpar a área, entendeu? Porque essa mina Belo Sun, vocês sabem que Belo Sun é fachada, porque a Belo Sun é terceirizada da Vale, ela é terceirizada da Vale, ela não é uma empresa por conta própria, aí falam: “Não, é do Canadá, ela vai extrair esse minério”. Até porque, pra uma empresa do Canadá se instalar no Brasil, ela tem que ter um investidor aqui, não pode vim pelos de lá que também não entra, aí vai o que, Brasil e Canadá.

Essa barragem de rejeito que tá aqui nesse negócio, ela foi feita numa época, ela foi feita uns estudos aqui pra ver se o solo aguentava os impactos da barragem de rejeito, bem aqui atrás da minha terra, no fundo do lote aqui. É, e foi feito aí, puxemos onde tá uma sondinha velha, cavaram um buraco de uns 3 metros, fizeram o estudo lá, aí já ouvi falar que aqui não deu muito certo, ouvi falar que vai lá pro Armando. E essa barragem aqui ela é maior que a de Mariana, três vezes, quer dizer que algum dia chegar a dar o problema que deu, Belo Monte, Vitória do Xingu, aí vai pro meio mundo, até rumo de dentro aí.

Antoniél Paulo da Silva Sousa



Forno de farinha na casa da senhora Madalena Maria da Silva

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

|| Mas só que assim, pela profundidade que eles querem cavar esse depósito de água, nossos igarapés secam tudo, porque só pelo impacto da Usina, o João Bispo seca. Eu até falei pro pessoal que vieram a primeira vez pra cá, perguntei se eles tinham filmado o João Bispo, no inverno, hoje eles foram lá ver o João Bispo, a água ele me cobre, o João Bispo, lá próximo de casa, perto do poço. Aí no verão ele seca.

Taiane Ribeiro da Silva

|| A mesma situação, igarapés, lá no Assurini, nunca tinha secado, cinco, seis anos que nós tinha o terreno, foi só fazer a hidrelétrica ali secou, é o mesmo problema.

Geovani Santos da Silva

|| Aqui, o que aconteceu aqui? Aconteceu, assim que Belo Sun terminou os estudos, ela começou a pagar a área, ela começou a pagar o que? Ela começou a pagar o Galo, ela achou que fechando o Galo a Ressaca morria por completo, o que aconteceu, fechou o Galo, Ressaca morreu, fechou Ouro Verde, terminou de matar o resto, viu? Aí o que eles pensam é o seguinte: quem não aguentava toca fora, foi o que aconteceu, meio mundo de gente abandonou casa, caçou pra fora, pra buscar melhora, entendeu? Aí com essa vez que dizia que seria indenizado, um bocado do pessoal voltou pra casa pra esperar receber o que tinha posto na casa lá, gastado com tábuas, com prego, com telha, receber ao menos isso. Aí fizeram meio mundo de cadastro, fizeram até o documento das casas um tempo. Outra empresa fez. E no dia de receber eu estava lá. No dia de receber o documento Belo Sun chegou e embargou, falando que não era pra dar o documento pra ninguém, então quer dizer que até aí, o que eu pude perceber é que até aí, nós não manda nem onde a gente mora, porque se eu sou dono de uma casa eu tenho que receber o documento da minha casa, entendeu? Pra empresa chegar, embargar, dizer que não é pra dá o documento que nem o cara me falou: “A empresa embargou, não é pra dar documento pro ninguém, vai voltar tudo pra trás”. Então, até onde o cara tá vivendo é agregado da Belo Sun, a gente tá agregado da Belo Sun, a gente tem que viver o que ela quer, não o que a gente pode viver, entendeu? Aí é ruim por causa disso.

Antoniél Paulo da Silva Sousa

|| Por que ninguém tem título, né? Parece que liberaram 18 títulos e vão fazer uma reunião pra encaminhar os títulos aqui da área geral.

Geovani Santos da Silva

|| Eu parei lá em casa, um dia desses, mais o Diego, a gente estava pensando, eu tenho 22 anos, e há muito tempo o INCRA falou que ia mandar esse título pra cá, e nunca mandou. Já brigou e nunca conseguiu esse título.

Taiane Ribeiro da Silva

|| Inúmera gente que já foi atrás, já brigou e nunca conseguiu esse título.

Diego Sousa Nascimento

|| Aí estava pensando, a Belo Sun tá aí, o pessoal tudo do INCRA, estão tudo junto da Belo Sun, entendeu? Porque eles tão comprados pela Belo Sun, o INCRA fala: “Ah, você já possui um lote, você não pode possuir dois, três lotes no seu nome”, por que não? Um dia desses nós fomos buscar o espelho do nosso lote, nós vimos 15 lotes da Belo Sun, 15 no nome da Belo Sun, e nós agricultor não pode ter nenhum, nem muitos pode ter, entendeu? Aí o que eles tão fazendo? Eles vão fazer esses títulos definitivos, vão realmente, esse provisório, mas só que é o definitivo, eles disseram que com 90 dias eles entregam o definitivo, não, eles falaram ali pra Valda, que eles entregam o provisório, com 90 dias se realmente a pessoa continuar na terra até 90 dias eles voltam e entrega o definitivo, aí eles vão entregar o título definitivo, porque no dia que a Belo Sun chegar e comprar não tem mais nenhum risco de ficar com burocracia sobre a documentação.

Taiane Ribeiro da Silva

|| Porque, tipo assim, eu não posso transferir o lote porque ele é considerado da União, entendeu? Como o lote onde eu moro foi comprado, então, eles não aceitaram o documento de compra e venda como documento válido no INCRA, e como é que o pessoal da Belo Sun pode? Entendeu? E isso passou a ser questionado, entendeu? Aí o que que eles resolveram fazer agora? Liberam esses títulos, entendeu? O pessoal vão ter como vender pra Belo Sun, e a Belo Sun transfere tudinho pro nome dela e fica como dona a Belo Sun. Facilita pra Belo Sun!

Diego Souza Nascimento

|| Fez foi passar terra, eu estando dentro da terra, ele passou pro outro nome, pra outro cara, eu estando dentro com 500 pés de pimenta plantada, começando. Ele passou. E eu fiquei reparando a arrumação dele. Eu já peguei cada coisa naquele INCRA! Ali que é... Que nós não fomos lutar porque me faltou coragem, mas que nós já brigamos

um bocado, já. Por causa disso, que hoje o INCRA trabalha através do dinheiro. Entendeu? Se tu vai lá, tu tem um lote, tu tem um dinheiro pra dar, mas se tu é um coitado, tá lá no meio da tua roça, chegar até um dinheirinho a mais, tu sai de lá, porque eles botam o pé lá dentro pra te tirar. Aquela terra ali que era do Capixaba, ali foi vendido tudinho, mais o Pinto (*Capixaba e Pinto: funcionários do INCRA de Altamira*), que sabe fazer burocracia do diabo e tirar lote pra quem tinha dinheiro, e tá lá, entendeu? Aconteceu é isso, não é dizer que o cara vai lá dava uma terra pra tu, o cara chegava, não vão assentar uma família, essa terra vai vir uma família pra cá, que um tempo eu fui lá, diz que tinha 300 famílias pra entrar pra essa área do Rezende aí, trezentas famílias que tinha pra vir, entendeu? O cara lá dava mil reais pra ele, dava dois mil, lá nós vamos dar terra, que lá tem dinheiro, entendeu? Essa família que ele disse que vinha... Que vinha não, que ele arranjava pra vender o lote de lá, de graça pro cara. Aconteceu muito isso, hoje o que acontece, a primeira enrolada, a primeira bandidagem, vem desse órgão que era pra ajudar o colono. Entendeu? Que era pra dar força pro colono, e que não dá, e quer tirar a razão do colono pra dar pro fazendeiro, pra dar pra quem tem o dinheiro, porque é isso.

Antoniél Paulo da Silva Sousa

Quer passar por cima de nós aqui, eles querem é instalar a mineração, não quer indenizar nós aqui com um direito bem dado, eles querem comprar assim, com um trocadinho lá, quem não tem costume com dinheiro, não sabe, vê uma mixariázinha velha e vai vendendo tudo.

Geovani Santos da Silva

Que nem eles fizeram com Simazão, quando eles estavam apresentando no colégio no dia da reunião, eles tão querendo trabalhar com nós tudinho dentro, entendeu? Eles tão dizendo que vão fazer um tubo de 600 metros pra baixo, e de 600 metros eles vão escavar pra debaixo da terra pra tirar o minério, se ele vai fazer 600 metros, ele passa aqui por debaixo e some aqui, ninguém nem vê. Não, na reunião que eles fizeram no colégio aqui, eles fizeram a simulação, a simulação como seria a extração do ouro, aí tem aquele buraco, eles fazem aquele buracão enorme, com 600 metros de profundidade, e escava os túneis por baixo, faz as varações por baixo, pro maquinário entrar.

Diego Sousa Nascimento



Bruno Souza dos Santos dedicado a desenhar o fruto da árvore do cacau

Indenização da mineradora resolve?

Resolve, deixa eu lhe dizer por quê, é assim ó... Entre partes, porque tem muita gente que vive hoje aqui, que não é daqui, tem muita gente que veio pra cá com a família e hoje tem vontade de ir embora, mas não tem condições de ir embora, porque o que tem é dentro da área do garimpo, pra ir embora precisa ceder aquela cava ou aquela coisa que tem plantado lá, e a empresa não pagou. Muita gente hoje não vai por causa disso, porque não tem condição. Hoje pra mim resolvia a indenização, porque pra mim resolve? Tem que resolver. Porque eu estou dentro da área deles quase, a área que vai ser impactada, que o primeiro buraco dela é daqui a dois quilômetros, basicamente, aqui dentro, todo o impacto dela nós recebe bem aqui. Aí resolvia, porque nós já ia procurar outro lugar, que nem um tempo desses o Toninho chegou pra mim: “Pode procurar, pode negociar com o cara pra comprar”. Eu fui na besteira dele, negocieei uma casa na agrovila, passei vergonha com o homem. Cadê o dinheiro pra pagar? Eu falei “Toninho, eu negocieei a casa...”. E ele: “Não, mas tem que dar um tempo”. E eu: “Tu falou pra mim pra procurar outro lugar pra

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

nós se realocar, isso que tu falou pra mim”, “Não, mas porque a SEMAS embargou, e coisa e tal”. Eu disse: “Isso aí é problema de vocês, era pra tu vir primeiro negociar, tu fez a avaliação daqui, era pra tu vir com um total X, pra nós fechar negócio, como é que tu vem aqui e diz que não pode mais?”.

Antoniél Paulo da Silva Sousa



Antoniél Paulo da Silva Sousa localiza no croqui a terra onde trabalha que será destruída pela mineração

Outra coisa também, é que eles pega, faz cadastro das plantas tudo, leva lá pra fora pra avaliar, aí quando chega aqui não mostra a relação das coisas, “bora negociar”, chamando o pessoal pra negociar. Eles não fizeram o cadastro pra mandar lá pra fora? Mas não, eles que tinham que mostrar aqui quanto é a relação do valor de cada coisa. Não mostra, só chama pra negociar. Agora, uma coisa que até hoje tô encucado, que não entendi e tô querendo entender dessa parte, quero pegar um cara mais sabido do que eu pra me explicar. O que é o cacau? O cacau eles pagaram 90 reais nele, aí diz que nele bruto, nele novo era 85. Onde é que tem diferença nele, bruto, limpo? No caso, se um pé de cacau desse aí vale 90 reais, tem que ser pagado 90 reais, por que que eles vão pagar 85? É que nem essa vila da Ressaca, que foi feito o cadastro, pra indenizar. Porque eu estava assistindo um tempo um episódio muito maior do que isso aí, onde tinha colégio, onde tinha correio, uma cidade bem arrumada, com o tempo apareceu o dono da área que foi construída aquela cidade ali. Aí entrou na justiça e o pessoal quer receber, que pediu reintegração de posse, não? Quando foi outro dia as máquinas estavam passando por cima, menino parando no meio da rua com mulher, né? Então é isso, a Belo Sun pagou a vila, mas não pagou os moradores, pagou pros donos, que inclusive não é nem dono, porque hoje onde é essa vila da Ressaca é da União. Lá é da União, lá não tem nada a ver com Belo Sun, não! Hoje eu acredito assim, se hoje nós tem, falar que nem outro, nós sobrevive daqui, se precisar de um dinheiro pra pagar

alguma coisa nós tem. Eu penso assim, se nós vamos sair daqui, se nós vamos caçar outro lugar, nós temos que caçar uma melhora mais do que nós temos aqui, não é sair daqui pra ir pra pior não, entendeu? Pra nós ir pra lá, começar do zero pra cortar a primeira roça, não funciona não, é que nem o velho falou pra mim: “Vocês compra outro lote”. Eu falei “Toninho, ano passado tu me empatou, eu ia plantar minha roça e deu errado, faltando farinha”.

Antoniél Paulo da Silva Sousa



Mulheres e crianças dedicam-se a desenhar o croqui do Travessão do Bispo

É porque todo lugar aqui tem água. Tem lugar aí que tu roda 10, 15 km pra encontrar um igarapé passando, que nem pode dizer que tem, tem lote aí que o cara anda 15 km pra achar uma veia de água, um igarapézinho.

Diego Sousa Nascimento

Eu andei uma hora de pé embaixo de uma Hilux pra chegar de um igarapé pro outro, dessa distancia, uma hora de uma Hilux de um igarapé pro outro, é chão! E água lá é só um pocinho! E aqui nós tem água, só cava aqui, 5 metros tem água da lavra! Lá no meu lote é 2 mil metros, lá no fundo o igarapé faz a galha, aí vem um de fora, meio a meio. No verão ele dá uma abaixadinha, mas, tendo a riqueza da água, estamos tranquilos.

Geovani Santos da Silva

No meu passa o João Bispo no meio, aí tem uma nascente bem no meio e outra lá pro final do lote. Tem quatro igarapés.

Diego Sousa Nascimento

Sobre Belo Sun, de novo, essa empresa, que nem ele fala, ela tá cobrindo essa área. Ela tem direito de trabalhar dentro da área dela. Que nem estrada... porque ali nós tinha estrada. Não pra cá, porque aqui não é dela, mas hoje ali, já é uma coisa deles lá, uma área privada da empresa, já que chegou e tirou o colono dali, que era o

Albino, tirou o pessoal da frente. Era pra eles tá, na hora que precisasse com uns tratozinhos, aqui dentro, porque saiu lá na frente e aqui ainda mora gente, e que precisa da estrada do mesmo jeito que precisava, hoje tá estrada cheia de capim. E é porque hoje nós estamos aqui ofendidos, isolados, porque cercou lá, cercou aqui, nós estamos no meio, isolados, estrada não tem mais, e tinha. Não era boa, mas tinha, hoje em dia nem boa nem ruim. Porque Belo Sun não bota um trator pra tirar esse capim do meio, dá uma melhorada nessa estrada, e isso é obrigação dela, se é dela, quem tem que cuidar da estrada é ela, já que a prefeitura não pode chegar e meter um trator por lá, se ela não autorizar, que lá é deles, pra prefeitura for entrar tem ser autorizada pela Belo Sun, a prefeitura não tem obrigação de fazer nada mais lá, quem tem a obrigação de fazer é Belo Sun, que lá eles que tem que fazer isso pra melhorar, é eles! Hoje se o cabra sair daqui pro centro, ele pode sair seco, se chegar lá de manhã, chega todo molhado, banhado de capim, que não tem estrada.

Antoniél Paulo da Silva Souza



Taiane Ribeiro da Silva, Diego Souza Nascimento e Antoniél Paulo da Silva Souza
Contribuem na elaboração do croqui do Travessão João Bispo

|| Pra mim, eu só queria que eles cumprissem com o que eles trataram, só isso. Eu queria que eles chegassem cumprisse com o que nós conversamos, com o que eles me garantiram e agora já deram pra traz, não tem? Quando eles chegaram aqui em casa dizendo que era pra nós parar o serviço, parar de plantar cacau, que no máximo era três meses pra nós sair, param a roça, parou o que nós estava fazendo, e esperando três meses e isso já vai dar um ano e cacetada, já. Eu só queria que eles chegassem comigo e tratassem o que nós combinou, que nem eu falei: “Toninho, eu não vou ficar esperando vocês, não?” “Não, vai fazendo aí agora” e depois de quase seis meses parado de eu parado ele falou que eu podia

trabalhar de novo, e nós aqui arrematando o que nós tinha aqui, só fazer mais o que? Aí o que acontece, depois disso ele chega e diz que pode trabalhar, no inverno, que não se trabalha bem. Aí ficou nessa, só ficou lá, e veio aqui umas duas vezes, depois não veio mais. Eu só queria isso, que eles tratassem comigo o que eles cumpriram.

Belo Sun... é porque eles fizeram assim, eles fizeram aqui três cadastros, aí foi feito cadastro, pra tirar, aí quando vieram, vieram com um valor que não dá de comprar nenhuma coisa... no começo quando eles chegaram aqui a primeira vez, foi 700mil, não foi? Era 700 mil, pras cinco famílias. É juntar dinheiro pra comprar um saco, pra ir embora todo mundo junto, porque não dá não. Você vai procurar terra hoje e oito alqueires, lá perto da agrovila, o cabra me cobrou 200 mil, oito alqueire de chão que só tinha capim dentro e mais nada, aquilo vale 200 mil, onde? É que nós estamos aqui acreditando no que eles falam. Nós nunca procuramos uma fórmula, eles vai lá, encontrar com empresa e vem aqui fazer um valor, e coisa, avaliar, e vai pra Belo Horizonte, que lá que eles fazem esse negócios, aí quando vem, deu tanto... Aí tem que acreditar no que eles falam.

Antoniél Paulo da Silva Souza

|| A minha é a mesma situação, se virem me dar 100 mil na minha casa eu não vendo, porque eu sofri muito pra ganhar ela, “porque tu não vendeu Taiani?” ah menina, eu quase pari um menino no meio da rua, andando com um buxão pra cima e pra baixo atrás de ganhar essa casa, vou dar ela por 60 mil, não dou. Não dou de jeito nenhum.

Taiane Ribeiro da Silva



Casa de Taiane Ribeiro da Silva e Diogo Souza Nascimento localizada no Travessão João Bispo

|| Mas é assim: Questão maior que é pra arrumar terra. Nós tem essa terra aqui. Essa terra que é boa pra cultivo, boa pra cacau, aqui você planta uma coisa dá... Se eles pegar e quiser alocar nós,

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

que nem tem terra aqui pro rumo de Vitória, que se plantar o capim é difícil até de nascer; o capim que tu joga aí no meio terreiro nasce. Pra arrancar nós daqui e jogar num lugar qualquer também, não compensa porque se eles indenizassem por um valor razoavelmente alto, um valor que realmente compense, aí você pega suas coisas, você sai daqui, vai pra outro município aqui perto. Lá tu vai escolher, analisar a terra, se a terra é boa, se tem água. Aí sim, você vai analisar a terra pra você comprar, entendeu? Do gosto que você tem. Aí se eles for comprar, compram uma área, pegando o Pirarara, aqui vai caber 50 famílias, eles vão dividir bacana, eu sei que duas três famílias vão pegar uma terra igualmente boa, mas ali, mais de 50 por cento vai pegar uma terra que é só serra, ou que é só baixo, ou é totalmente difícil da pessoa se manter no local. Ninguém compra nada dos outros do gosto seu, do seu gosto. Quem gosta do seu gosto é só você.

Diego Sousa Nascimento

|| Ai vão comprar uma terrinha aí de 100 mil e dizer que é 1 milhão.

Geovani Santos da Silva

|| Eu vou dar a minha opinião... eu acho que o mínimo que a Belo Sun deveria fazer, era pagar o nosso trabalho que a gente viveu aqui há tanto tempo, pagar a nossa história, caçar uma terra pra cada um de nós e ver se realmente nós vamos ter possibilidade de viver naquele lugar, se nós vamos se adaptar aquele lugar, aquele local, aí sim... seria uma boa, mas assim do jeito que ela tá fazendo? Eu não concordo de jeito nenhum.

Taiane Ribeiro da Silva

O que vocês poderiam fazer com uma indenização de 700mil?

|| O cara do mato, ele vai pra onde? ele vai pro mato, não adianta ele pegar dinheiro aqui e ir pra cidade. Se ele é do mato ele tem que ir pro mato, porque se ele for pra cidade, na cidade ele se acaba. Ele tem que pegar esse dinheiro e investir com pimenta, com cacau, alguma coisa, mas no mato, o homem do mato ele não pode sair do mato não, ele tem que ficar no mato, ele tem viver onde ele se dá bem.

Antoniél Paulo da Silva Sousa

|| A pessoa nasceu e aprendeu a trabalhar só na terra, ele for pra dentro de uma cidade ele zera, ele zera e rápido. Porque eu conheci gente aqui, conhecido nosso que ganhou milhões e em menos de um ano o homem não tinha nada, estava trabalhando na terra dos outros, porque gastou o dinheiro todinho, foi comprar carro, negociou carro e foi pro meio da mulherada e cabaré e bebida e com o tempo o homem alisou.

Diego Sousa Nascimento

|| Eu sei que ela chega na casa do cara e ela conversa bonito, se é na reunião é com um pessoal treinado só pra mentir... Ô pessoalzinho que mente!! Aí se tu procura informação, ele falam "não sei... não é assim... não sei como é que é... não tô entendendo", e assim vai. O Toninho eu nunca cheguei pra perguntar uma coisa, ele: "Não isso é história, não tô sabendo disso não". É de dentro da empresa, e não sabe o que que acontece na empresa!

Antoniél Paulo da Silva Sousa

|| Mas tem aquela questão... que um dia desses a gente estava conversando com o Ceará ali, aí ele falou assim: "Não Diego pode botar a roça, que no dia que eu sair daqui tu pode ter certeza que tu sai" e o Diego falou assim: "eu não vou parar de trabalhar". Aí ele falou bem assim: "pois é, no dia que eu sair daqui tu sai". Aí Diego falou bem assim: "Vem cá tu acha que eu vou sair, tu trabalha dentro de uma empresa e tu não sabe de nada" "Não é que eu não sei, é porque se chegar a vazar alguma notícia de lá de dentro e eles saber que foi eu, eles me demitem, eles me mandam embora sem direito a nada".

Taiane Ribeiro da Silva

|| E assim, outra coisa sobre a questão de emprego, a empresa diz que vai contratar uma certa porcentagem de pessoal da região pra gerar emprego essas coisas, como é que o pessoal daqui vão pegar um currículo pra levar em Altamira ninguém sabe aonde? Eu sei que o que tem de gente na rua, eu acho que 90% da população de Altamira já entregou currículo no escritório da Belo Sun pra poder garantir vaga aqui.

Diego Sousa Nascimento

|| Eu pergunto assim, os agricultores vão trabalhar em que área dentro da empresa? Porque eles não deram um curso de capacitação, nem todo mundo, acho que tem uns 10% dos agricultores são analfabetos, que tipo de emprego eles vão

dar pros agricultores? Se a coisa que eles sabem é roçar, mexer com cacau, outros pescar, que tipo de emprego eles vão dar pros agricultores?

Taiane Ribeiro da Silva

É quem nem esse pessoal dessa nova vila, se ligue na conversa: meu amigo chegou lá e perguntou: “Vocês vão querer a indenização ou casa?” Aí ele falou os benefícios “porque vai ter banco, correio, o carro vai te levar e trazer, porque o serviço vai te pegar, tudo no esquema, durante 17 anos...” Meu filho, estava bom demais! Aí eu perguntei: e quando essa mina sair? Esse pessoal vai viver no mato do que? O que vai ficar pra esse pessoal trabalhar? Que vocês não vão deixar o carro pra trás, nem ficar mandando dinheiro pra cá sem ninguém estar no trabalho não. Quando essa mina sair vai ter gente que vai ficar passando fome, que nem tem na Ressaca, aí neguinho passando ruim.

Antoniél Paulo da Silva Sousa



Crianças e adolescentes fotografados exibindo desenhos de legendas

Croqui do Travessão do Bispo



Taiane Ribeiro da Silva apresenta o croqui do Travessão João Bispo

A gente vai começar lá pelo Valdo, aí tem a plantação dele, ainda pra fazer; tem a casa do Adalton; tem aquela ponte, que não tá arrumadinha assim, mas tem; aí aqui é o João Bispo que joga lá no rio Xingu, o João Bispo vem daqui... aí aqui é outra nascente do João Bispo também; aqui tem os pés de açaí do senhor Adalton; aí segue o PA Ressaca, depois da ponte, tem o s. Valdete, aí o pasto dele, os pés de castanha dele aqui; aí sobe a ladeira e entra no João Bispo Beira-Rio, aí tem o curral da minha sogra, da dona Maria; aí tem os pezinhos de banana bem na lagoazinha que tem lá perto de casa, uma nascente também que joga no

João Bispo; aí tem aquela ladeirinha e chega lá em casa, os pés de jaca, aqui é o meu sítio; e segue, pra cá tem uns pés de babaçu; tem uma caatinga lá longe; quando chega mais na frente, tem a entrada da casa do Ceará, essa aqui vai lá pro Ceará, aí tem a abertura aqui da casa dele, e mais aqui tem um pasto e tem uns dois mil pés de cacau; aí volta de novo, pega a estrada e tem o senhor Raimundo Moura aqui na beirada da estrada, o senhor Raimundo Moura tem uns pés de abacate, de goiaba; aqui do lado da casa dele; aí vem e passa, tem o senhor João Vaqueiro que lote dele tá abandonado; aí chega mais na frente e tem a dona Madalena, aqui é o sítio dela, o cacau dela aqui, tem a parte da floresta, que ainda não foi desmatada; tem esse “igarapezinho”, que eu não sei onde nasce; aquela ponte ali, aí segue em frente, aí mais na frente tem a encruzilhada: aqui vai pro ramal do Albino, aqui vai pra beira do rio; aí bem aqui casa do senhor Pesçoço; aí segue, chegou mais na frente e é a casa do Raimundinho, aí tem a casa do Raimundo na beira da estrada; aí segue, mais na frente tem uma barraquinha dos garimpeiros, logo em frente tem uns dois igarapezinhos

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

da barraca dos garimpeiros; aí a gente anda um pouco e chega na aldeia São Francisco; aí depois da aldeia, tem uma pontezinha e chega na beira do rio; beira do rio desce, vai pra Ressaca, atravessa de voadeira; aí a gente volta aqui pelo ramal do Albino, nesse ramal aqui não mora mais ninguém, né? (*Antoniél: Não, só o Adalmir e o Baiano*) é tem só dois moradores então está praticamente deserto... aí essa área aqui vermelha é onde eles falaram que vai ser a bacia de rejeito; aqui já foi tirada umas casas daqui... então, volta, aí tem o ramal do Faustino, esse ramal do Faustino vara na principal, na PA Ressaca de novo, só que voltando aqui a atrás, onde a gente entrou... no travessão, segue o PA Ressaca, aí tem o lote do Alisson, de frente com o do Valdete, aí a gente vai ver que é praticamente pasto de um lado e do outro; aí segue, aí tem o lote da Maria, do cacau, que é onde vocês entraram pra perguntar, aí tem o lote dela, a entradazinha; aí tem o lote do Irmão, que eu não sei como é nome dele; aí entra no ramal do Faustino que vai varar também aqui no ramal do Albino; segue e tem uma entradazinha que entra pra casa do irmão, que eu falei que não lembro o nome dele, o esposo da Luciana; aí a gente segue pra estrada, tem outra entradazinha mais na frente que é a casa do Deda; ai aqui mais na frente é a casa do Paulista; e segue o PA Ressaca, aí mais aqui na frente tem a “Curvona”, que o pessoal conhece mais por “Curvona”; aí aqui tem o travessão da Ressaca, que vara no... ixi, eu esqueci de apresentar o João Bispo. Tem o João Bispo aqui também, o Armando, que vai pro Centro; então esse travessão da Ressaca aqui vara pro João Bispo (*Centro*) e pro Pernambuco... (*profa. Rosa: que é o Pernambuco?*) é um travessão também; aí bem aqui é o Mocotó, aí vara também pro travessão Ressaca, dá acesso ao Trans-União... como é o nome? Ele vara na balsa também, mas percorre pra mais de 100, 120 km, pra poder varar na Balsa... Novo Brasil... (*Antoniél: Novo Brasil, Itapuama, Rezende*)... É, tudo anda por aqui... aí a gente volta aqui pra ir pra Ressaca; aí tem a ponte, tem umas casas, logo depois da “Curvona” tem um monte de casinha na beira da estrada, que é a dona Selma e os filhos dela que moram em toda essa parte aqui; aí tem a entrada do Itatá; aqui a Belo Sun já comprou que é a Fazenda do Alencar; e mais na frente tem a fazenda do Zé Onça; aí tem uma estrada que eu não sei pra onde que ela vai... vai pra Ouro Verde, isso... Aí a gente desce uma ladeira, sobe e chega na Ressaca. Aí tem vila dos Corno (*risos*), aí tem a Ressaca que vai chegando na beira do rio; aí essa estrada aqui vara... é outra estradazinha que tem aqui por cima da estrada Ressaca, se vocês prestarem atenção tem outra estadazinha que vara assim por cima, vara lá no posto de saúde; aí pega outra estrada beirando o rio e vai pro Galo; do outro lado do rio, que quando a gente chega lá dá de ver, a Ilha da Fazenda; aqui são os barquinhos, ilha da Ressaca, outra estrada assim, outra rua, aqui tem o campo de futebol e tem outras casinha aqui... é só isso (*risos*).

Taiane Ribeiro da Silva

Essa parte aqui são as terras compradas pela Belo Sun.

Taiane Ribeiro da Silva

Essa lateral aqui todinha do rio, passando pelo velho Chiquinho, Gaz, e chega aí em nós... que foi vendido.. do lado de lá já foi vendido já, que é o Gaz, o Albino... Pois é, esse aqui é o garimpo aqui... e tem essa parte aqui também que é da dona Selma, essa parte aqui que é do Alencar e do Zé Onça. Mas, a Selma está fora ainda... só essa parte que tá circulado... aí a Ressaca também está fora, pinta de vermelho.

Antoniél Paulo da Silva Sousa.

Falta indenizar só as casas dos garimpeiros que fizeram casa que não foi indenizado... mas ela já foi indenizada. No Galo já só falta as casinhas dos garimpeiros que deixou.

Geane Kelly

A vila em si, a Vila da Ressaca e a Vila do Galo ainda não foi indenizado.

Taiane Ribeiro da Silva.

O dono mesmo da Terra Legal já foi indenizado. Só que os habitantes das casas ainda não foram indenizados.

Geane Kelly

Os invasores (*risos*)

Antoniél Paulo da Silva Sousa

Aí tem outra parte aqui que já fez cadastro que dizem que é pra sair no meio do ano que vem, que vem.. Quem fez pra cadastro fez só, a Maria, o senhor Raimundo Moura.

Taiane Ribeiro da Silva

O Dodô, dizendo o pessoal que aquele lote do Dodô já foi indenizado... mora no João Bispo, do lado do Armando um pouco... me falaram que já tinha sido indenizado, que já tinham pagado ele já, só que eu não sei também, é muita conversa.

Antoniél Paulo da Silva Sousa

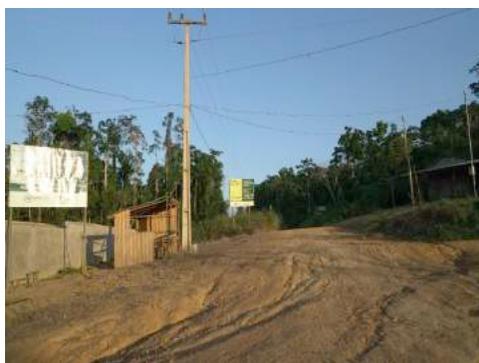
Aí, toda essa parte aqui o Pescoço; aquele irmão lá; no Faustino; na Selma; o Bené; a Madalena.

Taiane Ribeiro da Silva

A aldeia é a mesma coisa que aqui... foi cadastrada também... só que é que nem aqui... que vão fazer outro levantamento. A Ressaca também foi cadastrada também.

Taiane Ribeiro da Silva.

(**Vozes juntas:** a Ressaca? foi indenizado? O dono da terra, mas o povoado ainda não.).



Travessão do Pirarara e terreno, do lado esquerdo, a escola pela Norte Energia em fase de construção. Segundo os moradores para este lugar estarão sendo deslocadas famílias da Vila Ressaca.



Igarapé do Itatá

Travessão do Itatá

Conflitos de família Xipaya com a Oca Mineração

João Xipaya Leite: Xipaya... Aqui mesmo, nós somos em três.

Maria: Não, o pessoal todo.

João Xipaya Leite: Na base de uns 30, né Maria? Esse é o nosso Sítio Volta Grande.

Eu sou **Maria dos Santos Leite**, esposa do João Xipaya e faz 19 anos que nós mora aqui.



Maria dos Santos Leite, esposa do sr. João Xipaya, Hilda Ribeiro de Castro e Robson Ribeiro dos Santos

Essa terra era do Pedro Rodrigues primeiro, aqui? Não aqui era do Zé Pinga, só que pertencia a ele, mas ele nunca morou aqui. Quem morou aqui primeiro foi o finado meu pai. Acho que é 10 anos, porque hoje eu estou com 43 anos.

João Xipaya

Já, nessa área já aqui, porque ele morava ali na Oca e depois ele morava um pouco na Ilha, porque era do irmão dele, né? A terra ali era do finado Pedro Rodrigues, o tio dele era genro desse Pedro Rodrigues. Quando o seu Pedro Rodrigues morreu entregou pra ele, aí na hora que o seu finado Inácio entregou ali pro pai dele, o pai dele ficava aqui, morava aqui também, nessa terra aqui, que nós estamos agora. Aí eles passaram pra lá porque ele estava muito doente, com reumatismo, né? E lá na beira era mais fácil pra ele embarcar na canoa pra ir pescar e eles passaram pra lá, porque aqui é mais dependente, aqui é mais dentro do mato, não tinha estrada nessa época, e lá tinha estradinha mais, feito a da Oca, era mais melhor pra ele morar, perto da beira do rio, ele foi morar lá, foi acampar lá. Aí o pai dele lá ficou um tempão morando aqui, aí foi o tempo da Oca. Da Oca, o pai deles recebia uma cestinha, sabe? Mas depois que entrou essa outra firma não deram mais nada pra eles. Aí, eles ficaram dependentes, o pai deles adoeceu, nós precisou muito, aí nessa época ninguém ajudou e nós corremos pela FUNAI. Foi que a FUNAI levou ele pra Belém, ele até morreu lá em Belém, o pai dele.

Maria dos Santos Leite

Meu pai é do alto Xingu. Quando ele encontrou aqui, só mexiam com seringa. Eram as embarcações só no rio, não tinha ninguém pra cá. Primeira pessoa era nós mesmo.

João Xipaya.

Aí tinha o Pedro Rodrigues, o “veinho” que morava na beira do rio. Sim, mas lá do outro lote, lá, no da firma agora. Tinha indígena, sim. Tinha, não, tem, era os Assurini.

Maria dos Santos Leite

Que eu falei naquele dia pra vocês lá, que os Assurini correram, né? E deixaram a panela, deixaram flecha, aí ele, meu pai, foi e pegou. De noite eles foram bater aí no porto da firma, né? Nós morava aí no porto da firma também já, aí eles foram bater aí.

João Xipaya

Aí vocês correram pras ilhas com medo dos índios?

Maria dos Santos Leite

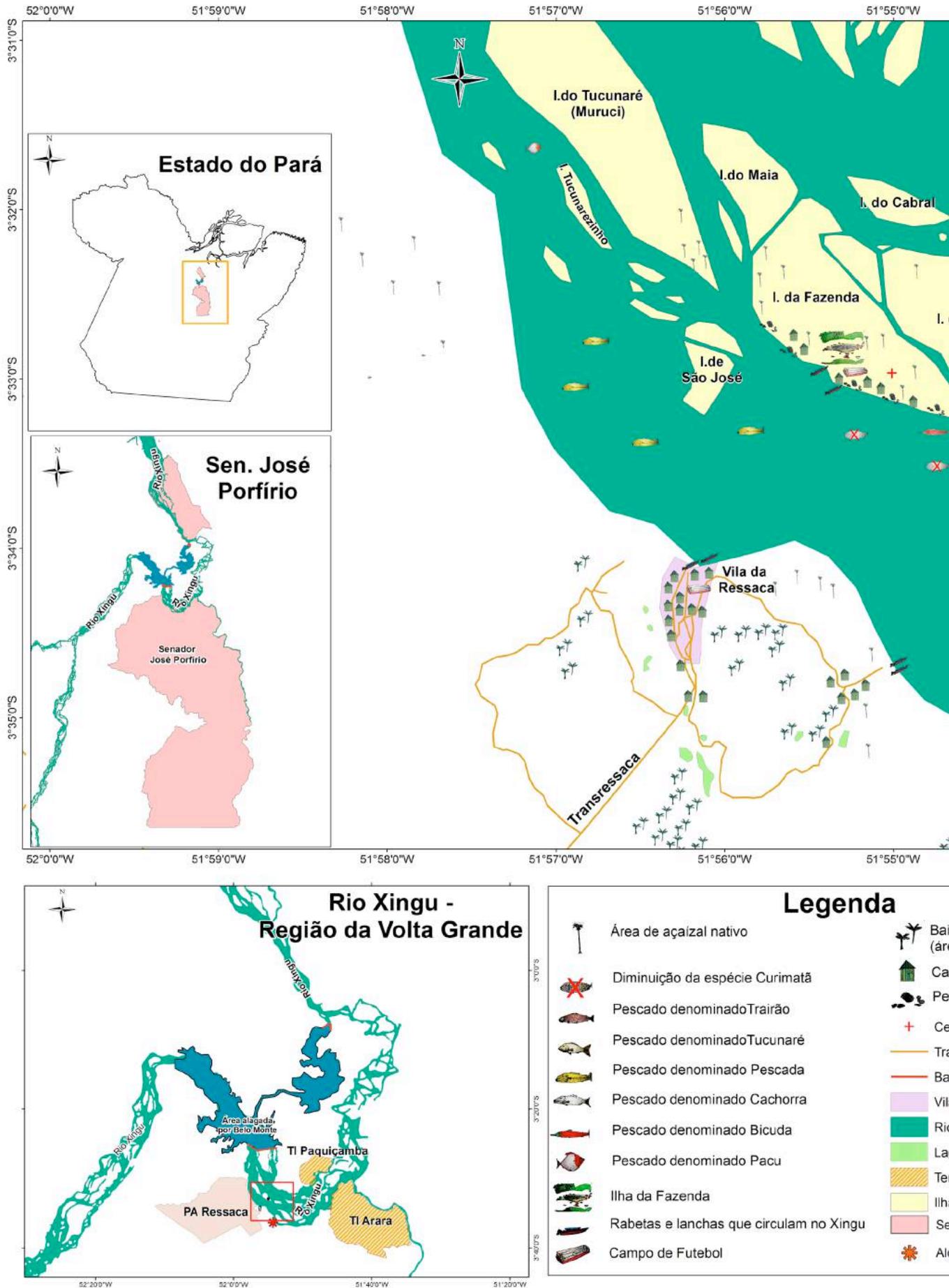
Não. Nesse tempo não. Nesse tempo nós, o finado Inácio e ele (o pai), iam pegar os índios, mas só era um, aí o índio correu, foram embora, esse Assurini. Aí não vieram mais não.

João Xipaya

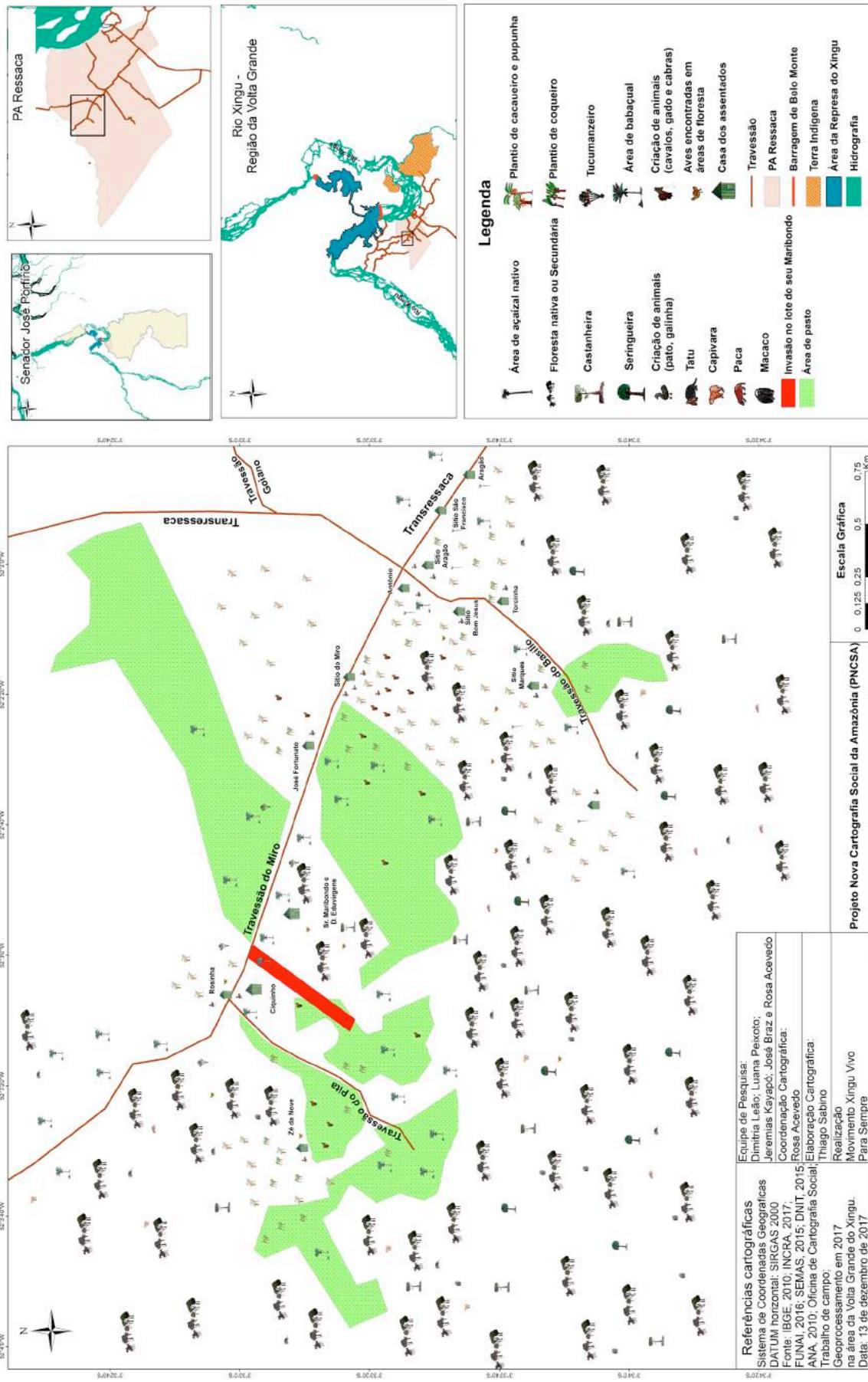


Família Xipaya no sítio Volta Grande do Xingu

Ilha da Fazenda na Volta Grande do Xingu



Assentados do Travessão do Miro, no PA Ressaca, município de Senador José Porfírio, Pará



Senhora Maria dos Santos Leite e seu esposo João Xipaya

Tu contou pra ela do conflito que teve aí? Que teve aqui na firma? Aí no tempo da Oca? Que tua mãe pegou um tiro, tu pegou um chumbo que até hoje tu tem ele aí.

João tinha oito anos quando ele, eu... a Oca estava parada, há cinco anos atrás, estava parada com muitos anos... aí quando eu cheguei pra trabalhar na beira do rio mesmo, na firma, eu trabalhei aí uns meses, assim uns dias, ajudando eles aí na firma, no tempo da Oca, e ele estava aí também. Aí eles pescavam, vendia peixe, aí eles vieram trazer um peixe pra firma pra trocar, no tempo da Oca, aí foi trocar a mercadoria. Aí o pessoal tinha tirado um bocado de gente lá dentro do garimpo, tirado o pessoal na época dizendo que o pessoal (os *garimpeiros*) tinha invadido; eles (*Oca Mineração*) invadiram a área, tomou dos garimpeiros, e no fim os invasores eram os garimpeiros, tá entendendo? Aí foi o tempo que levaram a mãe dele lá pra dentro pra ir pegar umas coisas dos garimpeiros, até nessa ocasião eu ia. Eu tinha, tenho um filho que tá agora com vinte dois, né? O Marcone. Então, esse menino era pequeno nessa época, e eu ia também mais eles, mas na hora que eu ia o menino chorou e eu não fui. Aí foi só ele e a mãe dele, aí não demorou nadinha, levaram um tiro pra lá. Atiraram nos carros da polícia (*João Xipaya: antes de chegar no Itatã*). Ele (*João Xipaya*) estava dentro, a mãe dele pegou chumbo aqui, na nuca, e ele pegou nos quadril dele; ele estava com oito anos nessa época.

Aí eu estava aí, levemos ela lá pra dentro pra atender, aí tinha um que pegou uns tiros assim, aí cortaram a camisa dele todinha, que isso aqui dele quebrou tudo, esse morreu, lá em Belém. Aí eles (*os funcionários da Oca Mineração*) queria assim: “como é que nós vamos levar agora?” Aí eles olhou pra ela, pra mãe dele, e falou assim: “Ah, ela não vai não, não vai dá pra ela ir não”; Eu digo: “por que que ela não vai? Ela vai ter que ir, porque ela pegou o tiro aqui, vocês que estavam, eles estavam com vocês lá dentro, vocês que levaram ela pra lá”. Aí quando eles falaram pra mim assim que ela estava pouco, eu digo: “Não, vai ter que levar, não tá vendo ela cuspiendo aquele monte de sangue assim, ó”, Aí nós botemos, naquele tempo era o Tim que tomava, que trabalhava aí, aí eu chamei, o Tim veio: “Não, ela vai ter que ir pra Belém, como é que vai?”. E eu digo assim: “E o menino, vai levar os dois?”. Ele foi junto com ela, botaram uma cama dentro da voadeira,

daquelas voadeiras assim que ela voava, ela não andava, assim feito ar, estava encostada assim bem na beira. Aí colocou dentro, quando o pai dele, estava ali pra uma ilha pescando, quando o pai dele soube mais os outros irmãos dele, ele já estava viajado, nós já tinha colocado, aí ficaram revoltados, aí querendo entrar na mata ver que foi que fez aquilo, né? Mas aí a gente conversou muito com ele, ele se aquietou. Não, nós não sabe, até hoje nós não sabe quem foi que fez isso, sabe? Diz que foi os garimpeiros, mas daí a gente não sabe, porque o armamento era arma muito perigosa. Tá entendendo? A gente não tem certeza de saber quem foi mesmo, verdadeiro que fez isso. Não sabemos porque atiraram. Porque eles estavam no carro da firma, e eles (*os garimpeiros*) estavam com raiva da firma, e eles (*João Xipaya e sua mãe*) estavam indo junto, pra, diz que, pegar muito rancho que tinha lá dentro, porque diz que lá tinha muita mercadoria que estava estragando, que eles tocaram fogo nos barracos.

Maria dos Santos Leite



Hilda Ribeiro de Castro, Rayane Carvalho Silva Santos, Marcone dos Santos observam os primeiros traços do croqui.

A barragem prejudicou, como é João que a gente fala? Na navegação no rio, porque de primeiro a gente pegava direto pra atravessar, pra ir pra Altamira, tem hora que a gente passa 20 minutos, 15 minutos esperando lá pra modo da gente descer pra cá, aí isso aí atrasou nossa viagem. E é nós passava direto, agora tampou lá o canal.

Maria dos Santos Leite

Tanto pra ir, quanto pra descer, porque do jeito que a gente ia daqui já passava direto, de vinte minutos atravessar do lado pro outro.

João Xipaya

A água diminuiu 100%, e aumentou as carapanãs também, porque quando dá um pouquinho de água o carapanã aumenta. Que já estava com muitos anos que não dava esses insetos aqui.

Maria dos Santos Leite

Indígenas Xipaya com sua terra invadida pela Mineração Belo Sun

O meu cunhado sentiu muito ameaçado por ela, ele veio até aqui pra modo de nós sair daqui, com medo, chegou e vendeu o lote por 15 mil reais com medo da Belo Sun, medo porque eles falaram que não podia mais fazer casa lá na beira do rio, que é foi o Jambe, que falou, né? Que falou isso com ele, já assim, foi ele que disse isso pra nós, nessa hora nós já não estava lá perto. O Jambe era um funcionário que trabalhava aí na firma, tomava de conta do escritório, lá dentro, fazia os pagamentos, aí ele ficou com medo de perder tudo, aí aconteceu isso. Eles venderam 20 alqueires, era um lote, o do Zeca.

Maria dos Santos Leite

Era sim, era 20 alqueires, não era a frente que era pequena, que era 400 metros, só. É o lote do Zeca era 400 de frente, né? E de fundo era 2 km. Vendeu por 15 mil.

João Xipaya



Hilda Ribeiro de Castro e Robson Ribeiro dos Santos inserem elementos descritivos no croqui

E era pra ele não fazer mais casa... porque vinha até um cunhado dele morar aqui, eles tinham um barraquinho, né? Que não era pra eles fazer mais outro barraco lá na beira, que eles não queriam, assim o Jambe falou pra ele, né? E ele falou pra gente.

João Xipaya

E ele falou pra nós assim. Aí nós falemos pra ele, eu fui com ele e falei: “Rapaz, mas se você quiser nós vamos resolver isso aí, não está vendo que eles não podem empatar vocês, porque vocês é o dono da terra”. Mas daí ele disse: “Não, vou me embora, porque eu não quero questão” e vendeu por esse preço e foi embora pra rua. E depois voltaram de novo pra cá e ficaram nas ilhas aí, rodados aí. Aí que nós conseguimos um

pedacinho de terra aqui. Aí, agora de novo, já tão com esse negócio de indenização, mas disse que não vai atingir nós aqui. Mas eu acho que vai, porque o Galo ali trabalhando manual, o impacto aqui pra nós, nós já sentia de madrugada, né? Quando eles estouravam as bombas, mas era só um buracinho de nada que eles lá, eles dizem, né? E agora que vai ser um céu aberto, eles dizem que não vai atingir nós aqui, mas eu prevejo que vai ser atingido nós aqui sim.

Maria dos Santos Leite

Por enquanto ela (*Mineradora Belo Sun*) ainda não falou nada sobre isso com nós, assim de tirar nós, indenizar, só que o seu Toninho andava aqui e eu especulei com ele “Seu Toninho, eu não quero sair dessa terra, custou muita coisa pra eu conseguir uma terra pra eu jogar assim do nada”, aí eu falei com ele. “Eu não quero sair daqui, agora se eu for prejudicada eu vou sair, mas também não vai ser assim jogando eu com as trouxas pela janela não, pegando assim as coisas jogando fora, da gente, as coisas que a gente assim não habitua aqui, porque já faz muito tempo que nós mora aqui, pra ir chegando pegar assim, pegar as nossas coisas e jogar, não pode ser assim”. Então isso que eu sempre falo, tem uma mulher ali na firma falou assim: “Maria, se tu pegar 300 mil da tua terra uma coisa que tu nunca pegou, um dinheiro que você nunca vai pegar nas suas coisas, e nunca pegou”. Eu fui falei pra ela assim: “Olha a terra ela é sempre terra”. Peguei assim na terra e falei pra ela assim: “Isso aqui é a terra, ela nunca acaba, o dinheiro acaba, e quanto de tempo que eu estou trabalhando nela, se eu for botar em conta já passou disso e só eu, fora meus filhos, meus netos, que mora tudo aqui mais eu, meu genro. Tem neto que vieram da rua criar o filho dele e tá morando aqui, fez uma casinha tá aqui perto de nós, porque lá na rua tá difícil. Agora tá difícil, eu que não sei ler, meu esposo, é índio, nascido aqui, não tem condição de nós sair daqui jogado assim, que nem papel higiênico na privada, não tem... Eu falei pra eles, eu já conversei com eles sobre isso. “Não a senhora não precisa fazer nada disso, compra gado, fazenda”. Eu nem com gado sei mexer, aqui na roça tem mandioca, milho e a criação né? Não tem esse negócio de mexer com gado. “Moço eu não sei mexer, meu marido também não”. E pra eles tem que ter estudo, tem que ser um bocado de coisa pra mexer, então não tem condições não. É um valor barato, resumindo pra mim não dá, eu digo pra vocês, que 2 milhões que eles dá aqui pra mim ainda é pouco pelo tanto de gente que eu tenho. É muita gente, eu não vou querer sair daqui com uma mão na frente e outra atrás. Então, como eu estava dizendo, eu falei que

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

é muita gente aqui. Eu morava no Paraná, eu sei da dificuldade de terra, esse pessoal que mora aqui eles não tem valor no que eles tem, no que eles possuem. Eu não eu “valuo” demais a terra, é muito valoroso pra mim! E pros meus filhos também, porque eu tenho certeza que eles não vão querer sair daqui com uma mão na frente e outra atrás, não. Nós já vamos querer outra terra, com coisa, com tudo que nós tem aqui, nós não vamos passar do primeiro pau, de uma “juqueira” pra derrubar; nós não quer não. Não adianta nada não, tá pensando o que? 100 mil reais ali dentro da Ressaca, ali, ó, a senhora não compra nem o rancho pra passar, bem dizer assim, comprar um rancho pra passar um mês pra nós comer que não dá, não!

Maria dos Santos Leite



Maria dos Santos Leite e João Xípia situaram diversos conflitos com as empresas de mineração e os mais recentes com a Mineração Belo Sun

Igual como eles querem fazer com o pessoal ali da Ressaca, querem dar uma casa ali no Pirarara, aí eles pega e dá uma mixaria de dinheiro, aqui eles tem como sobreviver, eles tem como tirar da terra, do rio, tem o peixe, e lá? Vão sobreviver de que? O terreno (...) só o lugarzinho da casa.

Hilda Ribeiro de Castro

E é que nem nós, nós somos do mesmo jeito. Se eles jogam nós no centro aí, nós aqui vive da farinha, do milho, da galinha, dos peixe, também do rio, e agora pra nós, eles arrancar a Ressaca e o Itatá, pra nós tá morto. Como vamos fazer nosso negócio? Xingú pra nós morreu. Nós vamos pegar o peixe e vender pra quem? Nós vamos só comer? Nós temos que ter outras coisas. E agora a barragem já foi uma coisa ruim pra nós, ruim demais, agora Belo Sun querendo arrancar nós, jogar onde será, meu Deus? Foi ruim porque impactou, né? Nós estamos por baixo dela, qualquer coisa que rache lá, nós estamos tudo na rua. Pois é, aqui era pra Norte Energia indenizar todo mundo aqui. Não foi indenizado ninguém, agora tão jogando tudo pra Belo Sun e a Belo Sun tá jogando tudo pro lixo... Enche pra nós, diminui, fica aquela coisa nojenta, sabe? A gente não pode mais ter confiança na água.

Maria dos Santos Leite



Igarapé Itatá e Igarapé Ituna com o volume de água mais reduzido no verão depois da UHE Belo Monte

|| Não, tem mais, quero dizer assim: agora tá baixo, daqui a pouco a água tá lá em cima, daqui a pouco a água tá lá em baixo, na hora que sai tá cheio, na hora que vai voltar tá baixo, aí fica nesse constante abaixa e sobe. Aí agora a Belo Sun entrando aqui querendo fazer uma senhora de mina aí, né? Que a gente vê aí pra fora o que aconteceu com as minas, e nós como é que nós estamos? Nós estamos numa arapuca, só tem um buraquinho pra suspender a cabeça assim e respirar o resto tá tudo tapado. Nós estamos aqui presos. Se arrancarem o Galo, a Ressaca pra nós, tá ruim pra nós, e o Itatá. E pra ali ninguém quer sair. Vive do garimpo, vive do peixe, dos caris, tem lote quer pegar, é que nem nós aqui nós convive mais com eles; nós vende, nós faz farinha, nós vende lata pra eles, daqui da Ressaca, do Itatá, até na ilha da Fazenda nós vende farinha. É até que meu cunhado não tá aqui o outro, né? Se ele tivesse aqui ele falava pra vocês o mesmo. A Belo Sun mesmo, aqui com nós, a única coisa que ela quer comprar é a macaxeira e eu falei que a macaxeira eu não vendo mais, porque se vender dois quilos de macaxeira que tu vai fazer todo fim de semana dois quilos de macaxeira, tu vai vender, esse dinheiro vale pra que?

Não, eles tão querendo vê não, porque lá onde é a pedra (*referindo-se ao marco fixado pelo INCRA com demarcação dos lotes*), eles não querem aceitar que é lá, sabe? Porque o trator arrancou, logo, antes deles (*Belo Sun*) virem pra cá, aquela pedra da Oca o trator arrancou, outra firma arrancou, quando mandaram limpar, aí arrancou a pedra, agora eles chegaram...

E o marco do INCRA... aí eles não querem consentir que seja lá, porque passa lá dentro do barracão deles; aí eles querem, eu falei pra eles, que querem marcar, chamar, eu digo: “Não. Só com INCRA”. O INCRA tem tudo lá, ele vai ter que... mostrar onde tá a pedra, porque eles tem lá esse mapa, nós não tem. Até o INCRA nós fomos lá, até isso ele falou com nós que aquilo não dependia deles mais essa terra, falaram isso pra mim lá, quem foi que falou com nós lá, João? Foi o Pinto. Eu não sei, diz que de uma tal de União aí... eu que não entendo, eu nunca vi União nenhuma aqui. Tem, essas terras da beira do rio aqui até ali no perto do Eloy, tem pedra, agora lá pra baixo não tem mais não, pedra do INCRA foi até ali que eles colocaram, só.

Maria dos Santos Leite

|| Porque aqui desse lado eles vieram, não foi João? E o seu Toninho... foi daquele lado ou foi desse lado?

Hilda Ribeiro de Castro.

|| Foi eu mostrei tudinho pro seu Toninho. Agora ele cortou uma parte e foi aqui, oh, eu disse que não aceito [...]. Eu disse “não, a pedra tá bem aqui marcada aqui tem outra lá na frente, que arrancaram aqui, o pessoal da firma”.

João Xipaya

|| Pois é, foi arrancado duas pedras por eles. Foi até o Jambre que mandou, trabalhava na firma; o Jambre, mandou arrancar, passar o trator na casa do meu cunhado e arrancou tudo quando ele ganhou a terra do meu cunhado, ele mandou arrancar e levou a pedra junto. Não sei se ele tá ainda, mas a firma continua.

Maria dos Santos Leite

|| Pois é, eles têm que medir, tem aqui e tem aqui.

Hilda Ribeiro de Castro

|| O Zeca que morava lá, José Xipaya Leite. Eu morava lá, quando eles arrancam a casa dele, eu comprei... ele deu até as ripas pra nós, quando pensamos em voltar de Altamira, quando o João voltou, eles já tinha passado o trator, arrancado era tudo... pra casa não ficar mais lá, pra não entrar mais ninguém. Porque deram 15 mil pro meu cunhado, meu cunhado se envolveu com esses 15 mil. E agora eles não vai consentir que a pedra não é lá, eles querem diminuir uma coisa que foi assentada pelo INCRA. Foi indenizado, diz ele compraram por 15 mil... Era a Verena (*Mineradora Verena*) que estava aí. Mas é a mesma coisa... Não tem diferença nenhuma, mudaram de nome por causa da bagunça que fizeram.

Maria dos Santos Leite

|| E é porque a gente acha que eles vendem pra outros? Ou sei lá é só laranjinha. Só muda de nome. Cada uma que vem fazendo uma coisa diferente até eles tirarem o povo tudo, sabe? Porque aí, com a do Zeca eles já ficaram... Como eu falei não era pro Zeca ter feito esse negócio... Desde o tempo da Oca eles já eram morador aí, desde o tempo do pai deles, aquilo ali... Os índios ficavam era aí... aí eles foram tomando, tomando, tomando. Foram morrendo. Só tem esse daqui esse pedaço, esse lote, e ainda tão dentro de um pedaço desse lote. Aí se brincar vão acabar tomando.

Hilda Ribeiro de Castro

|| E fui é lá dentro com eles lá, quando eu vi que eles meteram um pique aqui. Eles não tomam não, em nome do seu Jesus Cristo eles não tomam nada, nem um palmo mais... Aí nós fomos lá dentro e eu falei pra eles “Olha gente a minha capital é essa

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

daqui, jamais eu posso pegar e entregar minha capital pra vocês”. “Não, nós não quer terra, nós quer o ouro”. Então pronto vão atrás do ouro, porque se tem ouro aqui tá incubado e eu não quero que mexa, né?”. Aí se vai pegar um terreiro desse e vai acabar tudinho caçando ouro ao redor da minha casa? Jamais eu quero isso. Eu não vivo de ouro eu vivo de arroz, feijão, mandioca, farinha.

Maria dos Santos Leite

Só que eles não fala quando vai indenizar nós aqui. Acho que aqui não vai ser indenizado não.

Hilda Ribeiro de Castro

Por enquanto até agora não falou nada de que vai indenizar nós não.

Maria dos Santos Leite

Mas isso aí é conversa, não existe isso não, onde é que eles vão mexer nessa área todinha e vai ficar só nós aqui nesse meio? É difícil demais.

Dion Leno dos Santos

Se eles não indenizarem, cobra aluguel dessa área que eles tá usando...

Robson Ribeiro dos Santos

“Não, seu João, não esquentar não, que a gente vai lote lá do outro lado que é pra não ocupar a terra de vocês” eles dizem.

João Xipaya

Fizeram uma casa agora, vocês já viram? Quando vocês vieram aqui ainda não tinha aquela casa do outro lado, aquela casa era pra ser feita aqui. Aquela casa é casa de amostra.

Maria dos Santos Leite

De indenização, é a casa que eles vão dar pro povo da Ressaca, a casa que eles vão dar é daquela forma lá.

Robson Ribeiro dos Santos

Reassentamento, que diz que vão fazer pro povo daí, né? Agora eu mesma não quero nada de casa, como eu já falei, se ele me tirarem daqui tem que me dar um outro lugar que nem esse, na beira do Xingu Vivo, não quero Xingu morto não!

Maria dos Santos Leite

Então tá ruim, que lá pra cima tá morto...

João Xipaya

Tá nada... Ainda tem água e tá tendo peixe, agora aqui pra baixo que nós estamos feito... que tá secando tudo, ninguém acha mais nem cari... (se

referindo ao Itatá) Tá uma coisa, que lá todo mundo banhava de primeira, antigamente era bem cheio.

Maria dos Santos Leite

O Ituna, o igarapé do Tuna, foi afetado bastante também, no dia que eu fui lá, tá seco, tá horrível, e os alunos pra vim, pra pegar a voadeira eles tem que vim de pé abeirando o igarapé, porque não entra mais no igarapé, e eles moram longe e os bichinhos vêm de pé, na beira pra conseguir pegar a voadeira, tá sofrido o Tuna, oh, depois dessa barragem.

Hilda Ribeiro dos Santos

O Itatá também fizeram foi aterrando até quase na boca.

João Xipaya

Aí já é a coisa da barragem... A consequência da barragem. Aqui os nossos é tudo, os igarapé (que mudaram pela barragem). Tem o igarapé, o Ressacão que passa aqui perto e o braço dele, que passa aqui dentro da nossa terra, e uma grotinha bem aqui, oh, que passa aqui perto da mina, aqui da firma. O Ressaca é esse pequenininho, a gente coloca Volta Grande que o nome do nosso lote é Volta Grande, é sítio Volta Grande. Vamos colocar o igarapézinho também, Volta Grande. Ressacão é o igarapé aqui ó, e o braço dele que passa aqui dentro da nossa terra, o braço do igarapé Ressacão.

Maria dos Santos Leite

Nós estávamos falando do Itatá, que é o igarapé do Itatá, lá pra baixo, que foi prejudicado pela barragem... Pois é, e o do Ituna, que fica mais pra cima... Que vocês vão passar na ponte do igarapé do Ituna, só que pra cá pra beira do rio ele tá mais seco. Ele derrama no Xingu... Se o igarapé mesmo está desse jeito, o braço já secou. Eu morei lá no Ituna, eu já fui moradora de lá, o igarapé era muito bom. A gente ia até aquela ponte que passa na estrada, de barco, da beira do Xingu até lá na ponte, agora não vai mais! Os moradores que tem abeirando, os lotes, só andam pela estrada porque pelo igarapé não sobe mais, até os alunos, que é pertinho da beira do rio, os alunos não tão vindo mais, os barcos não tão indo mais buscar os alunos.

Hilda Ribeiro de Castro.

Nós também ia por aqui, oh, pelo igarapé Itatá também nós ia lá dentro do Itatá, de motor, nós



Acampamento da Belo Sun Mineração, antigo terreno da família Xipaya.

|| ia lá dentro caçar castanha, hoje em dia não vai nem de canoa. Porque tá seco e tá seco, porque acabou. E agora a firma vai acabar com o resto, vai colocar a mineração, abrir os buracos aí. Ela (a barragem) prejudicou tanto o Ituna quanto Itatá, porque do Itatá também o barqueiro não vai mais buscar os alunos que ficam lá dentro, porque tá seco, os alunos vêm de canoa ou então vem pela estrada, ou pelos caminhozinhos na beira do igarapé, vão se chegando até onde fica a embarcação.

Hilda Ribeiro de Castro.

|| E quando essa mineração for abrir e o Xingu? Como vai ficar a água dele, né? Não vai poder mais banhar, não vai poder mais beber, não vai poder mais utilizar a água do Xingu vai tá todo afetado. Cheio de química.

Hilda Ribeiro de Castro

|| O nosso é 20 alqueires, e tem pelo menos quantos alqueires derrubados já? Uns 15 só, não tem isso mesmo não... tem não. Não tem nem cinco. Vamos supor... Botando tudo, vai dar uns 7 ou 8 alqueires. (Hilda: "Não mãe, a gente não tem isso tudo não). Não botando tudo, com aqui... nós temos pouca (castanha), nós tira mais do lote dos outros, mas quase não tem mais... porque as castanheiras não tão dando, né? E muita gente derrubando pra tirar madeira... na Ressaca mesmo. Tem casa, tem uns terrenos ali... Que a gente nem pensava que um dia teria esse mundo de casa igual tem lá agora. É porque mulher... todo mundo querendo dinheiro pra indenização, tem um local lá que o pessoal andou fazendo casa, gastando o que tem e onde talvez não vai sair nem o que botou lá.

Maria dos Santos Leite

|| As vezes o pessoal que tem o lote, uma coisa, aí tem a casazinha lá na Ressaca, tinha o lugar, aí eles foram e fizeram a casa pra ver se conseguem o dinheiro da indenização... aí muita castanha foi derrubada

Hilda Ribeiro de Castro

|| Ainda não derrubaram ainda não, castanheira aqui a Belo Sun ainda não derrubou... Teve um tempo aí que vinha aí de fora, empatar um pessoal que estava derrubando castanheira aí pra lá, na Ressaca, diz que vinham de Altamira, mas nunca chegou pra empatar o pessoal. Mas só que aqui até agora ainda não entrou ninguém pra derrubar nenhum pau na área deles. E tá intacta, como eles dizem que compraram, porque tomaram ali dele, pra mim foi um roubo e ele também aceitou, né?

Hilda Ribeiro de Castro

|| Essa venda deles foi tão errada porque eles são três irmãos e não teve a assinatura de nenhum dos irmãos, só dele, só pra ver se não foi um rolo, um rolo deles aí. Porque no máximo assim, vender tem que ter a assinatura do todo, pra vender uma terra dessas... Aí era terra do velho, o velho tinha morrido.

Dion Leno dos Santos

|| É gente que não tem ideia; aí chega um e fala assim vamos tomar assim. Vamos tomar tudo e vão ficar sem nada, não então vou vender tudo mesmo, porque eu já sei que vou perder mesmo, e acaba coloca aquilo na cabeça e acaba fazendo isso, acaba vendo que não é verdade.

Hilda Ribeiro de Castro

Pois é, como eu tô falando, isso aí foi uma trambicagem deles, deles mesmo da firma que fizeram isso. Porque o certo, era o João e o Manuel terem assinado alguma coisa, não assinaram nada aí. (*Raimundo: como é que eles vão comprar uma terra sem documento? E quem vendeu também sem documento?*) Pois, é por isso que eu tô falando... que esse negócio tá muito errado. Se o João fosse botar mais o Manuel; o João ganhava a terra todinha, aí. Quando eles chegaram eles tinham que ter o comprovante da assinatura do dono, eles não tem nada disso, nem do Manuel, a única assinatura que eles podem ter é do Zeca.

Dion Leno dos Santos

Aqui era do seu Zé Pinga, lá era do irmão do Babá... Aí, o Zé Pinga deu a terra pro Paulo Xipaya, e o Paulo Xipaya passou pra nós. Era o Zé Pinga da Ressaca... diz que era o dono, mas eles nunca roçaram, nunca derrubou...

João Xipaya

Mas ela tá dizendo daquela lá, daquela lá que deram pro pai do João, quem foi que deu?

Dion Leno dos Santos

Não, aquela terra não...

Maria dos Santos Leite

Pois é, o Babá tá dizendo que foi o pai dele que deu aquela terra, que ele tá dizendo é isso...

Dion Leno dos Santos

Não, mentira, mentira, aquela área era o do Pedro Rodrigues, olha, quando eu entrei aqui, essa firma tava com cinco anos que estava entoada aqui, a Oca... Era um velhinho, era um velhinho, lá da Oca, o Pedro Rodrigues, era um velhinho que morava lá, o Pedro Rodrigues. Aí ele foi, morreu e passou pro genro dele, que era irmão do Paulo Xipaya, aí o Paulo Xipaya ficou dono do lote; aí o Zé Pinga que é esse aqui, que é vizinho da Belo Sun, deu pro Paulo Xipaya morar lá dentro, fazer uma roça, sabe? Naquele tempo o finado Marcio morava lá, aí pra ficar os dois irmãos aqui perto ele deu, ele fez uma abertura lá dentro, aí dois se atocaram lá. Aí o Zé Pinga, aí com muitos anos que nós estávamos morando aqui o Zé Pinga, diz que, ali na beira vendendo pinga, aí o pessoal foi, lá na beira, que ele estava no lote já lá do outro lado, vendendo pinga lá, aí a firma chegou... aí jogou os litros de pinga dele no mato e correu pros garimpos, não ficou aqui. Aí essa área aqui, o pai do João falou assim: “João, se você quiser

ir morar lá, fazer uma roça lá pra tu”, porque achava aquele pedaço de lá pro Zeca mais o Manuel era pequena né? Então cedeu essa daqui pra mim mais o João, quando eu vim pra cá, “Já que a Maria tem muito filho vocês vão lá praquela terra”; esse daí era bem pequenininho, esse aí era rabixado com o velho, quando o velho era vivo. O velho gostava dele que só... aí nós vinha pra cá, todo dia ele vinha aqui, ver os dois meninos, levava esse daí pra pescar com ele, o velho né? E nós ficamos um ano lá dentro, quando nós tava com seis anos que tava aqui dentro, o Zé Pinga veio aqui querendo tomar o lote, ele tinha dado pro meu sogro, o meu sogro tinha morrido, aí ele aproveitou: “Bom, o velho já morreu, não tem como o velho falar mais nada”; aí ele chegou aqui, daí eu falei: “Não seu Zé, a terra é do senhor”, “É!”, “Então, eu não conheci que essa terra aqui nunca vi ninguém, a benfeitoria só do finado Paulo, que fez a benfeitoria aqui”, aí ele disse: “ah, mais é minha”. Eu disse “então tá bom, nós vamos lá no INCRA, se o INCRA der razão pra você fica na sua terra, você só paga o que nós fizemos aí dentro, e nós vai embora caçar outro lugar”, aí ele foi e diz assim: “Pode ir lá no INCRA, pode ir”. E nós fomos. Nós fizemos aqui das tripas coração, vendemos galinha e fomos pra lá de rabeta, chegamos lá, ele não apareceu lá não, nós ficamos três dias lá em Altamira, que nós não tínhamos condições de ficar lá muitos dias, voltamos pra cá de novo, eu e meu esposo, esses dois meninos que estão aí e mais uma menina que mora lá em Altamira, pequena, que tava aqui com nós. Quando nós voltamos pra trás, com dois dias que nós estávamos aqui veio um papelzinho pra nós comparecer lá, eu digo: “É João, agora vai dar um jeito de pescar mesmo, vai ter que pescar dia e noite aí, pra nós arrumar dinheiro só de ir, da volta nós vamos na FUNAI, é porque é o jeito”. Aí nós foi, de novo, quando chegamos lá nós fomos no INCRA, aí chamou lá, aí o INCRA deu razão pra nós, né? Perguntou pra ele quantos anos que ele tava... Porque ele nunca cortou nenhum pé de mato pra plantar nenhum pé de macaxeira, né, nem pra preservar um pé de coco, ele não tava aqui. Aí ele foi “Onde é que o senhor tava?”. Ele foi falar que a firma empatou, que a firma nunca empatou ninguém de abrir terra, fazer roça, nunca empatou. Aí ele foi falar isso tudinho, na hora que ele falou isso o INCRA falou: “Então o senhor não queria terra, tu queria garimpo, então a terra ali é do seu João, seu João vai ficar lá nela e eu não quero nem que você mexe com ela”. O INCRA falou pra nós, né? Até o

Pinto, aí nós fomos lá agora, um tempo desses eu fui lá em Altamira e fiz o CAR dessa terra, porque ele disse que essa terra é da União, naquele tempo era do INCRA. Agora o INCRA pulou fora, não sei por quê.

Maria dos Santos Leite

Primeiro era deles, agora, depois não era deles mais... aí nós peguemos, nós ficamos aqui até hoje, aí agora veio a firma, um tempo tava metendo um pique, eu fui lá nela de novo, conversei com eles: “Rapaz, vocês sabem onde é a pedra disso aí”. “Não sei não”. Aí eu falei, o João chegou lá, eu falei: “João vi mostrar a pedra pro seu Toninho, onde era a pedra”. Quando mostrou o homem não quis nem saber de bater o ponto aí, de jeito nenhum, aí meu marido foi aqui com ele, andaram por aqui tudo, ele viu as pedras daqui tudo, de lá do fundo, daqui ele não quis nem acordo. Então nós tamos aqui assim e tem que aceitar.

Maria dos Santos Leite



Senhor João Xipaya e seu filho Marcone dos Santos examinam fascículos do PNCSA

Vivo! Estamos querendo que vive... eu to querendo que ele viva, né? O morto quase que ele já tá, porque a barragem já matou a metade. Prefiro dizer que ele tá vivo, porque tá um coração subindo e descendo, que é quando abre lá as comportas né? E é só bate quando eles querem, mas ainda tá batendo, agora quando abrir o garimpo aí é que ele vai morrer, vai poluir tudo... Aqui vai ser uma coisa muito pesada, aqui vai tirar muita coisa.

Hilda Ribeiro de Castro

E vai ficando cada vez pior aqui pra cá.

João Xipaya

Não só delas aí, que vai ter motor aí dentro, porque vai ser fechado ali, ali cabe 200 metros aí lá no Galo, nós já sentia os impactos aqui já... das bombas, imagina agora a céu aberto como não vai ser isso... vai ser uma coisa desconforme aqui... aqui o Ministério Público disse pra eles tiraram em volta da mina 10 km em volta da mina não era pra ficar ninguém...(comentários: Era 20 Km). Era 20 né? Aí já diminuíram pra 10, já diminuíram pra 8, agora disque não é 8 mais, é só lá o local, eu não sei mais nada.

Mas quando eles vierem afetar eu que eu passo lá pra dentro do barracão deles... lá dentro da cozinha, junta todo mundo aqui vamos pra lá, coloca a rede lá dentro: “Vamos ficar aqui dentro”, é assim que nós temos que fazer, nós não vamos poder correr assim não. É nós temos que ocupar a rede deles, onde tá a cama deles, se não tá lá pra dentro, é assim que nós temos que fazer, ainda mais eu que conheço tudo lá dentro.

Maria dos Santos Leite.

Logo aqui que vai ser só... só os bichão que vai ficar aqui, os trabalhadores vai ficar é pra lá, agora aqui vão ficar só os que sabem, estudiosos, que sabem manipular mais fácil. É mais eu sei que as coisas pra nós não tá ficando bom não... principalmente se arrancar a Ressaca e a ilha da Fazenda. Nós sabe que ela vai sair um dia, mas nós não pode ficar prejudicado por causa dela.

Hilda Ribeiro de Castro

Você não vê lá embaixo, onde eu tinha galinha na época que começou a barragem, não nascia um pinto e é porque eu estou lá do outro lado alí, oh. Corava os ovos tudinho, explosão da bomba, aí eu fui lá reclamar o que que deu, veio lá uma tal de “vidace” só pra tomar o tempo da gente, certo? Não resolveram nada, nada, foram embora a “vidace”, foi embora todo mundo, pronto, a barragem ficou aí. A barragem ninguém impede. Aqui é uma situação diferente, porque aqui é uma empresa particular, e a outra do governo. Essa que é pior...

José Antônio Irmão dos Santos (Baiano)

Mas agora, gente, que nós temos que abrir nossa boca!

Maria dos Santos Leite

Porque a barragem é do governo, entendeu? É diferente dessa mineração, mas mesmo assim, eu já vi eles empurrarem com a barriga a Ilha da Fazenda, eu estava lá á pouco tempo, eles fizeram um cadastro, né? Pro povo disseram que iam fazer o cadastro da Ilha da Fazenda, aí depois diz: “Gente o que precisar nós tamos de portas abertas, porque nós vamos trabalhar de parceria”, quando se trabalha de parceria não indeniza, certo? A gente dá uma coisa pra um, pra outro... Pega o delegado vem acampar aqui, da polícia federal, da polícia civil de altamira, vem aqui que eu já conversei com eles tudinho, vem, aí chega com a dona Maria ou comigo, eles intimida outros e outros e as coisas acontecem... Eu sei dessa história eu tenho 40 anos de Altamira, dessa cidade eu conheço de grande a pequeno. Eu to entendendo... mas essa aqui, se todo mundo fosse... Caboco igual eu mesmo, que tivesse coragem, chegava bem ali ó, esbagaçava tudinho, ia duas ou três vezes, pronto! Eles se ajeitava, pagava.

Eles acolhem umas mulheres, pros outros pessoal aí, um trabalho, aquele empregozinho aí e manda ficar entendeu? “Ah, não faz uma casa”; aí eu falei assim: “Eu não vou fazer casa na Ressaca, porque eu não quero fazer casa na Ressaca, mas eu quero

ver, só me empata de fazer uma casa na Ressaca só o prefeito de Senador ou o governo do estado”, mas uma pessoa de fora não pode me empatar eu, de fazer uma casa na Ressaca, eu sou da região, a placa do meu carro é daqui, eu tenho terra aqui, tudo é legalizado daqui.

José Antônio Irmão dos Santos (Baiano)

Baiano, para um pouquinho que eu vou dizer pra você aqui, você tem, bom você tem 20 mil lá no banco, não to falando que cê têm, to falando por cima, aí você pega esses 20 mil que tão lá e você investe numa casa, porque menos de 20 mil você não faz uma casinha boa aí na Ressaca, aí se investe, aí a firma chega e diz “ali, ele entrou ontem, quanto foi que você gastou aqui, Baiano?” aí vai dizer: “A terra já era nossa, a madeira você tirou daqui”; você gasta 20 mil, vai te dar só 10 mil, tu ganhou? Ganhou ou tu perdeu? A situação é essa que é a nossa. Ali a Ressaca, o Galo, já foi vendido pros maior, agora quem está lá são os cachorrinhos, não é mais o chefe. O chefe tá com bolso cheio lá fora, hoje é os cachorrinhos que tão ali, os cachorrinhos que tão ali sofrendo, agora os outros chega e quer matar os cachorrinhos com veneno, então? Gente, então não é assim não, esse pessoal tá aqui pra isso. Pra defender os cachorros, vou dizer logo assim, porque nós não somos grandes pra lutar com a firma e com ninguém maior, o maior de tudo é deus. E esse tá aqui na terra? Não tá, tá lá em cima, mas ele tá vendo tudo, então a gente tem que se mexer, não pode ficar parado que nem um jabuti. Aí vem ajuda de lá, um coitadinhos sofrendo, passando fome, passando sono, pra aqui com nós aí mete o pé neles, por causa da firma. A firma amanhã passa a faca no nosso pescoço, meu amigo, nós temos que apoiar as pessoas igual nós... pois é e agora acabar de que? Matar nós, com a paulada, a firma já tá assim, dá um emprego pra um, dá emprego pra outro, mas ela não vai, o lugar dela lá fora, lá fora o lugar delas são grandes, lá eles tem o capital deles lá fora.

Maria dos Santos Leite

E essa Norte Energia é de uns 10 anos aí pra trás, antes dela ser coisada, eu ainda morava no 18, ainda estudava, bem dizer na primeira série, quando eu ouvi falar que ia sair uma barragem, mas aí o pessoal se calaram, né? Se calaram, deixaram... quando resolveram fazer alguma coisa pra defender a população a barragem já tava em cima, já tinham vindo de lá com tudo lá pronto já, aí o resolveu o que? Olha o tanto de gente que tá

sofrendo por causa dessa barragem... Aqui pra baixo mesmo já tem muita aldeia que os pessoal, que tem um pessoal do Itatá que moram numa aldeia ali pra baixo, eles falam que até pra pescar lá tá difícil.

Hilda Ribeiro de Castro



João Xipaya e Robson Ribeiro dos Santos desenvolvem os primeiros traços do croqui

|| A professora que tá falando é a pura verdade, aqui nós já fomos impactados na água agora vamos ser impactados na mata, até na terra nós vamos ser impactados pela firma que vem, pelas caça que nós caça, né? Que nós tem os bichinho que nós come, né? Cutia, paca. Tudo vive no mato, aí nós vamos ser impactados, então eles vem aqui pra defender nós disso daí.

Maria dos Santos Leite

|| O que acontece? Deixa eu dar um exemplo aqui, eu vendia polpa de cacau, cupuaçu, goiaba, abacaxi, tudo, naquela época, a senhora lembra, cinco, seis anos atrás, aí a Belo Sun chegou, o Bosco foi e cortou tudinho, tirou tudo, parou tudo, não era pra ninguém coisar nada. Entrei com ação na justiça, não é? Por perda né? Eu vendia no Galo, vendia por todo canto, aí fechou o garimpo, acabou-se, aí eu corri atrás de 10 pessoas, com CPF pra provar lá na justiça em Senador, você não sabe disso. Escute, você não sabe disso que eu entrei com uma ação contra Belo Sun. São 10 pessoas, com CPF e identidade, pra provar que eu vendia eu não achei nenhuma, nem na Ressaca, no Galo, nenhuma, tá entendendo? Não achei você acredita? Aí sabe como tava lá? Falta de provas, se tivesse 10 pessoas, aí pronto, deu a chave, aí eles tinham que pagar a minha perda de material, porque fechou os garimpos, tudinho, bacana, agora eu não achei nenhum que fosse.

José Antônio Irmão dos Santos

|| Mas menino eu trabalho até pra você, se você vai prejudicar eu mais tarde, vamos supor assim, eu trabalho contigo, aí você tá amolando uma faca lá assim, né? Vou cortar o pescoço da dona Maria, mas eu vou jogar um milhinho primeiro pra ela aqui, mas eu não como assim menino, pra cortar meu pescoço tem que jogar a espiga inteira.

Maria dos Santos Leite

|| E outra, quem não tem estudo eles vão pegar? Eles vão pegar alguém que só tem a 1ª série, a 2ª série, a 3ª série? Não eles só querem empregar aqueles que fazem curso, igual esses da Belo Sun mesmo aí, foram lá fizeram lá curso, os que fizeram os cursos as vezes vem aqui, e muitas vezes aqui gente que não pode fazer esses cursos, que não morava aqui perto ou que não podia vir aqui fazer esses cursos, vai atrás de emprego e não acha.

Hilda Ribeiro de Castro

|| Não aqui os empregados vão vir tudo de fora, não vai ser ninguém daqui, nós não tem estudo... os cursos que eles fizeram, era tudo de criar galinha, é não sei o que, todo mundo sabe criar galinha aqui, que curso é esse? Eu fui perguntar pra mulher que curso era, era de criar galinha, não eu quero um curso pra aprender alguma coisa, desse jeito.

Dion Leno dos Santos

|| Sim. Tem curso pra fazer bolinho, crochê, pra mexer com gado, mexer com negócio de cacau, veneno, bicho... Mas pra que esses cursos se eles tão querendo tirar a gente da terra. Não esse aí é jogando milho, curso de fazer bolo, fazer comida, arroz e feijão que não sabe cozinhar, curso de mexer com gado, isso é só o carocinho de milho que tão jogando pra você pegar, pra passar a faca no pescoço pra comer o corpo todo, gente na hora de pegar uma galinha nós não joga uma espiga não, nós joga um carocinho, gente vocês tem que ver isso... É o pessoal ali na Ressaca, são tudo manipulados, não tem? Aí dava uma cesta básica pro pessoal, isso eu ouvi falar, davam uma cesta básica pra pessoa e aí... e lá e filmavam vocês beijando a mulher. **José Antônio Irmão dos Santos**

Eu nunca ganhei nada de Belo Sun, não. Se eu não trabalhar não tenho nada. Mas tem gente aqui ó, Ressaca, Itatá, acha que nós mora aqui do lado da Belo Sun que eles ajuda nós aqui.

Hilda Ribeiro de Castro



Entrada do Acampamento da Mineração Belo Sun

|| Não, eles não ajudam ninguém não. Que você veio com saco nas costas, com boroca nessas estradas aí, eles passam quase passando por cima e não é de abrir a porta do carro “entra aí que eu vou te levar lá, que eu sei onde você mora”. Não leva! Nem de voadeira, nem de carro, nem nada, que até proibido de carregar o pessoal eles são.

José Antônio Irmão dos Santos

|| Agora, sabe quem mais que eles defendem assim, os pilotos de voadeira que não querem carregar nós, agora vai ali na beira do Porto 6, e ve se um piloto de voadeira aqui tá andando de graça, não tá não, se tiver dinheiro traz.

Maria dos Santos Leite

|| Ah é pra fazer esses mapas, um desenho assim, no caso elas também tem que dar uma olhada, mais ou menos, pra ter uma base, ir ali na casa da Dida, ali na minha casa, e desenhar, ver o igarapézinho, é mais fácil de desenhar.

Dion Leno dos Santos

|| Porque, aqui é dividido assim, como ela fez a pergunta e ninguém respondeu, eu vou falar mais ou menos o que eu entendi, aqui a mãe mora aqui, eles têm essa casa, ele o pedaço de roça deles trabalhar é separado, aqui ninguém é misturado, aliás, nós somos misturados, mas cada qual tem o seu pedacinho separado. Eu tenho minha casa lá, tenho aquele pedaço que é limpo lá em volta dela, mas a roça é lá no fundo do lote, onde tem um cacau plantado que tá produzindo já é lá. Aí tem o meu primo que mora aqui, o pedacinho de roça da casa dele está marcado, onde é dele, a roça dele fica em outro lugar pra lá, é tudo divididinho, não é todo mundo junto, sabe? Quando vai fazer roça cada qual se vira com o seu pedaço pra lá. Pois é, mas só que nós já fizemos aqui, a terra é dela, o lote todo são deles, mas nós vamos exigir o que nós plantamos em cima da terra, o que nós plantamos, o que nós construímos somos nós, eles vão ter o direito de pagar o que a gente gastou naquilo ali e o quanto aquilo ali vale. Nós já sentemos aqui, já conversei mais a mãe, já conversei mais o João, já conversei com meu primo, assim, aqui se vim indenização, se eles for mesmo, realmente indenizar ninguém pode deixar eles fazer isso, o nosso medo também é esse, deles “valuar” aquilo ali e daquilo ali tem que dividir, não! Cada um tem o dinheiro do que fez aqui, se aquele que fez mais, tem o direito de ganhar mais, aquele que fez menos tem o direito de ganhar menos. Porque quando a gente conseguir outro lugar pra poder plantar, pra poder colher, a gente tem que adiantar na frente pra não pegar o prejuízo mais tarde, mas aqui nós já tamos todo mundo de orelhinha em pé, ninguém vai derrubar a gente, não.

Hilda Ribeiro de Castro

|| Mas com a ajuda deles que vão levar lá pra fora é uma força, melhor pra nós, porque se fosse só nós aqui mesmo, eles já tinham colocado nossa

boroca numa canoa aí e mandado nós descer aí, nem subir nós ia...

Maria dos Santos Leite

|| A terra que agora é da Belo Sun era, dos dois meus irmãos que estavam morando lá. Quando ele vendeu, nós tava aqui já, aí ficou eles lá e a finada mãe.

João Xipaya

|| Pra mim, eu preciso muito, eu gosto muito de terra, ó, eu sinto muito a vantagem aqui, eu tenho lugar pra colocar meus filhos, meus netos, então, tudo eu dependo dessa terra, tudo depende de plantar uma macaxeira, depende de plantar um pé de açaí, depende de plantar um pé de pupunha, então a terra aqui é grande pra isso, e pro cacau que nós estamos começando a plantar agora, banana, né? E criação. Então, nós depende muito dessa terra. E pra mim, eu sem essa terra acabou, porque eu não tenho leitura, ele também não, nós vive aqui trabalhando, lutando aqui até hoje graças a Deus, nunca faltou o de comer pra nós, né? Que nós depende, nós faz a farinha, plantou arroz muito, agora que nós pode plantar arroz, porque um tempo desses não tinha maquina, né? Pra pisar no pilão, agora nós vamos continuar a plantar arroz de novo.

Maria dos Santos Leite

|| Mas, tem a liberdade que tinha antes da Belo Sun. Não, tenho não. Porque agora não ando que nem eu andava de primeiro, andava com a espingarda ali pra beira do rio, e agora não pra eu andar tenho que ir por aqui, ó, eles nos empatam de andar armado. E tem polícia também agora, que trouxeram praí, né? Aí não pode mais andar.

João Xipaya

|| Essa terra que foi vendida por 15 mil, se tivesse justiça, gostaria de rever essa terra. É... lutar pra ver também se recebia de volta de novo, não pra mim, pro outro meu irmão, que saiu ameaçado aí, deles. Já até falaram pra mim, o Luís (Xipaya) mesmo, falou pra mim que se eu quisesse ele ia trabalhar contra isso, pra ver se eu recebia a terra de volta, eu falei pra ele que “não”, deixei quieto. Eu falei que ia deixar quieto porque não ia mexer com isso.

João Xipaya



Homens da família Leite Xipaya acompanham os trabalhos no croqui

|| Mas você, a nossa terra é muito pequena pra modo de nós ficar só nós com esse monte de gente aqui, se o teu irmão vim pra cá, os filhos dele, onde é que nós vamos ficar? Se nós pudesse pegar de volta era nossa alegria, né? Mas se nós pudesse pegar uma coisa, se nós pudesse de novo receber, pra nós era um favor, era uma alegria pra nós, porque essa terra aqui ela tem 20 alqueires, mas a metade ela é dentro da água. É a terra, da metade, daqui pra lá, não pode plantar nada, porque alaga, né? E a gente pensa assim, pessoal diz assim “é não vai alagar, a bicha (*UHE Belo Monte*) lá não vai controlar a água”. Mas eles não podem controlar essa água, porque no inverno, quando chove muito, esse igarapé fica impossível pra nós viajar nele. Fica impossível o igarapé, fica a agua perigosa, tem que viajar por lá.

Maria dos Santos Leite

|| A água fica bem aí. Essa parte alaga tudinho. Por isso, se nós ir, eles (*a Belo Sun*) impedir nós de andar naquela estrada nós estamos fritos, nós tamo ilhados aqui, porque aqui pra andar no inverno é difícil pra nós, porque se eles continuarem do jeito que eles tão indo, daqui um dia eles vão colocar um portão e vão dizer pra nós que não pode mais passar aqui, não vai poder entrar mais. Ai nós vamos fazer o que? Aí já que eles vão querer fazer esse serviço deles aí, eles que dão outra terra pra nós do tamanho dessas duas que nós temos aqui, aí nós pode colocar tudinho que tão aqui, aqueles que foram embora com medo. Aí pra nós acabou, aí todo mundo fica perto, parente, quando um saí o outro fica, um cuida das coisas do outro, e aqui nós somos um família; nós depende tudo um do outro, nós tudo somos pobres, ninguém têm dinheiro aqui. Então cada um precisa do outro aqui, então, aí nós somos uma comunidade aqui mesmo, assim, de nós aqui mesmo, de índio, misturado branco, e nós se entendemos tudinho, que somos uma família só. Se nós pudesse pegar

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

de volta pra nós é um alívio. Pra nós a terra é sempre terra, né? Ela nunca acaba, então se nós perder essa terra onde nós vamos conseguir outra, se nós não temos estudo nenhum, então a terra pra nós é muito importante, primeiramente deus, né? Depois a terra, então são os dois, são ligados, se não tiver esse firmamento pra nós aqui onde é que nós vamos ficar? Aí fica tudo difícil, eu diria pra qualquer um, eu não tenho vontade de sair daqui, eu tenho vontade de ficar, eu bem dizer, eu criei meus netos, meus filhos, acabei de criar meus filhos todos aqui, eu dependo muito, eu não quero sair daqui.

Maria dos Santos Leite

Antes nós vivia aberto aqui, nós ia pra todo canto, não tinha esse tipo de gente aí, agora tá chegando mais esse tipo de coisa, de polícia, essas coisas, e eu com esses meninos mesmo, a gente andava pro mato vinha qualquer hora, agora não pode andar. Nem na estrada mesmo aí, ninguém pode andar, que é polícia direto nessa estrada aí, no tempo que nós mora aqui só mesmo a gente podia andar qualquer hora da noite, do dia, qualquer hora, não tinha o negócio pra empatar nada.

Apresentação do croqui da terra da família de Maria dos Santos Leite e João Xipaya



Robson Ribeiro dos Santos expõe o croqui elaborado pelo grupo

É pra explicar tu Robson! É, o lote, começa pela beira do rio.

Hilda Ribeiro de Castro

Dai, aqui é o rio Xingu, um pedaço dele; aqui já é a entrada no porto, que é o igarapé que atravessa o lote em alguns lugares, essa parte aqui já é o caminho que vem da beira do rio, passa por uma ponte, duas pontes; daqui em diante, já começa a área localizada, a área de moradia, essa parte verde mais clara aqui; casa de farinha; casa da dona Maria dormir; casa que ela tá construindo; casa do vizinho; galinheiro; lavanderia; casa do outro vizinho; do Manuel, do outro vizinho do Dedê, de outro vizinho, final do caminho, né? Outro vizinho, Zeca; outro vizinho Dion Leno, que é filho da dona Maria; daí essa área pra trás que tá em branco ainda, vai virar verde daqui a uma meia hora; esse daqui é um pé de samaúma que tem bem na frente da pedra do Manuel, com o Zeca e o Dion Leno; vem pra parte da minha prima, da Dida, que passa pelo Ronildo, que é uma casinha que tá meio alugada agora, mas tá lá funcionando normalmente; daí vai descendo continuando o caminho rumo à Belo Sun, ainda vai passar por outro caminho, que vai sair na outra prima minha, a Iva, na casa da Iva; aí voltando pra trás de novo, que não tem caminho pra lá, daí esse meio aqui amarelo, que atravessa, é o igarapé, pra nós é o igarapé principal. Nome do Igarapé? Água Boa. É o igarapé da água que a gente utiliza, além das águas dos poços, né, nós utilizamos também essa água aqui, além dos poços; daí aqui já passa pela casa da prima Dida, mas com os filhos dela lá; e na frente é na casa de um primo meu o Everson, que tá até pra rua agora. Daí continuando o caminho, tem uma roça aqui, essa área aqui todinha é roça e vai passar pela casa do primo da Dida, o Edvaldo, daí dessa casa dá pra ir pra essa e pra essa, pela roça, mas voltando pela estrada, voltando pra trás pelo rumo do Itatá, voltando na estrada pro Itatá, vamos passar pela casa da Edivânia, que é a casa de outra filha dela também, que tá casada, aí moram separado, e em frente tem um caminhozinho, que vai pro lixão da firma, resto de alimento, papelão, plástico, essas coisas vai pra lá, alimentos vencidos, assim etc... Daí subindo tem uma roça, ah, não, a roça é ali. Aqui é a lagoa, que vocês vão até passar por cima dela, que é aterrada, não tem ponte, que é aterro na estrada normal, não dá de ver ponte, esse igarapé emenda nele também, esse mesmo, nosso principal, aqui que nós chama, continuando pra frente, lá, vai sair lá na roça, e pra frente rumo Altamira, Anapu e essas estradas que tem pra adiante. Voltando um pouquinho pra trás de novo vai sair na Belo Sun, estrada da Belo Sun, daqui em diante é área industrial, área da Belo Sun, daí tem barracões,

essa daqui é a principal da firma, né? Que é o barracão principal, ali, tem um campo e uma caixa d'água, que fornece água pra empresa, do lado de cá, ficando na nossa parte também, mas é da Belo Sun, que tem alojamentos e tem aqui o barracão na beira do rio, e finalizando o porto, com duas voadeiras. Uma voadeira da firma e outra que é a daqui mesmo. Então é isso.

Robson Ribeiro dos Santos

Porque eles vão caindo assim, realmente não fica reto.

Hilda Ribeiro de Castro

Essa largura não fica lá mesmo, fica caindo pra cá.

João Xipaya.

Mas só que essa roça é aqui, porque ele fez pequeno perto da estrada, mas isso aqui é da firma, a minha roça vai ficar aqui ó, bem na divisa mesmo, ela ficou no lote da firma, porque aqui ó... porque na realidade se aqui é a pedra, aqui, essa parte aqui que é da Belo Sun fica pra cá que é do João, que é nossa parte, aí quando chega aqui na lagoa começa cortar assim, apontando pra lá, porque não vai reto. Agora bem assim vai ser a roça, que vai ser bem na divisa mesmo, entre a Belo Sun e o nosso lote, porque já ficou já aqui, porque aqui que é a frente do lote, minha roça vai ficar lá, já quase no fim do lote, mas lá ainda não chega no fim do lote, mas já ficou bem na divisa.

Hilda Ribeiro de Castro

Travessão do Miro



Oficina do Travessão do Miro, Zé Moreira, Nailson e Eduvirges

Sim, eu cheguei aqui na região foi em 82, foi? Na Ressaca eu cheguei em 82, na época eu era solteiro, eu não conhecia ela; aí depois, em 86 eu conheci ela, aí comecei a namorar com ela, aí hoje vivo com ela. Não sou casado com ela,

mas eu considero que sou uma pessoa que sou casado com ela que eu tô há 31 anos com ela, né? Entendeu? O meu problema também é que se eu for contar minha vida todinha vai ser uns 3 dias, sabe? Pra me contar, então eu vou contar a minha vida pra frente com ela. Conheci ela aí veio o meu filho Nailson, eu trabalhei foi 10 anos no garimpo, mas como eu achei que o garimpo pra mim tava fraco, que não dava, pra mim não dava mais o garimpo, cacei o mato, né? Que é hoje o sitio Santo Antônio, que é meu assim né, mas tudo o que é meu é no nome dela.

Hoje eu tenho essa terra agradeço muito a minha esposa, dela viver dia-a-dia aqui comigo, na mata, entendeu? E eu, é isso, como eu tô falando pra vocês, a minha vida é essa aqui, trabalhando e ajudando os amigos que chega. Aí vivo aqui com ela e a minha família, aí tirei isso aqui, pra vocês melhor dizer, pra vocês, não tinha estrada, não tinha estrada, eu entrei aqui com um facão né, e uma espingarda 20, nas costas, e um jamanxim, não sei se vocês sabem o que é um jamanxim, é um paneiro de cipó, é tipo um que, um conhece um basqueta? Que bota o peixe dentro e salga ali dentro, só tem que ele é aberto ali em cima, né? Aí tem uns paus assim do lado, aí o cara coloca umas reata aqui né, e aqui no peito, aí coloca o que tu quiser aqui dentro, quarenta, cinquenta quilos, aí carrega, né? Foi meu modo que eu entrei aqui. A Taiani, o Denilson, que era meus filhos caçula, que é aquela que chegou ontem da rua e o Denilson esse rapaz que é casado com a menina aqui desse outro barraco, eu carregava os dois em cima do jamanxim, porque não tinha estrada, essa estrada hoje praticamente um pedaço fui eu que mandei fazer, paguei com meu dinheiro, não foi? Paguei com meu dinheiro, entendeu? E hoje eu vivo feliz aqui dentro dessa colônia aqui, tenho a minha terra.

Antonio Nilson da Silva



Antonio Nilson da Silva e Edwiges Ribeiro de Sousa

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores



Dona Fátima e suas netas na frente da sua casa

O garimpo não dava mais pra mim, porque assim eu sofri muito as consequências logo que essa firma chegou, foi aí, foi que eles pegaram nossos maquinários, prenderam tudo dentro de um guincho. Foi em 85. Que nós tinha muito maquinário, os meus colegas tinham maquinário, entendeu? Uns dizem que foi, disse que era federal, ninguém não sabe se era federal, eu sei que eles pegaram um carro velho, um guincho e puxaram os nossos motor era no chão, era com caixa era com tudo, e fizeram uma pilha lá dentro numa casa, dentro de um galpão lá e prenderam tudo. E nós ficamos sem trabalhar, aí nós trabalhava manual e depois apareceu uns outros, aí depois o garimpo foi enfraquecendo, foi o tempo que foi proibido nós trabalhar né, teve, eu cheguei até a passar fome, no garimpo, mais minha família, que eu trabalhava assim eu ia pro garimpo, trabalhava lá com o Jorge, né? Aí eu levava uma panela, que era pra eu trazer o meu almoço, que era pra dar pros meus meninos, eu comia, assim, as vezes “bota mais um pouco aqui”, eles repartiam os meus colegas, repartiam comigo, “olha, Antonio, tua família é grande vou te dar mais um pouco da minha”, era assim, a minha vida, cheguei a passar fome no garimpo, com a minha família, não assim pra ficar muitos dias e dias de fome, mas assim pra ficar um dia, as vezes dormia sem jantar, porque o garimpo não ofereceu mais condições devido a firma.

Antonio Nilson da Silva

E a polícia tava em cima direto, pra ninguém trabalhar.

Edwiges Ribeiro de Sousa

Até perdemos um colega baleado, que a polícia matou.

Edwiges Ribeiro de Sousa

É a mesma coisa (que está acontecendo hoje no Itatá), aí que eu achei melhor procurar uma terra, pra eu mexer com plantio, como cacau, a mandioca,

o milho, o arroz, o feijão que eu tiro tudinho da minha colônia, é abobora, quiabo, é maxixe, é, o que tem na rua lá pra vender, eu produzo aqui, eu não compro, entendeu? Antes eu criava muito porco, parei de criar por causa de vizinho ruim, aquele vizinho lá do outro lado, pegava matava meus porcos, ainda mandava dizer que tinha matado e tinha comido, se eu achasse ruim, era pra eu ir lá com ele, tudo isso já me aconteceu aqui na região.

Antonio Nilson da Silva

Meu pai é de Mato Grosso e minha mãe é de São Felix, mas eu nasci em redenção, né? Aí igual, vim pra Altamira com 9 anos de idade, quando a mãe do meu pai morreu se desgostou, aí viemos praí, aqui na Ressaca. Eu cheguei eu tinha 18 anos, aí na Ressaca, nova, aí eu trabalhava em garimpo também, aí eu não tive oportunidade de estudar, né? Aí quando foi, eu já tava com 5 anos contigo, né? Aí eu já tinha o Denilson. E né..

Edwiges Ribeiro de Sousa

É, aí eu já tinha o Denilson, aí voltei a estudar de novo, aí estudei, aí fui estudar, porquê a nossa vida é ruim demais, assim sem estudar, né? Até medo de resolver negócio, eu tinha medo de resolver qualquer coisa, porque eu dizia: “Não, o fulano é maior do que eu e eu sou lá embaixo”. Aí eu tinha medo de lutar pelo meu direito, né? Aí eu estudei, me formei, eu tenho o meu ensino médio, eu tenho o magistério, né? Aí, nós viemos pra cá pra colônia, cheguei aqui passava 15 dias na rua, 15 dias aqui, nós fomos pra Belém em 2005, estudar lá na Universidade, passei dois meses em Belém, estudando, aí voltei, e a minha vida era lá e aqui, né? Passava 15 dias lá e 15 dias aqui. Eu tava fazendo aquele PRONEA (na universidade), já ouviu falar? Trazia estudo pra Transamazônica, né? Formando o agricultor e a agricultora, pra dar aula no campo, aí eu fui mais esse, aí passei mais 5 anos, me formando, só que eu não quis seguir, a carreira de professor, porque eu achei muito difícil, mas eu lecionei aqui quatro anos na escola, eu lecionei quatro nos, mas não quis seguir, quis seguir outra profissão, só que aqui na colônia é mais difícil seguir outra profissão, né? Aí eu fiquei parada. ..

Edwiges Ribeiro de Sousa.

Mas tem também, filha, ela sofreu muita discriminação, sabe? Por causa da voz...

Antonio Nilson da Silva

Por causa da gagueira.

Edwiges Ribeiro de Sousa.

..Aí tem muita gente aí que falou que ela não podia ser professora porque ela não fala bem, sabe? Aí apareceu várias oportunidades pra ela ir pra sala de aula, sabe? Mas devido as diretoras da região aqui, que eu não vou citar o nome, que um dia tu vais saber quem é, ela disse: “Não a Eduvirges não pode ir pra sala de aula, porque os meninos não sabem o que ela tá falando”, é discriminação, né? Outro já disse que ela era uma nega que falava ruim, nega do cabelo ruim, isso tudo nós já passamos aqui na região, mas tem, é assim. Nós fecha o olho e finge que não vê, mas já passemos essa discriminação aqui. Pelo menos eu já escutei o pessoal falando pra mim: “Como é que a tua mulher vai pegar uma sala de aula se ela não tem voz pra...”. Até um dia eu falei pra um cara: “quem manda não é a voz, entendeu? Que ela não vai ensinar a pessoa a falar, ela vai botar o dever lá no quadro e quem vai aprender o que ela botou lá no quadro, né?”. Por que tu é professora, tu vais ensinar o cara a falar? Não tu tens que ensinar ele lê e escrever, aí ele vai aprender o que tu tá ensinando pra ele, não tô certo? Pois foi assim que eu falei pro cara, aí ele: “Ah mas quando ela for explicar alguma coisa como é que o menino vai entender ela?”

Antonio Nilson da Silva

Só que eu achei, como é que é? debati muito a respeito de... eu tinha vontade de dar aula na minha profissão, só que não quiseram, botaram outra, né? Aí a outra não tem, é só aquele trabalho ali, entendeu? Pelo dinheiro. Ela nem tá ligando pra que os alunos aprendem, entendeu? Ela não tá nem ligando, final de mês e vê o dinheiro dela no bolso, tá tudo bem, aí aquilo perdeu, porque eu dei aula quatro anos e os meus alunos não sabiam nem pegar no lápis, saiu todo mundo lendo, escrevendo.

Edwiges Ribeiro de Sousa

Eu sou descendente de Cearense, meu vô é cearense, a minha vó e maranhense, né? E, meu vô por parte de pai é de Roraima, e minha vó é índia, de Belém, Marapanim, que eu até falei pra vocês que tem uma aldeia lá, em Marapanim. Então eu sou dessa descendência de gente, eu tenho meio mundo de mistura, sabe? Eu sou paraense, eu nasci e me criei em Vitória do Xingu, mas eu nasci e me criei ali assim, eu saí de Vitória, com nove anos de idade, aí vim pro município de Vitória,

do município do 20 de Vitória que é lá onde mora minha família, né? Aí, quando eu tava com 19, 18 anos foi quando minha mãe pegou as coisas dela vendeu e disse que ia pro baixo Amazonas, eu fui e falei: “Mãe, eu não vou, eu não vou, porque eu to cansado dessa vida, o pai deixou isso aqui pra nós”. Ela vendeu, “Aí eu não tenho queixa do meu padrasto nem da senhora, mas eu não vou, eu vou ficar”. Aí quando ela saiu com dois anos eu entrei no garimpo, aí trabalhei foi 29 anos de garimpo, entendeu? Ai depois do garimpo que eu vim pra cá pra região e hoje eu tô aqui situado com a minha família e com minha mulher, aqui que é meu sítio né, que eu falo, é nosso né, é da família.

Antonio Nilson da Silva

O meu tem a divindade, né? O Espírito Santo, vocês já ouviram falar da festividade? Que veio da minha vó, né? Aí quando aminha vó morreu passou pra minha mãe, aí quando minha mãe morreu, né, eu fiquei tomando de conta, aí tem a festividade, todo ano, mas depois que ela morreu não fiz festa, fiz só o terço, todo ano eu dou comida, e todo ano eu rezo o terço, é fim de junho. Passou pra minha mãe (quando a vó dela morreu), inclusive eu tenho até a bandeira do Divino lá em casa, a bandeira, que a gente passa oito dias em casa em casa, cantando e rezando, aí quando retorna pra casa faz a festa. É (é como se fosse uma novena), aí tem a bandeira, e a gente vai cantando, né? E batendo no tambor, as vezes a gente passa oito dias de casa em casa, com oito dias a gente voltava pra casa do terço, né? Onde é celebrada a missa e o terço e a festa.

Edwiges Ribeiro de Sousa

Na minha também tinha, porque lá onde eu fui criado, e que foi no município do Vinte de Vitória, lá festeja a Nossa Senhora da Conceição, todos os anos, é, e vai passando de pai pra filho, todos anos, e hoje eu não sei, porque eu nunca mais fui lá, mas eu tenho certeza que é o Vitor, meu primo, e o Divo, meu primo que cuida. Aí e agora eu recebi todo ano, eu rezava o terço pra Santo Luzia, porque lá é Nossa Senhora da Conceição, e aqui todo ano eu to rezando um terço pra Santa Luzia, eu faço isso, já não dei foi festa, depois que eu vi várias coisas, na minha vida, entendeu? Eu fiquei meio nervoso com esse negócio de festa, esse negócio de briga, essas coisas, porque muitas vezes, o cara vai lá na tua festa, tá tão legal, né? Começa a querer brigar, né? Aí eu fico... sempre eu gosto mais de convidar a família, entendeu? Não gosto de convidar muita gente pra não dar enxame, porque um cara leva um litro de pinga,

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

o outro já leva uma pistola na cintura, outro já leva uma faca, a lei daqui é preciso o cara pagar segurança, e eu não tenho dinheiro pra pagar uma segurança pra fazer um festejo, por enquanto, né? Nesse ano eu estava até com vontade de fazer um festejo, que é o do Divino Espírito Santo, que é o dela e que é o mais, o meu mesmo é só o terço, porque é promessa, eu tenho que cumpri, a minha promessa que eu fiz, porque eu tava muito ruim da minha vista e falei que Santa Luzia me ajudasse, que eu ficasse melhor ou ficasse bom da minha vista eu ia mandar rezar o terço todo ano e dá uma comida pro pessoal, uma janta, um almoço, foi isso que eu prometi, não prometi festa, sabe? Porque aí, já tem o dela, é muito pesado o dela, é porque o dela já tem muita coisa, é tocador, a valência é que o irmão dela tem uma aparelhagem, né? O João Neto já tá no bico da linha, pro cara vim aqui é mil, mil e quinhentos contos, aí nós só traz o aparelho dele, só pago o carro e pra voltar com ela pra lá pra rua.

Antonio Nilson da Silva

|| Ainda tem oito reuniões, e tem que dá a comida, tem que dar tudo.

Edwiges Ribeiro de Sousa

|| E é oito dias de festa, aí eu fiquei de dar só o terço de Santa Luzia, né? E também ajudar no Divino Espírito Santo.

Antonio Nilson da Silva

|| O festejo faço todo ano, faço bolo de tapioca, bolo de puba, já viu aquele beijinho de moça de tapioca? Eu faço.

Edwiges Ribeiro de Sousa



Edwiges Ribeiro de Sousa mostra a Bandeira do Divino.

Apresentação do croqui elaborado no travessão do Miro

|| Aqui é o igarapé Ituna, aqui é o TransRessaca, aí beirando a estrada, beirando o Ituna aqui tem a

fazenda do Taradão, aqui beirando aqui é o Rosildo, a estrada aqui lateral, aqui seu Zé Moreira, a frente dele faz lateral com o Goiano, o Goiano aqui, aqui tá o Messias, bem aqui é a Sônia, dona Sônia, esses lotes tudinho fazem frente com o travessão do Miro.

Fátima: cadê o meu, o meu é de frente com o da dona Sônia. Aqui tá a mãezinha (d. Fátima) bem aqui, aqui tem sete moradores aqui, na mãezinha, aí aqui vem o Antônio, aqui o Miro, o Maro, a Eduvirges, a mãe, o Chiquinho, o Zé da Nove, aí aqui tá o seu Zé do Mauro, o Dilso, o Pato, e o Arroz, no nosso mapa aí. Pra cá, descendo o travessão do Miro, na estrada do Transressaca, tem a dona Rosa, o Baiano e a Mara, só que aqui tem mais um morador também, o Tarcísio, o Simazão. Disque ele já vendeu o Lote pra Belo Sun. Não sei disque ele, disque né, mas eu não sei não.

Nailson Ribeiro da Silva

|| Dentro do lote da dona Fátima, aí tem um monte de gente; tem moradores, tem aqui, tem a Suely, o Torcinha, a Fatima. Suely, o bar ali, o Dedê, o Chico Matador, o Zoelho e o Basilio, né? Tem mais? E aquele outro homem ali que eu não sei como é o nome dele.

Nailson Ribeiro da Silva

|| Os maiores lotes: da Mãezinha (d. Fátima), o da Mãe (d. Edwirges), tem mais gente, o seu Zé da Nove, também tem uns 4 ou 5 morador, e o Chiquinho também tem 3 moradores, que são lotes que tem chácara.

Eu vim lá do Beiradão, travessão do Pirarará pra cá, eu sou filha de Altamira. Sou filha natural. É, de lá eu vim pra cá. Mudei, é porque a terra de lá eu não gostava, que era muito acidentada, não gostava de lá. Achei bom foi aqui. Eu montei um bar pra caçar um meio de sobrevivência né?! Quando eu me separei do pai do meus meninos, os meninos tudo pequeno. Como eu falei pra vocês, eu ia daqui pra Ressaca vender verduras mas só era a feirinha da semana, o sábado que eu não ia passava necessidade em casa. Aí eu fui e montei esse barzinho aqui, comecei num bar de madeira ali atrás, derrubei e construí novamente e tô aqui e só Deus é que sabe quando vai me tirar daqui. Sempre vendi bebida mesmo, mas eu vendo de tudo arroz, feijão, óleo, açúcar, trigo, macarrão, farinha tudo. É um bar mas é tipo uma mercearia de tudo tem um pouquinho.

Rosa Maris da Silva



Oficina da Nova Cartografia Social no Travessão do Miro

Dá, infelizmente dá. Assim, primeiramente Deus, trabalhar com Deus, que quem segura na mãos de Deus não cai. E outro também, eu trabalho sempre legalizado com justiça, eu tenho licença. Aí quando eu vou fazer um evento grande, igual sábado passado que eu fiz uma festa aqui, aí trago polícia, segurança, cantor. E um dia se der problema eu vou lá (peço) paz pra um pra outro, graça a deus, sou muito conhecida, todo mundo me respeita, graça a deus, o trabalho é esse. Graça a Deus, até hoje ninguém mexeu comigo, não, e espero que não, que Deus tire as coisas ruins de perto de nós.

Os meus pais são paraenses, meus avós são paraibanos, meus pais são daqui. Não sei da história deles como foi que eles chegaram aqui não. O meu avô era seringueiro na beira do rio, lá pro lado de Vitória, tirava leite de seringa. Agora, minha mãe, meu pai sempre foram agricultor mesmo, trabalhemos de roça. Conheci, os meus avós tudinho eu conheci. Morreram eu já era adulta. Até hoje minha vó é viva ela mora em Senador José Porfírio, tem 82 anos ou é 85. Eles trabalhavam de roça mesmo, trabalharam na agricultura mesmo.

Eu senti mudanças com a barragem. Sim senti, porque a nossas águas aqui depois que fizeram essas barragens lá, ela mudou muito, ela baixou. Quando é tempo de cheia não, transborda, mas quando chega o tempo da seca. Tinha um poço aqui ele era de 12m depois dessa barragem lá eu tive que cavar ele duas vezes. Você tirava 2,3 baldes d'água a água ficava lá em baixo, só a lama, aí tinha que cavar.

Eu tenho, 6 filhos, só tem 2 que mora aqui mais eu. O outro trabalha mora na cidade. Meu marido é daqui. A gente tem sempre umas orações da gente que entrega a vida de vocês, dos netos a própria da gente mesmo. Eu tenho um costume comigo, na hora que eu boto meu pé no chão já tô pedindo a Deus pelo aquele dia, agradecendo pela aquele dia, aquela noite, agradecer pela doença, pela tristeza você não pode só agradecer pela sua alegria, tem que agradecer por tudo na vida. Tem gente que tá doente e diz: "Ah, não sei o que foi que eu fiz!", "alguma coisa ele fez, ele tá pagando aquilo ali". Então eu acho muito importante você agradecer por tudo na sua vida. Isso aprendi com a minha família, meus avós, minha mãe, minhas tias. Todo mundo era católico.

A mina vó comemorava são Benedito, aquele santo que tem a imagem dele bem ali, lá no vinte de Vitória, todo ano. Dia 5 de outubro. Já ouvi falar da festa de São Benedito, em Bragança, mais eu nunca participei, eu tenho vontade de participar em Gurupá, tem também um festejo deles diz que é muito bonito. Também nunca fui, mas tenho vontade de ir lá.

Quando eu cheguei aqui era só mata, só o deserto, não tinha estrada, não tinha nada só o caminho dentro da mata. Tudo, tudo, não tinha abertura em canto nenhum, nós que abrimos. Esse lote aqui foi o primeiro mato a ser cortado, foi nós que cortamos.



Dona Rosa Maris da Silva no seu bar.

Quando eu montei o bar já tinha a estrada. Ela era desse mesmo jeito não aumentou nem diminuiu. Aqui eu tô com 17 anos, e eu tô aqui nesse lote. Eu planto arroz, feijão, mandioca, macaxeira, banana. Planto tudo isso. Rapaz eu tinha muita planta de remédio, com esse verão aí eu começo a sair de um canto pra outro, eu tinha muita coisa hortelã, malva grossa, boldo do chile muito bom pro estômago. Tenho uma planta ali que diz que ela é medicinal, mas não sei o nome dela, ela é uma arvorezinha que cresce aí você pinga, quando tu quebra a folha dela sai um leite aí tu pinga três pingos dentro de uma garrafa dessa aqui de coca, ela parece pimenta mas diz que pra gastrite, ulcera não tem! Mas eu não sei o nome dessa planta. Tem ali também um pé dela.

Eu ia contar a minha história do meu sofrimento e até agora onde eu estou. Posso, eu vim pra cá em 1999, nós carregamos as coisinhas que tinha na cabeça, aí eu rocei ali a beira do baixãozinho ali eu plantava alface, o pepino, pimenta de cheiro, maxixe, quiabo, aí meus meninos subiam no açazeiro e tiravam açai. Eu pisava no pilão, coava, fazia aquele açai e levava pra Ressaca nós saímos 2h, 3h da manhã, quando nós chegávamos na Ressaca era 7:30h, 8hs do dia de pé, tirava aquelas mercadorias, saía de porta em porta vendendo, aí quando eu vendia, entrava em um comérciuzinho pegava o dinheirinho e fazia a ferinha. Pra trás de novo, quando eu vinha chegar aqui já era 7hs, 8hs da noite de novo.

Não, de sábado em sábado que eu ia, no correr da semana eu ia cuidar da molecada e da roça. Mas todo sábado, e acredita que eu acostumei? Que o sábado que eu não ia, pra mim não era sábado. Se acostumou mesmo. Eu vi uma onça aí nessa estrada bonita, é bonita, muito bonita ela selvagem assim no mato, só que quem tem coragem, você se arrepiá todinha que é um animal selvagem, mas ela é muito bonita, viva assim no mato é muito bonita. Eu vi uma preta e vi uma pintada nessa estrada aí.

Ela só olhou assim aí era eu mais meu menino, ela só olhou assim. Sempre eu falo tem gente que tem

raiva de tu e dá risada, aí igual a onça, a onça perto de tu ela mostra logo o dentão, ela tá sorrindo mas ela quer é te morder. Só olhou pra nós assim, abriu o dentão e pulou pra dentro do mato de volta, e o meu menino “mãe, nós vão passar ali?”, “Vamos ela seguiu o caminho dela nós vamos seguir o nosso”.

Visagem é? Tem gente que corre, não espera não. Agora eu mesmo, nunca vi visagem, não. Na verdade, eu vi uma coisa uma vez dentro da minha casa, mas não pude também entender o que era, uma pessoa 12hs da noite bebendo água do pote, lembra de pote? Não tinha uns potões assim, pois é, a gente enchia ele de água pegava uma tampa de panela e emborcava o copo encima, essa pessoa chegou de noite tirou o copo, meteu dentro da água, não tem aquelas pessoas que bebem água assim “gut, gut, gut”?! Aqueles goles, aí eu escutei aquela pessoa bebendo água, quando aquietou os cabelos começou arrepiando assim. Esse negócio não tá certo não, levantei, aí peguei uma lanterna e fui na salinha. Não tinha ninguém, ninguém e eu fiquei ruim, eu deitava que disse eu dormia mais, eu cozinhava lenha, queimei a lenha todinha de eu queimar em uma semana eu gastei nessa noite em claro, não dormi mais não, também foi só isso depois não vi mais nada não. Tem muita gente que corre com medo, meu menino uma vez deu uma carreira dali quase que se mata dizendo que tinha um homem branco na beira do caminho, ele saiu pra lá e de um vento, a folha da embaúba é branca o vento virou a folha quando ele vem de lá pra cá diz que viu aquele homem se mexendo, chegou aqui em um desespero: “bora lá menino” peguei minha lanterna e espingarda, bem ali do lado da ponte chegamos lá eu vi de longe, “ih, acho que sei do que esse caboclo morreu”, “isso é bala?”, “não tava aqui na frente aqui, moço tu viu foi essa folha aqui” O medo as vezes faz a pessoa também, mas eu nunca vi nada não.

Travessão do Goiano



Sr. Goiano, Sr. José Zé Moreira e Sr. Antônio Nilson olhando o croqui dos Travessões do Miro e Goiano.

Meu nome é Zé Moreira da Silva, moramos no ramal do Goiano, e o problema do documento que eles estão fazendo, que eles tão fazendo só da metade da terra da gente, no caso tão tirando a metade, enganaram a gente, nem explicaram o que tavam fazendo. Falaram que era um documento, um título definitivo no caso é só com 5 anos e é só de metade da terra. Fizeram a gente assinar. Sem saber de nada. Sem saber o que a gente tava assinando, não explicaram nada. Aí a gente tá preocupado, porque nossa terra não é só esse que eles tão dizendo. E pior que eles fizeram o título, sem nem a data de quando a gente começou a trabalhar na área. Não tem lá no papel a data. Porque a gente entrou aqui de 1999 pra 2000. E nossa área também não foi dada pelo INCRA, nós que compramos o direito. Direito de grileiro junto com o resto do INCRA lá. Tá assim essa situação a gente não sabe pra quem falar. E sobre a mineração aí também fica preocupado de eles já tiraram as pessoas, no caso de tirando de pouquinho vai empurrando o pessoal com a barriga. É isso que acontece.

José Moreira da Silva.

Oficina com moradores da Ilha da Fazenda

A Norte Energia prometeu umas coisas aqui mas não aconteceu, prometeu fazer um posto de saúde aqui e até hoje não saiu ainda, fez um negócio de uns esgotos pras foças e as coisas. Começou mas não terminou e até parou. A água também né!

Sebastião Almeida

E as coisas que eu vi os amigos falar ali, eles tavam falando certo, porque aqui chegou uma toldar esse rio aqui que ele não ficou com serviço pra nada, nem pra pescar o pessoal não pescava, ainda chegou a arrebentar ai. A água ficou tão suja de um jeito que ela não serviu pra nada nem pra pescar o povo ia pescar. Dava uma coceira danada e e as vezes a gente acha que parecia praia, a areia morta (...) desse tamanho assim em cima das pedras, ali onde pesca carizinho, um bocado de dia sem pescar... até enxergava mas quando chegava perto ai toldava.

Lucilene Santos Assunção



Grupo de participantes na oficina assiste o vídeo sobre o desastre de Mariana (MG).

É a mesma coisa que você (refere um morador) falando aqui, cada vez mais tá pior, eles não... aqui é que nem o ele falou, aqui não tem nada, não tem posto de saúde, não tem energia pra nós, que tem energia ai que quando falta o óleo fica tudo no escuro, tem que dar um jeito pra ter energia, porque a energia acho que passa bem ai, acho que não dá nem 400 metros daqui pra li, dá cobal? Daqui ali pro morro ali do Henrique? Talvez dê e aqui pra nós nada, bem aqui tem energia, bem ali do outro lado e aqui não tem né? Água? Se teve aqui depois que eu vim pra cá, deixa eu ver, passou um ano? A água? Passou não né, passou nada! já não teve mais água, porque a água não é boa, a água é da cor de quando a gente lava, não sei se a senhora conhece tapioca, mas quando lava assim passa mão fica aquela água branca, coloca na panela a panela fica roxa, aqui a gente não se vê nada, aqui não tem nada pra gente, assim por exemplo, nem nunca teve aqui, aqui nunca teve nada bom, aqui nem nenhum olha pra gente aqui. Eu nasci e me criei aqui, eu nasci em 1977 eu já vou fazer 40 anos, nasci e me criei aqui, fui me embora pra cidade, quando tavam coisando essa barragem ai, fui procurar serviço pra lá, que nem eu trabalhei, voltei de novo pra cá. Porque aqui não tinha nada, não tem emprego aqui não tem nada aqui é um lugar esquecido, até pra gente trabalhar aqui se não for pescar vender um cambinho de peixe ou pescar um carizinho que nem é a nossa função não tem dinheiro, aqui é acabado! Aqui tinha no tempo dos garimpos mas até isso pararam ai ó, que era Galo, Ressaca. Acabaram com os garimpos, agora acabou tudo. Agora vamos esperar o que essa outra vai fazer ai, que eu acho que vão fazer a mesma coisa, a Belo Sun; porque vem aqui fala uma coisinha aqui outra acolá, ai só apertando que só falta uma assinatura ai. Eeu acho que parece que é até do pessoal da FUNAI, quando essa assinatura sair vai ver só vão chegar ai vão abafar tudo ai, esqueceu. Porque o pessoal da Ressaca vai sair e essa ilha da Fazenda se ficar, ai é que vai ficar feio porque não vai ter pra onde você correr, é tristeza, porque

não vai ter ninguém. A ilha da Fazenda é ai na Ressaca onde a gente compra um gelo pra pescar né, os pescador, ai onde vai tem açougue, ne? tem supermercado porque aqui só tem o comerciozinho do seu Otavio e o do Babá. Ai quando falta alguma coisa aqui tem que correr na Ressaca, e a Ressaca saindo, desaparecendo esse pessoal de lá, como a ilha da Fazenda vai ficar o que? Voadeira é aquela que não vai ter mais. Até pra gente ir pra Altamira tá ruim, que antigamente tinha a voadeira. A Norte Energia colocou a voadeira ali pra atravessar a gente do largo, né passava as vezes, que nem nosso barco é pequenininho, agora não tem mais, nós ia se alagando duas vezes. Porque dinheiro nós não tem pra pagar a voadeira, é cinquentão né? Pagar duas, três passagens. Mana, a gente passa o dia todinho daqui pra Altamira pra poder chegar lá no nosso barquinho, o banheiro é muito perigoso depois da barragem...

Sair, eu acho que meus colegas concordam tudinho aqui, porque aqui vai ficar no zero, a Ilha da Fazenda vai, porque o pessoal da Ressaca vai sair, Galo, Ressaca, aonde era o Ouro Verde né? O pessoal tudinho já vão, porque a terra lá; Belo Sun já comprou, ai fica aqui a ilha da Fazenda sozinha, com esse pouquinho aqui de gente, não vai mais ter a voadeira pra gente ir pra Altamira. Nosso direito eles têm que pelo menos pagar, ne? Nossos direitos, nossas moradias, que não é muito digna assim, muito boa não, mas se pra eles isso ai não é nada... pra mim é muito. Eu tenho minhas plantações, meu pé de cacau, de cupu, tudo eu já tenho plantado, entendeu? Ai agora a gente vai roçar roça, ai a gente vai sair e vai viver do que? Eu? Lá na "rua" (Altamira) eu não me dou lá, eu passo um mês lá e dois meses aqui, quando vou lá, eu tenho filho estudando também, tenho neto, ai eu vou lá e volto rapidola pra cá, porque eu não me dou na "rua". E eu queria assim, entendeu? porque eles tão loteando essas terras dali de cima, se eles me dessem um pedaço lá pra mim, eu não me importaria não. Pois é, mas é aqui por cima da barragem, que eles já indenizarão, não tem? Dos ribeirinhos, eles tão loteando, é 200 de frente com 400 de fundo, uma terra dessa era suficiente pra gente morar lá.

Rosilda da Costa da Silva

|| Sabe porque eles vão sair (os moradores da Ressaca)? Porque eles vão chegar com dinheiro, entendeu? É igual aquele pessoal de Altamira, "ah eu não quero sair da minha casa, ah eu não quero, mas quando esse pessoal que tem grana chega, mana, eles passam por cima de tudo e de todos, que tem muita gente que não queriam sair das casinhas, eu fiz é foi ver, entendeu? Das suas casas, mandaram passar foi o trator por cima, uma casa

que valia um milhão, eles chegavam lá pra pagar o pessoal não queria, quando eles vinham outra vez, já vinham com 900, e ai só ia baixando, entendeu? Quando não queriam pegar eles passavam por cima e derrubavam ainda davam aquela mixaria, eu falo isso, porque eu vi! Eu passei, eu andava com essa Antônia Melo que vi ela bem aí, do Movimento Xingu vivo para Sempre, eu andava com ela era muito, a gente vinha pra essas cosias, ela me chamava, a gente vinha pra cima dessa barragem fazer manifestação, tudo isso nós ia pra não tirar o pessoal dos seus cantos, e eles passavam por cima mesmo e tiravam e não tava nem ai. E aqui eles vão dá assim, eles vão dizer: "Eu vou te dar tanto, pega tanto aqui e sai, ai nunca viram aquele tanto de dinheiro pega ali vara ali eles saí tudinho, aqui o que tá mais difícil de sair é essa ilha da Fazenda bem aqui!

Rosilda da Costa da Silva



Rosilda da Costa Silva e João Lisboa
Sobrinho na oficina de cartografia

|| Lutar, o negócio aqui é porque se todos lutassem era bom, mas vai um se levantar bem daqui chamar os outros pra ir, mil vezes conversar, sentar e conversar, ninguém não leva, ninguém não vai, porque ninguém não deixa. Aí o problema fica isso, porque fica assim ó esperando sentado que venha de lá, mas se ajunta um grupo ai de pessoa: "Vamos lá, vamos conversar, vamos sentar e conversar porque depois que sair, eles pegarem essa assinatura e adeus minha filha, ó, pode dar adeus... É isso que eles querem, aqui as pessoas pedem pracinha, pra que pracinha? Campo, Pra que campo? Criatório de peixe. quem vai criar peixe num rio desses? Ai eles vem perguntando se querem criatório de peixes, se querem criar galinha, que todo mundo aqui sabe criar galinha, Eu não vou querer aqueles pintos deles porque eu crio minhas galinhas caipira, não é caipirão, não, entendeu? Aqueles de granja só congelado mesmo. Eu não crio. Ai vem com esse negócio.. ah um projeto, um curso de corte e costura, um curso de que? Tem que dar um curso pelo menos de Informática, Técnico de Mineração, porque vai ter a mineração, não! É de corte e costura, um crochezinha, não, isso ai não é comigo não! Eu não coloco nem meu nome

num caderno, não coloco mesmo, ainda vem com criação de galinha, não! Já tenho as minhas, deixa que as minhas eu to criando, deixa pra lá, pra que isso? Aí isso só vem abafando, só! Cada vez, só indo e eles levando, empurrando e as pessoas só caladas escutando. Não, não é assim não! Eu não falo nada não, porque se eu falo alguma coisa numa hora dessas, mana sai tanta coisa da minha boca que é arriscado até o pessoal pegar aqui e me lixar porque eu não fico calada não. É difícil eu vir numa reunião deles quando eu venho só falam em galinha, criatório de peixes e pracinha..Aí fica todo mundo ali escutando e dizendo “tá, tá bom isso aí”. Não, não é assim não! né? Tem que dizer não eu não quero; já tenho minhas galinhas, vamos lá no rio nós pesca, pra isso eu sei pescar, graças a Deus, nós come, pra que criar peixe aqui? Ai é isso, querem fazer igual lá na aldeia, lá na aldeia tá certo, lá na terra, lá eles não vão mais ter nada, lá eles dão pinto pra criar, lá eles dão criatório de peixe, mas aqui não é uma aldeia, aqui é uma comunidade!

Rosilda da Costa da Silva



Participantes da reunião na Ilha da Fazenda.
Sebastião Almeida, Antônio Paulo de Almeida

|| Pois é, aqui era pra ter um Caixa Econômica, pelo menos da Caixa Econômica, porque todo mundo recebe bolsa família! Ai recebe 200 e pouco, paga 100 de passagem, porque é 50 de ida e 50 de vinda, né? Ai vai tem a comida, né mana? Porque ninguém vai ficar lá com fome, ai quando vem cadê o bolsa família? Sumiu, porque uma coisa dessa tão antiga que nem ilha de Fazenda e Ressaca já era pra ter, pelo menos um da Caixa, ai ficava um responsável, né? Quando fosse o dia de tirar o dinheiro assim próximo colocava num cantinho lá todo mundo ia lá tirava seu bolsa família tranquilo talvez até gastava aqui mesmo não ia nem gastar com os pilotes de voadeira daqui pra lá.

Sebastião Almeida

|| Porque pelo o que eu sei, minha sobrinha é engenheira florestal ela trabalha com a Semas e

com o IBAMA, ai eles tavam numa reunião, porque ela sempre vai nessas reuniões, ai ela foi pra reunião da Belo Sun, olha o que ele falou, ele disse que o pessoal daqui, acho q só tem 3 pessoas que eu falei isso, agora que eu fui pra rua que ela me passa tudinho né? O ela sabe lá ela me diz, que o pessoal daqui da ilha da fazenda não ia sair agora tão cedo, ia sair do galo, é por isso que eu to lhe dizendo, ressaca, essa turma daí todinha ia ser tirado eu não sei se é, 10 mil metros pra dentro, não tem? Daqui da beira pra dentro, ia tirar esse pessoal, a ilha da fazenda ia ficar, ia não, vai ficar, aqui vai ser, que nem a senhora diz, um ponto turístico, aqui é onde vai ficar pra fornecer o pessoal da Belo Sun, os pescadores, é por que ela veio com negócio de horta bem aqui, falando bem aqui numa reunião que teve no colégio, que eu participei? Ela falou em negócio de horta, eles falaram lá também que vai quem quiser fazer horta pra fornecer Belo Sun, pescador, e aqui iam colocar dois ou três, gente deles lá né? Açougue, ai ia ter um supermercado, aqui, grande, tudo isso eu to sabendo e aqui ninguém num sabe, se sabe ninguém num fala nada... aí depois que eles iam ver se eles vão tirar, quando começarem a trabalhar ai, porque enquanto eles tiverem fazendo alojamento, as estradas, tudinho, ajeitando ne, a ilha da fazenda não ia sair... ai porque que eles queriam que as pessoas criassem galinha aqui, né? Pra pegar já, as galinhas daqui, quem cria né, por exemplo, eu crio, né? Três meses que eles dão ração, de três meses em diante você toma de conta... o meu come é milho, ai tem que criar tudo na ração ai quando eles vier, ai daqueles oitenta pintos você já tem mais né que ali as galinha botaram, você chocando, e criando, ai dali eles pega, por exemplo, vinte da Nena, vinte do Cobal, vinte meu, vinte dele, né e vai pegando, de cada qual eles pegam um tanto, ai eles te pagam, é isso que eles querem, é isso, e as hortas do mesmo jeito, eles não falaram naquele dia de horta, não foi ai? As hortas também do mesmo jeito... pra fornecer Belo Sun, porque enquanto eles tiverem fazendo negócio de alojamento e coisa não vai ter pra onde tirar isso aqui não.

Lucilene Santos Assunção

POVOS TRADICIONAIS DA VOLTA GRANDE DO XINGU:

Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores

Pescadores na Volta Grande do Xingu informam situações da pesca após a construção da UHE Belo Monte

Hoje a ilha Fazenda tem 61 casas, mas já teve 400. O problema da ilha é que tem muita saúva e é difícil cultivar. Praticamente o pessoal todo depende do garimpo na Ressaca. Lá trabalham e no final do dia regressam na ilha. Alguns peixes já desapareceram como o Curumatá, Pacu pela falta de água. Ainda encontra-se Tucunare, Pescada, Cachorra, Surubim, Pirara, Barbaxa, Aridua, Piranha, Fidalgo, Bico de Pato, Jau, Curubina Piau, Pacu Capivara, Trairão, Traira Branca, Braço de Moça, Filhote, Suriu, Vermelho – esses são peixes de couro.

Miguel Carneiro de Sousa (desenhista das lendas dos peixes).



Senhores Antônio de Paulo Almeida e Miguel Carneiro de Sousa colaboraram no desenho de lendas.



Sequência de croquis da Ilha da fazenda

CONTATOS:

Movimento Xingu Vivo

xinguvivo@yahoo.com.br

tel: +55 (93) 3515.2927

skype: xingu.vivo1

COOMGRIF

Vila da Ressaca

Município Senador José Porfírio

1. Ribeirinhos em Defesa do Rio Tapajós - Comunidade Pimental - Trairão e Itaituba • PA
2. La Marina - Barrio, Identidad, Religión y Tradición • Cuba
3. Iroko, El Espíritu de lo Sagrado - Identidad de la Comunidad de La Ceiba, Balcón Arimao, La Habana • Cuba
4. Cartografia Social de Trindade - A pesca artesanal da comunidade tradicional caiçara de Trindade - Paraty • RJ
5. Comunidades Quilombolas do Jalapão - Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação • TO
6. Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco - Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas • MG
7. Entre a Aldeia e a Cidade: O Povo Mura na Construção do Movimento Indígena em Manicoré-AM.
8. Ribeirinhos da Ilha do Capim frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins
9. O Povo Mura do Rio Itaparanã: Situações de Conflito, Resistências e Luta pela Demarcação de suas Terras
10. "o Jogo do Índio" Jogos Interculturais Indígenas - Manaus a Grande Aldeia
11. Atingidos pelo Projeto Minas-Rio: Comunidade à jusante da Barragem de Rejeitos

12. Povos tradicionais da Volta Grande do Xingu: Garimpeiros, Agricultores Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores



REALIZAÇÃO



COOMGRIF

APOIO



Campus de Altamira
Faculdade de Etnodiversidade



FORDFOUNDATION

PNCSA

CARTOGRAFIA
DA CARTOGRAFIA